



Aguardando o momento do «abraço amigo», Sanches Osório identifica-se junto do agente da P.S.P. à entrada da residência de António de Spínola em Lisboa, depois do seu recente regresso. Sanches Osório, fundador do Partido Democrata-Cristão e actual director do semanário «Liberdade», ele próprio regressado há pouco tempo a Portugal, é dado como um dos elementos responsáveis do M.D.L.P. num artigo de Abril último da revista «Temoignage Chretien».

REVISTA NORTE-AMERICANA REVELA

O M.D.L.P./E.L.P. não foi extinto

O M.D.L.P./E.L.P. não está desactivado. Foi apenas silenciado temporariamente pelos seus patrões da C.I.A. e das grandes corporações financeiras ocidentais. Em terras de Espanha, no Brasil e em França, a rede do M.D.L.P./E.L.P. intacta, aguarda.

Para já, o período é de expectativa. Os «patrões» da reacção optaram pela via «legal», tentando inflectir o processo português no sentido dos seus interesses. Porém, se a tática falhar, lá estarão as forças clandestinas do M.D.L.P./E.L.P. para entrar de novo em acção.

A actualização do M.D.L.P./E.L.P. desde a sua fundação até ao período constitucional iniciado com as eleições legislativas de 25 de Abril, a estratégia do movimento contra-revolucionário clandestino, o papel desempenhado por figuras de relevo do antigo regime, e do 11 de Março no seu interior, bem como a sua ligação aos golpes reaccionários perpetrados nas ex-colónias antes da independência, são postos a claro num extenso artigo da revista norte-ame-

ricana «CounterSpy», que publicaremos na nossa edição de segunda-feira, dia 30.

Dele se conclui que o regresso de Spínola, o desmantelamento da rede terrorista-bombista que continua a ser intentado e a actividade da reacção interna legal, são apenas aspectos de um vasto problema que está longe de ser resolvido.

A Namíbia em discussão na O.N.U.

O Conselho das Nações Unidas para a Namíbia rejeitou um comunicado emitido por uma Conferência Constitucional em Windhoek, capital do território, propondo 31 de Dezembro de 1978 como data para a independência do território.

O prazo concedido à África do Sul pelo Conselho de Segurança termina em 31 de corrente.

Pág. 8

CONFIRMA-SE NOTÍCIA DO «DL»

Bombista era secretário de comissão de fundos do C.D.S.

No seu número de 5 de Março último, o semanário de Ponte de Lima, «Cardeal Saraiva», noticiava o jantar num restaurante da vila de três comissões do CDS. Numa delas, a de angariação de fundos, surge o nome do empreiteiro João Martins Fernandes, o «Veríssimo», na qualidade de secretário. A este facto, que contraria recente comunicado daquele partido negando a existência de militantes seus envolvidos nos actos bombistas, há a acrescentar a notícia de que o «Veríssimo», só para o ano corrente havia requisitado dois mil e 274 quilos de explosivos.

Entretanto, e enquanto se aguardam novas acareações e consequentes revelações, registamos declarações do marido da mulher morta pela explosão de Santo Tirso que desmente declarações do advogado do comendador Abílio de Oliveira, dr. Abran-

ches Ferrão. O partido Centro Democrático Social (CDS), que a partir de determinada altura das investigações sobre a rede bombista apareceu referido, dado o envolvimento de elementos seus nos atentados, emitiu em 13 do corrente um comunicado em que afirma ir processar órgãos de Informação pelo estabelecimento da correlação entre presumíveis bombistas e o CDS.

Mais dizia o comunicado, textualmente, que **nenhum dos indivíduos presos foi ou é filho do partido.**

Nesse mesmo dia, o «Diário de Lisboa» na reportagem sobre as investigações da Judiciária já referia que um dos fornecedores de explosivos da célula terrorista seria um empreiteiro de Ponte de Lima. A 19 de Agosto, a notícia «DL» confirmava-se: a PJ havia deti-

do, dias antes, João Martins Fernandes, mais conhecido por João Veríssimo, empreiteiro e proprietário de uma pedreira em Ponte de Lima.

Ora, mais provas chegaram da vila minhota até a nossa redacção. Parecem suficientes para que os partidos que representam a direita passem a ter mais cuidado quando negam a filiação dos seus militantes, caso eles surjam em público na sua verdadeira dimensão. A fotocópia que reproduzimos é clara: trata-se de uma notícia inserta na edição de 5 de Março do semanário de Ponte de Lima, «Cardeal Saraiva» sobre um jantar realizado na vila e que reuniu **todas as três comissões do CDS — Partido do Centro Democrático.**

Lá aparece, como secretário da Comissão de Angariação de Fundos, o sr. João Martins Fer-

Vida Política

O C.D.S. de Ponte de Lima, informa:

Num restaurante desta vila, reuniu há dias num jantar, todos os três Comissões do C.D.S. — PARTIDO DO CENTRO DEMOCRÁTICO SOCIAL.

Ele a actual constituição:

Comissão Executiva Concelhia: — Presidente—Mário José Pires; Secretário—Manuel Fernandes Carneiro; Tesoureiro—Alcides Ferreira; Vogais—Gaspar e Manuel Pereira Fernandes; Malos.

Ponte de Lima, 5 de Março de 1976

ANO LXVI

cre

Rosa Silva

Acácio

Da Silva

Comissão Executiva de Angariação de Fundos: Presidente—António Pires da Silva; Secretário—João Martins Fernandes; Tesoureiro—Alcides Ferreira; Malos.

Presidiu a esta reunião o Sr. Engenheiro Engenheiro António Gomes, da Região do Norte.

Política Nacional

mandes. Quem é este senhor?

O «João Veríssimo» que a PJ mantém detido em Caxias e que muito tem intrigado os investigadores pela quantidade de explosivos que manejava e a utilização que muito prova-

Comunicados da FSP-MDP-MES-PCP-PS

1 — A FSP, MDP/CDE, MES, PCP, e PS, de Viana do Castelo, reúnem para analisar acção ferri-orista das forças do distrito.

Na se del-

uma do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

do

Nacional

Política de A a Z

TRINTA DINHEIROS

Por trinta dinheiros Judas vendeu Cristo. Por trinta contos Ramiro Rui Moreira atacou à bomba a residência de um técnico têxtil de S. Martinho do Campo, matou a esposa, Maria Rosinda de Sousa Moreira, destruiu a casa em que moravam. Um jornal escreve: «Ramiro não tinha escrúpulos, mas ainda menos escrúpulos tinha quem lhe pagava». Certíssimo. E Ramiro Reis Moreira não confessa, não se confessa... Um advogado diz: «um homem com muito espectáculo, com muito bom teatro e que pode, até, dar a ideia, a quem o ouve, que está a falar verdade». Admite-se, portanto, que Ramiro diga a verdade quando cala, e que minta sempre que reconhece, denuncia, acusa. Claro que não é admissível confundir a defesa do legítimo e do ilegítimo, a defesa do explorado e do explorador, do «resistente», na batalha contra o fascismo e do «ativista» da subversão reacçãoária. Ramiro Reis Moreira é um bombardeiro reacçãoário, um «terrorista da direita», matou. Matou por dinheiro. Os trinta dinheiros de Judas, foram para o Judas Ramiro Reis Moreira a miséria de trinta contos, salário do crime de Santo Tirso. Mas Judas acusa, Judas trai, e logo se vem dizer que além da experiência de bombardeiro, terá a experiência de se defender nos tribunais, de se esquivar nos interrogatórios. Há conveniência em não levar até às últimas consequências as declarações de Ramiro Reis Moreira. Os crimes são factos apurados, incontrovertidos. Mas no moinho das palavras pulverizam-se as acusações. Ramiro fala, Ramiro cala. Mas Maria Rosinda de Sousa Moreira foi assassinada. Um crime que não deverá ficar impune. Como não poderá deixar de ser esclarecida a actividade bombista, nos aspectos concretos e nos aspectos políticos. Alguns dos atentados estão animados, são de transparente significado político. Mas houve atentados intencionalmente planeados como actos de diversão. Sim; não é de excluir, aprioristicamente, que diversas redes de activismo reacçãoário tenham existido, mas está suficientemente averiguado que a organização bombista, com sede em Ponte de Lima, alargava a sua área de acção a Lisboa. Tudo terá que ficar esclarecido. E os crimes de destruição e de morte não poderão deixar de ser punidos. Porque a impunidade — é preciso dizê-lo — traduzirá não só fraqueza política como complicitade com uma «direita» que soube dividir a «esquerda» e pôe em perigo a segurança, a tranquilidade e a estabilidade públicas. Não esqueçamos, também, que o activismo terrorista é apenas um dos planos em que a «direita» deserviu a sua operação ofensiva contra a «ordem democrática». E aqueles que pagam por trinta dinheiros a destruição e a morte, pagam por quantias mais elevadas o contrabando de metais preciosos, de jóias e de objectos de arte, o tráfico de divisas, a sabotagem económica. Não faltam candidatos para os salários de Judas.

DIREITO À VERDADE

Nesta matéria de bombas e de bombistas, como noutras, os cidadãos têm o direito à verdade. Não poderão existir, neste campo, problemas de segredo de Estado. O Governo não poderá ficar a meio caminho. A independência do «poder judicial» não poderá constituir um pretexto e um argumento. Parece, evidente, que uma campanha de informação apoiada pelo Governo, incentivada pelos partidos políticos e pelas organizações democráticas poderá impor que a Justiça se mova. O escândalo do processo dos assassinos do general Humberto Delgado não poderá reproduzir-se neste caso do escândalo do terrorismo e dos bombistas nortenhos. Mas só haveria bombistas no Norte? Os portugueses têm direito à verdade. Têm direito a saber se o bandido que desiste da sua actividade terrorista, como executante ou como mandante, deixou de ser responsável pelos actos criminosos. Se a situação não é clarificada, todas as especulações são possíveis. As investigações e os processos que ficaram pelo caminho, dos quais se não teve mais notícia e em relação aos quais se apurou activismo terrorista, posse de armas e de explosivos, transporte de armas e de explosivos, produção de materiais explosivos, etc, etc, são tão numerosos que tudo leva a crer que existe um propósito para minorizar um período real e para desculpar, atenuar ou apagar uma actividade subversiva organizada, sistemática, obstinada. A opinião pública pressente que nem tudo é claro, regular, normal neste silêncio de acções e de responsabilidades. O secretismo e a ocultação são factores de instabilidade, de preocupação e de alarme.

FACTOS CONSUMADOS

Como declarou o Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares, na homenagem ao general Humberto Delgado, em Cela Velha, teria sido pelo jornal que tomou conhecimento da libertação de Ernesto Lopes Ramos, o agente da PIDE/DGS que, sob o falso nome de Ernesto Castro e Sousa, preparou a cilada de Badajoz e conhece o nome dos raptos e dos assassinos do general Humberto Delgado. De resto, Ernesto Lopes Ramos terá participado no crime, ou, pelo menos, presenciou-o. Soube-se, também, e o Primeiro-Ministro só ocasionalmente, possivelmente pela Imprensa terá tido conhecimento, que os agentes da PIDE/DGS Carlos Rodolfo Xavier da Silva Lopes Veloso, Eduardo Miguel da Silva e António Gonçalves Semedo foram, igualmente, postos em liberdade. Este último, António Gonçalves Semedo, era, no dia do crime, o chefe do posto fronteiriço pelo qual os criminosos entraram em território espanhol. Os Governos de Salazar e de Caetano evitaram sempre que ele prestasse declarações no processo judicial que correu nos tribunais espanhóis. Estas libertações são susceptíveis de criar um clima da maior desconfiança quanto à real intenção de fazer luz sobre o trama obscura de um crime político odioso. Difícilmente se deixará de pensar que há quem não esteja verdadeiramente interessado em que se saiba a verdade. O Governo deverá esclarecer este ponto. Dizer que o assunto está afecto ao II.º Tribunal Militar não é suficiente.

MEMBROS DO GOVERNO NO NORTE

Há "estrangulamentos" de vária ordem que impedem o desenvolvimento regional

PORTO, 28 — «Os circuitos financeiros da administração pública continuam extremamente perigosos e, por outro lado, não existem empreiteiros suficientes para obras e projectos que se tornam necessários» — afirmou ontem, ao fim da tarde, o secretário de Estado da Administração Regional, eng. Manuel Ferreira Lima, em reunião com os jornalistas efectuada na Comissão de Planeamento da Região Norte.

Aquele membro do Governo afirmou depois: «existe capacidade de financiamento e de iniciativa das autarquias com vista à realização não de obras de fachada mas de obras que sirvam os interesses das populações. Simplesmente há «estrangulamentos» de vária ordem que impedem até a utilização dos quatro milhões e meio de contos postos à disposição das autarquias». O eng. Ferreira Lima acrescentou que

a sua visita ao Norte, bem como a do secretário de Estado e Planeamento, dr.ª Maria Manuela da Silva, tinham também «um objectivo nitidamente político: é a primeira saída de dois membros do Governo à região Norte para afirmar às populações a decisão de iniciar um esforço de regionalização». Salientaria ainda a inadequação do aparelho administrativo existente e a falta de mobilidade da contabilidade pública para as necessidades de desenvolvimento local, a par ainda da falta de quadros técnicos.

Por seu turno a dr.ª Manuela Silva atribuiu à visita efectuada o duplo objectivo de articulação das Comissões de Planeamento com a orgânica regional e discutir as bases do programa que o Governo está a elaborar neste capítulo do planeamento regional e que igualmente deverão ser apresentadas à Assembleia da República. Afirmou a propósito:

«Entendemos o planeamento não apenas como mera tarefa pontual mas como organização dos recursos das comunidades e o seu estudo em ordem às necessidades das regiões, de acordo com as prioridades que as populações irão definir.

Planificar deverá ser um processo de controlo permanente da execução dos programas, projectos e medidas de política adoptados».

A dr.ª Manuela da Silva salientou ainda que o plano deverá «constituir uma resposta para problemas concretos das regiões», nomeadamente emprego, necessidades de equipamento, participação, etc. Depois de salientar a intenção de «consagrar uma fórmula que permita uma participação dos trabalhadores no plano, ao nível da elaboração e ao nível da execução e controlo desse plano», a dr.ª Manuela Silva afirmou tratar-se de «construir uma nova sociedade uma sociedade de transição para o socialismo». E afirmaria ainda: «não esqueçamos que na transição não cessa a luta de classes nem se verifica o termo da exploração pelo trabalho. Não obstante estarem formalmente criadas condições para uma sociedade de transição certas opções agora tomadas — ou a ausência delas — podem comprometer o próprio projecto de sociedade que constitucionalmente se afirma».

E.F.T.A.

Charles Muller visita Portugal

Para uma visita oficial de cinco dias a Portugal é esperado em Lisboa no próximo dia 31, terça-feira, o secretário-geral da EFTA, embaixador Charles Muller — informa o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O secretário-geral da EFTA será recebido em audiência pelo Primeiro-Ministro e manterá conversações com os ministros dos Negócios Estrangeiros, Plano e Coordenação, Finanças, Comércio, Indústria e Tecnologia.

O seu regresso a Genebra está previsto para o dia 3 de Setembro.

A visita integra-se, segundo se supõe, no esquema de intensificação de relações com a Europa capitalista, preconizado no programa do actual Governo.

Delegação do P.S. hoje em Angola

Parte hoje para Angola a delegação do P.S. que se desloca aquele país para tratar com as autoridades angolanas em Luanda da normalização das relações entre Angola e Portugal. A delegação integra dois dirigentes socialistas, António Macedo, presidente do partido, e Tito de Moraes, actualmente membro do Governo como secretário de Estado da População e do Desemprego, e dela fará parte ainda Rui Mateus, responsável no P.S. pelas relações exteriores. Rui Mateus encontra-se presentemente na Holanda, de onde deverá partir ainda hoje ou amanhã para juntar-se em Luanda a António Macedo e Tito de Moraes.

Em vésperas de partir, um membro da delegação, António Macedo, teve ontem um encontro com o primeiro-ministro, o secretário-geral do P.S., Mário Soares. António Macedo encontrou-se igualmente com outros responsáveis no Governo interessados nas relações entre Portugal e Angola. Anteontem, entretanto, avistara-se com o PR, general Ramalho Eanes.

Em Luanda, António Macedo, Tito de Moraes e Rui Mateus deverão ter um encontro com o Presidente Agostinho Neto, além de outros altos responsáveis pelo Governo da RPA.

"Desacatos no aeroporto do Funchal"

Do Sindicato Nacional do Pessoal de Voo da Aviação Civil, recebemos uma carta através da qual se solicita a rectificação de parte da notícia inserida na nossa edição de 24 do corrente, sob o título «Desacatos no aeroporto do Funchal».

Concretamente, refere aquele sindicato que a tripulação não se recusou a fazer o voo, tendo o mesmo sido cancelado por Lisboa que não conseguira, entretanto, tripulação para assegurar outros voos.

Galvão de Figueiredo tomou hoje posse

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, conferiu posse ao fim da manhã de hoje ao general Galvão de Figueiredo no cargo de ministro da República nos Açores.

O general Galvão de Figueiredo, que seguira dentro de dias para o arquipélago, exercia as funções de vice-chefe do Estado-Maior do Exército.

Numa mensagem dirigida à população açoriana, o novo ministro da República afirmou que terá «sempre presente o espírito e o programa do 25 de Abril», «reencontrado», na sua opinião, «no 25 de Novembro», acentuando que não esquecerá que «um dos pontos fundamentais deste programa é o desaparecimento das desigualdades sociais, económicas e culturais com vista a melhorar decididamente as condições de vida das classes mais desfavorecidas».

Medeiros Ferreira em Bona nos primeiros dias de Setembro

O ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. Medeiros Ferreira, desloca-se à República Federal da Alemanha nos primeiros dias de Setembro.

Trata-se da primeira deslocação de um membro do actual Governo à RFA. Recordase que, quanto ao Partido Socialista, as deslocações dos seus

dirigentes a Bona, nomeadamente do secretário-geral e actual Primeiro-Ministro são frequentes.

A visita do dr. Medeiros Ferreira, que terá lugar nos dias 2 e 3 do próximo mês, realiza-se a convite do seu colega Hans-Dietrich Genscher, tendo como finalidade — segundo uma informação do próprio Ministério dos Negócios Estrangeiros — facultar um primeiro contacto após a tomada de posse do primeiro Governo constitucional e uma troca de impressões sobre problemas políticos e económicos de interesse comum.

É de referir que o apoio económico, por parte da RFA, com o qual se esgrimiu largamente em período eleitoral, parece não estar a concretizar-se de acordo com as previsões anunciadas.

AÇORES

Substituição no comando norte-americano

LAJES, 28 — Assumiu o comando do destacamento da marinha norte-americana na base das Lajes o capitão-tenente Charles F. Cook.

Aquele militar, norte-americano substitui o capitão-tenente Donovan B. Quiley, que desde Junho de 1974 exercia aquele cargo.

ORÇAMENTO DE ANGRA

ANGRA DO HEROISMO, 28 — Ascende a 4.500 contos o terceiro orçamento suplementar de 1976 da Junta Geral do distrito de Angra anuncia o jornal terceirense «A União».



post-scriptum

«O jornal vive para os leitores»

Pela primeira vez dirijo-me ao meu jornal, muito embora não tenha sido a única ocasião em que tenha sentido esse impulso.

Todavia, ao ler o artigo intitulado «O jornal vive para os leitores» e publicado na edição de 23 do corrente, não me foi possível conter a forte vontade de vir junto dos trabalhadores dessa casa para exteriorizar um pouco da muita admiração por quantos contribuem com o seu abnegado esforço para a feitura de um jornal livre, independente e democrático.

Desde os 14 anos, e tenho 43, que sou leitor do «D.L.», altura em que comecei a comprá-lo com o dinheiro que então já ganhava. Nunca comprei outro, a não ser quando por azar chego à banca já com ele esgotado. Foi sempre com orgulho que exibi o meu jornal, sempre símbolo de antifascismo, com que uma bandeira ou emblema da liberdade e da vontade inquebrável de ser livre.

Se por um lado, desde o berço, fui educado por um democrata de «antes quebrar que torcer», meu pai, que o director-adjunto do «D.L.» bem conhece, por outro lado, devo ao mesmo «D.L.» e com gratidão o reconhecimento, também uma boa parte da forte formação de homem de esquerda que não confunde nem se deixa confundir.

O «Diário de Lisboa» continua e continuará sempre a ter a minha preferência enquanto mantiver a sua linha de independência de esquerda.

Se tal deixasse de se verificar, sofreria eu um bem grande abalo, pois não seria de ânimo leve que perderia uma companhia de tantos anos, sem a qual ficarei num vazio bem difícil de preencher todas as tardes, após o cansaço do trabalho diário, que o «D.L.» vem amenizar.

De um leitor devidamente identificado
— ESTORIL

Uma cadeia que dá pelo nome de direita reaccionária

A espera de ser atendida numa das maiores farmácias de Portimão, surpreendi uma conversa entre um cliente e a dona do estabelecimento, que na altura atendia ao balcão.

Desportivamente vestido e com modos simpáticos, o referido cliente pretendia comprar um creme bronzeador. Estava o embrulho quase pronto quando o senhor se decidiu por uma outra marca, bem mais apresentada e com um nome difícil de pronunciar, factores estes importantíssimos e que foram certamente decisivos na escolha feita. Encantada a dona do estabelecimento abanou a cabeça afirmativamente, em sinal de aprovação. No entanto, e quase ao mesmo tempo, o seu nariz franziu-se (o que por momentos estragou o divino sorriso que até aí tinha patenteado) e disse: «O sr. tem razão em preferir esta marca, pois com aquela (e referia-se à primeira escolhida) passa-se um grave problema: os trabalhadores estão em auto-gestão. É portanto melhor não a levar».

Bom! Eu até nem tenho nada a ver com o assunto, já que cada um se besunta com a banha que melhor lhe cheire. Mas deixem-me só fazer duas perguntas:

— Seriam os patrões da referida fábrica, certamente saneados, que davam o corpo ao manifesto no meio dos caldeirões a fazer os produtos? Não sei como se faz um creme, mas por quem ele é feito, isso sei eu: é pelos trabalhadores, e não os que lá de cima ostentam vaidosamente o cansaço burguês dum dia passado a assinar papéis e a atender chamadas telefónicas, e as dores de cabeça de quem ganhou 900 quando pensava ganhar mil.

— Não será esta uma maneira facilíssima (e porca) de sabotar e impedir a libertação dos trabalhadores do domínio capitalista?

Responda quem souber e quiser. No entanto, posso adiantar que atitudes como estas, embora aparentemente insignificantes, fazem parte de uma cadeia que dá pelo nome de direita reaccionária.

Fernando Gomes
— PORTIMÃO

Os tais «pides dos carimbos»

A propósito do último programa da RTP, «Terça-feira à noite», emitido no passado dia 24, e das declarações do dr. Abranches Ferrão sobre os pides que punham carimbos nos passaportes, lembro a noite de deportação do dr. Mário Soares para S. Tomé. Embora não podendo precisar a data, eu estava no aeroporto de Lisboa e vi o que se passou: quando na varanda e corredor de acesso se aglomerava uma pequena multidão, de pessoas que iam manifestar o seu repúdio pela deportação, e de outras que iam somente despedir-se de familiares a caminho de Angola, os tais «pides dos carimbos nos passaportes» agrediram barbaramente os presentes, empunhando matracas. E foi através da violência que conseguiram os seus intentos — afastar as pessoas, para não se manifestarem.

Fernando C. M. Antunes
— GUERREIROS — LOURES

AINDA MENOS GAULLISMO?

De Gaulle inaugurou a V República francesa, Pompidou continuou-a, embora não tão «gaullistamente» como muitos desejariam. Giscard d'Estaing — que não é gaullista — teve de a tolerar por algum tempo, até que acabou agora por liquidá-la. O primeiro-ministro cessante, Jacques Chirac, era o último elo de ligação de Giscard à política gaullista.

Mais do que no pla-

Em princípio, a saída de Chirac do palácio Madignon, não deveria ter influência na política estrangeira da França. Antes mesmo de as instituições da V República serem «presidencializadas» a ponto de fazer aparecer o chefe do Estado como fonte de qualquer decisão, a diplomacia fazia parte do «domínio reservado» do presidente da República. No entanto, a escolha dos homens tem um papel importante nesta matéria. Eles podem pôr um grau maior ou menor de convicção e de energia na execução das consignas e projec-

no interno, será no plano da política externa que a VI República vai divergir profundamente da herança gaullista de independência nacional, levando o mais longe possível a tendência notória nesse sentido desde a primeira hora de regime giscardiano. E precisamente a política externa daquilo a que já se chama a VI República francesa que se aborda no artigo de «Le Monde» a seguir transcrito.

tar, pelo seu passado ou pelo seu estilo, uma imagem mais ou menos nítida sobre a política seguida.

A modificação produzida à testa do governo não é indiferente. Chirac era e continua a ser o chefe de fila reconhecido do partido gaullista, portanto o garante daquilo que pode subsistir de continuidade em relação com a política do general de Gaulle. A sua longa fidelidade a Georges Pompidou atestava, principalmente, aos olhos de numerosos estrangeiros, a manutenção de um ideal de independência nacional, a

que o sucessor de de Gaulle — reconhece agora, mais ainda do que enquanto viveu — se manteve estreitamente unido até à morte. As suas tomadas de posição para sancionar esta ou aquela usurpação dos interesses franceses — ainda recentemente isso aconteceu a propósito da oposição de Kissinger ao contrato franco-paquistanês para a venda de uma fábrica nuclear — foram a maior parte das vezes vivas e constantes. O chanceler Schmidt também fez uma vez mais a experiência do facto, e também Mitterrand, a quem o ardente primeiro-ministro chegara a censurar um almoço na Embaixada dos Estados Unidos.

Prevê-se portanto uma evolução. Seja qual for o lugar do movimento gaullista no nosso governo, a mudança significa que a política estrangeira, como, sem dúvida, a restante política será ainda mais completamente dirigida pelo chefe de Estado. Mas se essa concentração do poder está na sua forma, muito mais as tradições no general de Gaulle, a política seguida será decerto ainda menos gaullista. A aproximação com os Estados Unidos, as inflexões introduzidas por Giscard na política europeia e de defesa, recentemente ilustradas pela nomeação de Jean-François Pon-

cet, «europeu» convicto, para o secretário-geral do Eliseu, já tinham confirmado a tendência europeia e o carácter conciliatório do chefe do Estado, e uma forte tendência para um «mundialismo» à base de independência. Não só não há razão para que essas novas orientações não prossigam, como elas já não encontrarão as fórmulas claras e a dureza já cobina que o primeiro-ministro ocasionalmente lhes emprestava.

Para mais, o papel de um primeiro-ministro é hoje um pouco mais reduzido na condução prática da política estrangeira, do que o era há alguns anos. Chirac participara, está bem de ver, nessa evolução, e criara em vários países, principalmente no Iraque, com Saddam Hussein, elos de amizade por vezes estreitos.

A partida de um homem de notórias simpatias pró-árabes será decerto acolhida com pena nos países do Médio-Oriente, mas Giscard d'Estaing, que fez vários gestos de simpatia na direcção dos palestinos, é fiel, neste domínio, às orientações passadas. E depois, os amigos estrangeiros de Chirac sabem sem dúvida, que a sua carreira política não termina com a saída do palácio Madignon.

«Le Monde»

PERSPECTIVAS DE CRESCIMENTO PARA A ECONOMIA INDIANA

A economia indiana está no limiar de uma fase renovada de grande expansão. A produção cerealífera aumentou, a taxa de crescimento industrial melhorou, a situação dos preços continua sob controlo, e houve uma substancial subida das reservas de divisas do país.

Num plano diferente, a melhoria da economia reflecte-se no aumento do poder de compra dos assalariados. Desde Julho de 1975 esse aumento já ascendeu aos 19 por cento no que toca aos funcionários públicos e a cerca de 15 por cento para os operários. O valor da rupia tem vindo a aumentar constantemente nos últimos meses em relação ao esterlino. Está agora fixada em 16 rupias por libra o que é melhor que há uma década quando uma libra valia 18.

Este passo em frente na economia resulta de uma variedade de iniciativas que têm vindo a ser tomadas recentemente. É verdade que o bom tempo teve a sua influência. Mas mais importante que o bom tempo foi o clima político do ano passado. Graças a ele, foi possível aumentar a produção e a produtividade em todas as esferas da economia.

A produção cerealífera durante 1975-76 está agora avaliada em 116 milhões de toneladas superior ao objectivo fixado de 114 milhões e o máximo conseguido em 1970-71 (108,4 milhões).

Na frente industrial, verificou-se uma aceleração substancial da taxa de produção no segundo quartel de 1975-76. A avaliar por recentes tendências, a taxa de crescimento do primeiro trimestre deste ano (Janeiro a Março) pode ter alcançado uns oito por cento. Indústrias como as do carvão, electricidade, aço, fertilizantes químicos, cimento, metais não

ferrosos, juta e outras cruciais para o país mostraram notável aumento.

Eis alguns outros indicadores. A produção de energia eléctrica subiu 21,6 por cento nos primeiros três meses deste ano. Durante o mesmo período, a carga total que passou pelas linhas férreas indianas ascendeu a 54,41 milhões de toneladas, contra 48,02 milhões de toneladas durante o período correspondente do ano passado. Isto reflecte claramente a intensificação da actividade dos negócios.

O índice geral dos preços por grosso continua sob controlo.

Nota-se mesmo a ausência da pressão especulativa normalmente associada ao orçamento. O índice registou uma queda de 3,9 por cento no primeiro trimestre deste ano. Os artigos alimentares e as matérias-primas industriais contribuíram para esta baixa, enquanto o índice dos bens manufacturados não mostrou nenhum declínio significativo. Embora tenha havido uma subida de preços em Abril e na primeira metade de Maio, o índice continua a ser cerca de 7 por cento mais baixo que no ano passado.

No fim do ano económico (que terminou a 27 de Março) o índice geral dos preços por grosso registava um declínio record de 7,8 por cento em contraste com um aumento de 8 por cento no ano anterior. No todo, o índice médio de 1975-76 fixou-se em 302,7 contra 313,0 para 1974-75, isto é, registou-se uma descida de 3,3 por cento. As perspectivas de estabilidade de preços dentro do quadro existente da disciplina monetária e fiscal são muito boas para 1976-77.

Mesmo que a produção agrícola não revele melhoria em relação a 1975-76 os «stocks» confortáveis de cereais e de

reservas estrangeiras proporcionam um útil sustentáculo.

O declínio nos preços por grosso teve também impacto no índice dos preços de consumo, que, em Março de 1976 era inferior ao de um ano atrás em 10,9 por cento. A avaliar pelas tendências nos preços por grosso em Fevereiro-Março é de esperar nova descida no índice dos preços de consumo.

Para o orçamento de 1976-77 foram propostas medidas fiscais (incluindo diminuições tanto nos impostos directos como nos indirectos) para fornecer maiores incentivos à poupança e dar mais estímulo ao investimento e crescimento. Deu-se especial ênfase à conclusão de projectos em curso nos sectores-chave.

Durante 1975-76, o défice comercial da Índia atingiu 1155 RS crores (número provisório) contra 1189 RS crores em 1974-75 e 432 RS crores em 1973-74. As exportações, no valor global de 3863 RS crores, registaram um aumento de 533 RS crores, ou 16 por cento, em relação ao ano anterior. A taxa real de crescimento avaliou-se no mínimo em 7 por cento, número especialmente significativo se tivermos em conta o contexto do declínio do comércio mundial em que se insere.

A débil taxa de crescimento das exportações resultou de uma prolongada recessão e do contexto económico incerto no estrangeiro bem como no declínio acentuado dos preços internacionais de algumas das principais exportações do país. Felizmente a taxa de crescimento no valor das importações aumentou também, crescendo de 498 RS crores para 5.018. As importações conheceram uma taxa recorde de crescimento da ordem dos 11 por cento em relação ao ano anterior.

Dado que o grosso das im-

portações abrange alimentos, petróleo e fertilizantes, adoptaram-se certas medidas para a conservação do petróleo e redução do seu consumo, sua substituição por outros recursos energéticos disponíveis e intensificação da exploração e produção interna do petróleo. A produção do carvão do país aumentou. Os esforços de exploração petrolífera no Monte de Bombaim e na região de Bassein foram compensados por resultados bastante encorajadores.

Um sensível acréscimo de 710,4 RS crores nas reservas indianas de divisas, durante o último trimestre de 1975-76 — resultante sobretudo de maiores remessas enviadas por canais oficiais e da assistência externa durante o ano — colocaram o país numa posição confortável nesse domínio, apesar do grave défice comercial. Nos fins de 1975-76, as reservas externas fixaram-se no nível recorde de 1869,5 RS crores, quando há um ano eram de 969,2 RS crores.

O quadro que resulta desta simples enumeração dá justificadas expectativas de um período de crescimento global. Com a obtenção da estabilidade de preços, o renascimento da disciplina nacional, a melhoria na disponibilidade de matérias-primas e energéticas, e uma situação satisfatória no tocante às disponibilidades alimentares, surge na Índia uma oportunidade única para acelerar esforços com vista a um crescimento substancial acompanhado de uma distribuição mais justa de rendimentos. O que já se conquistou no campo de agricultura, exportações, energia e indústrias do sector público deu confiança ao país. Portanto, há uma certeza de que a longo prazo poderá ser levado a cabo um programa viável de desenvolvimento.

Geral

"Festas da Colheita" em Montemor-o-Novo

Em Montemor-o-Novo, de 4 a 12 de Setembro, decorrem as «Festas da Colheita» que prolongam durante a segunda semana de Setembro a tradição da «Festa da Luz». Vinte cooperativas agrícolas do concelho, e também a da construção civil, e do Centro de Recuperação de Diminuídos Mentais, apresentarão o produto das suas actividades durante este primeiro ano de trabalho colectivo.

A feira constará de duas partes distintas: numa estarão patentes os 25 pavilhões e demais «stands» expondo o parque de máquinas que as herdades colectivas conseguiram adquirir. Noutro sector, decorrerá a apresentação pecuária com a «mostra» de alguns exemplares criados nas cooperativas.

A comissão administrativa da Câmara de Montemor-o-Novo atribuiu um subsídio de 50 contos para a realização das festas, mas a comissão organizadora vai promover uma campanha de fundos de acordo com a decisão tomada segundo a qual as actividades serão financiadas pela própria festa.

Do programa das festas fazem parte: uma representação de «Mortos sem Sepultura» de Jean Paul Sartre; actuação do Rancho Coral Folclórico da Fuzeta e dos Fazendeiros de Montemor; a peça «As Histórias de Ruzente»; Rancho dos Foros de Vila Figueira e Grupo Académico de Danças Ribatejanas; Por Esses Santos Latifúndios, dos Boneceiros; Pauliteiros de Miranda e um dia, domingo, especialmente dedicado às crianças, havendo actividades desportivas, «ateliers» de pintura, palhaços, desenhos animados, um grupo coral infantil e «Teatro de Fantoques» pelo Grupo Auditorium.

TRIBUNA LIVRE

Reflexões sobre a democracia suíça

José David Rosa

A propósito de saber qual é a melhor forma de governo para um povo disse uma vez Goethe que o melhor governo é aquele que ensina os seus cidadãos a governarem-se a si próprios.

A Suíça, pelo facto de o povo ser chamado frequentemente às urnas para decidir sobre os actos políticos dos seus governantes ou para propor novas leis a inserir na Constituição, é considerada, de há muito, como a nação mais democrática do mundo.

Na aparência isso é uma verdade, mas a realidade é muito diferente. Realmente: quem é o povo? Quem forma a sua mentalidade? Que condicionamentos põe o poder político ao poder económico? Que influência exercem — e cada vez mais — as potências multinacionais?

Nas respostas a estas interrogações vemos que a democracia directa suíça não pode ocultar as suas contradições e que atingiu os seus limites: aquilo que até ontem se acreditava firmemente está hoje a levantar sérias dúvidas e, se não nos enganamos, é o começo do desmoronamento de uma democracia fundamentada em permissas erradas.

Em nome de uma falsa interpretação da trilogia helvética — liberdade, federalismo, propriedade privada — qualquer referendo popular que ponha em causa algum privilégio da classe dominante é sempre e facilmente rechaçado: o capital e a reacção, detendo os órgãos da comunicação social, usando a demagogia e favorecido pelo espírito conservador das massas, possuem além disso os milhões necessários para fazer a sua propaganda.

Os exemplos que apresentamos a seguir não deixam qualquer margem para dúvida: em Basileia, cidade com cerca de 200 mil habitantes, primeiro centro mundial da indústria farmacêutica (Roche, Sandoz, Ciba-Geigy, Lanza, etc.), um grupo político progressista conseguiu que fosse posto a referendo popular uma proposta de lei que baixasse as rendas de casa. Numa população essencialmente operária e onde a maioria paga renda de casa, a lei, para espanto de toda a gente, foi recusada por maioria: os inquilinos (maioria dos eleitores) votaram contra os seus próprios interesses e defenderam os dos senhorios!

Num determinado cantão foi posta à votação popular uma reforma tributária que previa substanciais aumentos de impostos para os ricos e aliviava os das classes mais baixas. Aqui, e como é natural em grande parte do mundo, os desfavorecidos são a maioria dos eleitores: no entanto, a lei também não foi aprovada: a classe rica, a minoria, portanto, ganhou mais uma vez e sem dificuldade!

Para o capital com uma legião de tecnocratas ao seu serviço, manipular, confundir e enganar as massas e conduzi-las como cordeirinhos, é função que apenas requer sagacidade, demagogia, uns quantos golpes baixos e... dinheiro, muito dinheiro — recuperado com largos juros mais tarde.

Nos casos em que a classe dominante, por circunstância fortuita, sai derrotada, não há razão para alarmes, pois não lhe faltam outros meios para anular a afronta. Estamos a lembrar-nos do recente caso ocorrido com a central nuclear que se pretende instalar em Kaiseraugst: por plebiscito — o referendo é garantido pela Constituição em todos os casos e desde que seja subscrito por um mínimo de 50 mil assinaturas — a população daquela zona recusou o projecto. O poder económico, vindo em perigo os milhões de lucros a arrecadar, conseguiu que um tribunal federal emitisse uma sentença anulando o resultado do referendo com o argumento de que aquele assunto era da exclusiva competência do Governo e que a opinião do povo não era para ali chamada!

Se em algum assunto para consulta popular a verdade se apresentar tão clara que não haja demagogia que a possa distorcer e se isso for contra os interesses estabelecidos, então, põe-se muito simplesmente a coisa em execução e não se consulta ninguém. É o caso da compra de um cento de sofisticados aviões de combate para o Exército suíço que envolve uma negociação de largos biliões de francos em puro detrimento de melhores serviços sociais (os seguros de doença são explorados por empresas privadas!) e da própria imagem externa da chamada neutralidade suíça.

Não é por causas desconhecidas que o absentismo do povo suíço está a tomar proporções alarmantes: nalguns cantões esse absentismo atinge as percentagens inacreditáveis de 80 por cento!, sendo indício seguro de que as pessoas estão cansadas e desconfiadas, senão desiludidas, da sua democracia e começam a reflectir na desonestidade usada para emburhar e confundir os eleitores.

Este estado de coisas só pode ser proveitoso para os detentores do poder económico, esquecendo-se, porém que tudo tem um limite e que a própria História ensina que um sistema político cai sempre por degradação interna e nunca por eventos externos.

Que a democracia directa oferece grandes possibilidades para ser considerada a forma ideal de governo, não temos a mínima dúvida, mas, desde que seja abolido completamente o poderio exercido pelos detentores do capital, abolindo progressivamente a propriedade privada dos meios de produção. Enquanto este poder se mantiver, poderemos, quando muito, falar somente em democracia dos burgueses.

A luta de classes na democracia directa suíça é travada por uma horda armada com fijas fazendo frente a um exército armado de metralhadoras — passe a metáfora. Com a agravante de o grosso dos componentes das hordas da fissa estar enterrado até ao pescoço nos usos, costumes e hábitos tradicionais que lhes foram inoculados através dos séculos pelos seus manipuladores — usos, costumes e tradições que, como é óbvio, estão sempre ao serviço desses mesmos privilegiados.

E se como disse Proudhon em carta a um amigo «as coisas mais difíceis de morrer e de alterar são aquelas que estão ligadas aos usos, costumes e hábitos dos povos», teremos que os privilégios de poucos continuarão por largos anos em prejuízo de muitos.

EDIÇÕES DEAGA, LIMITADA

Notariado Português

Eu, abaixo assinado, ajudante do 2.º Cartório Notarial de Lisboa, sito na Avenida Almirante Reis, número 202 rés-do-chão, certifico para efeitos de publicação que, por escritura de 5-6-75, lavrada nas notas deste Cartório no livro E-159 de folhas 80 verso a folhas 82 verso, foram alterados os artigos 3.º e 5.º do pacto da sociedade em epígrafe, sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa, nos termos seguintes:

3.º — O capital social é de 500 000\$00, está integralmente realizado em dinheiro e nos demais bens e valores constantes da escrituração e correspondente à soma das quotas dos sócios: uma quota de 312 500\$00, pertencente ao sócio D. Maria Filomena de Sá Alves e Silva Macieira e uma quota de 187 500\$00, pertencente ao sócio António Pereira dos Reis.

5.º — A gerência da sociedade, dispensada de caução, é remunerada ou não, conforme for deliberado em assembleia geral, fica afectada aos 2 sócios, já nomeados gerentes.

§ 1.º — Qualquer dos gerentes pode assinar documentos de mero expediente, mas para obrigar a sociedade em actos e documentos que envolvam responsabilidade torna-se necessária a intervenção dos 2 gerentes.

§ 2.º — A sociedade poderá constituir mandatários e os gerentes poderão delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência, por meio de procuração, mesmo em pessoa estranha à sociedade.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial que vai conforme o original, no qual nada há em contrário ou além do que se certifica. Lisboa, 28 de Abril de 1976

Rasurei: «DEAGA» «está» «deliberado»
A Ajudante,
(Maria Antonieta dos Santos Carriço Estevão)



S.  R.

MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 0/34117, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Santana, concelho de Sesimbra, da modificação, com aumento de comprimento de 15 m, da linha mista a 15 kV para o posto de transformação da Câmara Municipal de Sesimbra, na estação de captação de águas da Fonte de Sesimbra, sendo alterado o troço entre os apoios n.º 9 e n.º 13.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 19 de Agosto de 1976.

Pel'º Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

AMORTECEDORES

Reparo e Reconstrução
todas as marcas,
com garantia
MENDES Tel. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno)
REPRESENTANTE
dos amortecedores «J. M.»
FILIAL
v. Gomes Pereira, 61-B
(A Benfica)

S.  R.

MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/52305, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Amora, concelho do Seixal, de modificação, com diminuição de 34 metros no comprimento, da linha aérea para o posto de transformação da Socidestilda, com nova localização dos postes.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 30 de Julho de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S.  R.

MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/17446, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Branca, concelho de Albergaria-a-Velha, da linha aérea a 15 kV, com 179 m, do apoio n.º 8 da linha Albergaria-Sever do Vouga ao posto de transformação da Central Hidroeléctrica do Palhal.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 19 de Agosto de 1976.

Pel'º Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

CABELEIREIROS AVISAM SENHORAS

NÃO TRABALHAM AO SÁBADO — O AGOSTO — SÓ

SÉRGIO E MARGARIDA

AV. DA REPÚBLICA, 5 — TEL. 57 24 01
(ao Saldanha Metro)

PUB

A TODOS OS DELEGADOS SINDICAIS
DO SECTOR DOS FABRICANTES
DE MATERIAL ELÉCTRICO

CONVOCATÓRIA

Realiza-se no próximo dia 2 de Setembro, quinta-feira, às 20.30 horas, na sede do Sindicato dos Electricistas do Sul (Av. Almirante Reis, 74-G-4.º andar — Lisboa) uma reunião com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Informações sobre o andamento
das negociações do C. C. T.

A C. NEG. SINDICAL



SURDEZ

Recupe a sua audição com os modernos e garantidos aparelhos auditivos MYKROSON. Um modelo para cada caso de surdez. Consulte-nos sem compromisso.

MICROSEM — Organização especializada em protese auditiva.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º Esq.

PORTO: Praça da Batalha, 3-4 — FARO: Rua Ivens, 24-26

MORADORES CONTRA ACÇÕES DE DESPEJO

Polícia dispersou à força concentração diante do Ministério

Após concentração diante do Ministério da Habitação, onde foram protestar contra as acções de despejo e pedir a sua suspensão, pela meia-noite, várias centenas de inquilinos tentaram impedir a saída do ministro daquele departamento. A PSP interveio, dispersando as pessoas pela força, de que resultaram ferimentos nalguns manifestantes e um polícia, que foi apedrejado. Os manifestantes desfilaram, após os incidentes, pela Avenida da Liberdade, gritando «slogans» contra as acções de despejo e a favor de uma acção governamental que proteja os seus direitos.

Uma delegação de moradores de Lisboa, que foi recebida ao fim da tarde, pelo ministro da Habitação, tomou conheci-

mento da posição do Governo face à proposta apresentada em Conselho de Ministros que consistia na suspensão dos despejos. Proposta essa que foi recusada.

Os despejos estão a suceder-se um após outro. Temos de resolver o problema da habitação não de uma forma demagógica mas tomando medidas concretas. Não estamos, todavia, dispostos a ficar fechados num gabinete horas seguidas sem que nada se resolva. A discutir casos que depois são resolvidos nos tribunais e as pessoas vão para a rua sem apelo nem agravo. Admitimos que tenha havido casos de oportunismo mas estamos dispostos a corrigi-los — declarou um representante da Comissão de Moradores do Rego.

Os manifestantes, entretanto, ao serem comunicados qual a decisão do Governo, reagiram violentamente gritando: «Daqui ninguém arreda pé» e «O ministro cá em baixo».

Mais tarde, o ministro decidiu satisfazer a exigência dos manifestantes e veio à rua para comunicar aos moradores das casas ocupadas em que ponto estava a situação. Veio confirmar o que tinha dito, no seu gabinete, aos representantes dos moradores.

Os despejos não podem neste momento ser suspensos. No entanto haverá uma nova análise do problema baseada no estudo que vai ser feito por uma comissão... O ministro quase não conseguiu expor as suas razões, pois os ânimos estavam demasiado exaltados. Por diversas vezes foi interrompido.

«Não compreendo a vossa reacção...» As vaias e os gritos cresceram de dimensão. «O estudo pode vir resolver os vossos problemas» — terminou o ministro.

Enquanto decorria a reunião, no gabinete do ministro, recolhemos alguns depoimentos de pessoas ameaçadas de despejos. Gente que vive numa quase miséria. E que tem direito a uma habitação digna.

Um caso: José Gouveia, ocupante de uma casa no Bairro Alto. Uma acção de despejo às costas. Dantes vivia na Travessa dos Inglesinhos numa casa de duas divisões com mais sete pessoas. Pagava pela renda 1.500\$00. Trabalha na profissão de funileiro.

Já fui chamado ao tribunal mas segundo me disseram até Outubro não há novidade. Moro no Bairro Alto há 45 anos contou o funileiro.

Na concentração viam-se alguns retornados. Interpolámos um deles: Que faz você aqui?

Vim apoiar a minha Comissão de Moradores. Vivo numa casa com mais nove pessoas. Numa casa ocupada. Mas queria pagar renda de acordo com o ordenado que ganho.

Eis a resposta de António Nascimento, retornado de Cabo Verde, «porque aquilo não lhe agradava». E segundo oficial de finanças no Ministério da Cooperação. Ganha sete contos mensais. Mais um caso como tantos outros.

Eu vivo num quarto que me cederam numa casa ocupada. Sem água nem luz. Tenho de alumiar-me com uma vela. O quarto não tem janela e está infestado de ratos. Vim a esta manifestação porque mesmo esse buraco onde vivo, com uma netá, estou sujeita a perdê-lo porque a senhora que ocupou a casa foi ameaçada de despejo. Quem nos pode valer? — pergunta uma mulher já de certa idade.

Os casos são muitos e dramáticos. Por exemplo, na rua Tenente Ferreira Durão, existe um prédio com oito inquilinos ocupado. Agora veio a ordem de demolição do edifício.

Durante a concentração, que teve início às 18 e 30 horas, foram gritadas palavras de ordem alusivas à luta dos moradores pobres das casas ocupadas. Uma luta justa. Por uma habitação digna.

Contratos já. Despejos Não e Casas Sim, Barracas Não — eram os desabafos que com mais frequência se ouviam.

Estavam presentes, entre outras, as Comissões de Moradores de Santo Condestável, Arroios, Lapa, Madalena, Rego, Bairro Alto e Santo Amaro.

Técnica de gestão de empresas jornalísticas

Por iniciativa da Associação da Imprensa Diária, com a colaboração da Secretaria de Estado da Comunicação Social e da Fundação Calouste Gulbenkian, realiza-se, no Auditório 3 desta Fundação, do dia 30 do corrente até 3 de Setembro, das 9.30 às 18.30, um curso de técnica de gestão de empresas jornalísticas.

O curso será ministrado pelo prof. Van Springer, da Universi-

dade de Gand, especialista em análise e gestão de empresas editoriais de jornais, e versará os seguintes temas: 1. **Rendibilidade da empresa jornalística** (2.ª-feira); 2. **Problemas do cálculo do preço de custo** (3.ª-feira); 3. **Organização e gestão orçamental** (4.ª-feira); 4. **Os mercados da publicidade e da venda** (5.ª-feira); e 5. **Distribuição e sobras** (6.ª-feira).

O número de assistentes é limitado.

Conselho Português para a Paz adquiriu personalidade jurídica

Acaba de adquirir personalidade jurídica o Conselho Português para a Paz e Cooperação (C.P.P.C.), Movimento «Democrático e Unitário de Opinião Pública» que tem como objectivo fundamental «promover, através do esclarecimento e da participação das mais amplas camadas da população do País, a luta pela paz e pela cooperação entre os povos».

Nos termos dos estatutos do C.P.P.C., os princípios orientadores da Associação são, nomeadamente, «a eliminação de todas as formas de colonialismo e discriminação racial», o «respeito pelo direito dos povos à soberania e à independência» e o «respeito pelos direitos do homem e pelas suas liberdades fundamentais, com a eliminação de todas as formas de fascismo».

O C.P.P.C. tem ainda como objectivo «estimular a amizade e o conhecimento mútuo entre os povos e desenvolver o seu intercâmbio social, cultural e científico, com vista à construção de um mundo definitivamente liberto da fome, da ignorância, da exploração e da

opressão».

«Com esse espírito — prosseguem os estatutos — o C.P.P.C. age em cooperação com todos os movimentos e forças da paz, tanto nacionais como estrangeiros, designadamente com o Conselho Mundial da Paz».

Quinto Cartório Notarial de Lisboa

CERTIFICO

4C — Sociedade de Móveis, Limitada

Sede: Rua do Porto Santo, n.º 2-A.B.C. Quinta das Odivelas, Loures.

Para efeitos de publicação, que por escritura de 19 de Maio do ano corrente, lavrada no 1.º Tabelião de notas deste Cartório, a sociedade de móveis da sociedade «4C — Sociedade de Móveis, Limitada», que tem o capital de 500\$000, foi elevada para 500\$000, seja em mais 50\$000, a qual esta que foi subscrita em dinheiro já entrado no capital, pela maneira seguinte:

1.º — O sócio Henrique de Jesus, filho do sócio Carlos Lopes da Costa, filho do sócio Carminda Homem Rodrigues Diniz;

2.º — O sócio Maria Alice Rodrigues Diniz, filha do sócio Carlos Lopes da Costa, filha do sócio Carminda Homem Rodrigues Diniz;

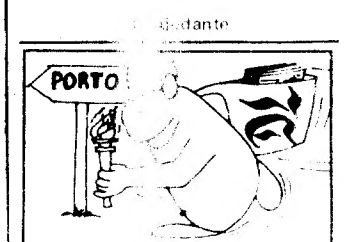
3.º — O sócio Manuel Vieites, este último adquirido como novo sócio e não por herança.

Pela mesma escritura, os referidos Henrique de Jesus, Carlos Lopes da Costa, Carminda Homem Rodrigues Diniz, Maria Alice Rodrigues Diniz, Manuel Vieites, como únicos herdeiros que ficaram sendo da dita sociedade alteraram o corpo do artigo terceiro e o parágrafo segundo do artigo quinto, os quais passam a ter a seguinte redacção:

— Artigo Terceiro — O capital social de CEM MIL ESCUDOS, encontrando-se integralmente realizado em dinheiro e outros valores constantes da escritura e corresponde à soma de cinco quotas de vinte mil escudos, uma de cada uma.

— Artigo Quinto — Para que a sociedade fosse validamente obrigada é necessário e bastante a assinatura de dois gerentes ou de um gerente e de um mandatário sendo sempre obrigatória a assinatura do novo sócio Manuel Vieites, os quais podem usar dos mais amplos poderes, inclusive, adquirir, vender, permutar, hipotecar ou de qualquer outra forma alienar quaisquer bens móveis ou imóveis, confessar dívidas, tomar ou dar de arrendamento, ou sublocar quaisquer prédios ou por qualquer outro modo.

Lisboa, sete de Junho de mil novecentos e setenta e seis.



P.C.P. denuncia despejos de famílias pobres

PORTO, 28 — A vaga de despejos de moradores pobres e trabalhadores, que ameaça intensificar-se com a reabertura dos tribunais e que já levou os atingidos a uma movimentação por todo o País com recolha de assinaturas, é objecto de um comunicado da DORN do PCP, onde se denuncia e condena o facto de colocar «famílias inteiras na rua sem lhes dar qualquer alternativa compatível com a sua situação». Por outro lado, o PCP exprime «a mais viva preocupação pela repetição constante de tais actos, em que o emprego da violência é frequente, e que o próximo fim das férias judiciais agravará se o Governo não tomar urgentemente as medidas necessárias».

O comunicado manifesta ain-

da o seu apoio à «luta dos moradores pelo fim das vergonhosas acções de despejo e pela revisão da legislação tendo em conta os legítimos interesses e direitos dos trabalhadores, e considera que mesmo nos casos em que é inevitável a saída das casas, deve ser encontrada, caso a caso uma solução digna».

E a terminar: «A DORN do PCP considera que o problema de uma habitação digna para todos os portugueses tem de ser rapidamente encarado e, se bem que não possa ser resolvido de imediato, devem ser tomadas claras medidas que visem a sua resolução, começando pelos casos mais gritantes de ausência de um mínimo de condições de habitabilidade».

ATENÇÃO CAÇADORES:

Registo de furões é obrigatório

Segundo uma portaria do Ministério da Agricultura e Pescas publicada no «Diário da República», a licença para a caça com furão torna-se a partir de agora válida para todo o território nacional, ao mesmo tempo que o registo daqueles animais passa a ser obrigatório na Comissão Venatória.

Para além de outras alterações à Lei da Caça, o diploma fixa o período de caça às codornizes até ao último domingo de Dezembro, aos pombo até ao segundo domingo de Março e às galinholas, narejas, tordos e estorninhos até ao primeiro domingo de Outubro.

Entretanto, a Comissão Venatória Regional do Centro torna público que a caça às codornizes é permitida até ao primeiro domingo de Outubro, sem cães ou com cães de «par», nos seguintes locais: distrito de Aveiro: a partir do dia 12 de Setembro, nos concelhos de Águeda, Aveiro, Estarreja, Ilhavo, Ovar e Vagos; distrito de Castelo Branco a partir do dia 5 de Setembro nos concelhos de Belmonte, Covilhã e Idanha-a-Nova; distrito de Coimbra: a partir de 12 de Setembro nos concelhos da Figueira da Foz, Mira, Montemor-o-Velho e Soure; distrito da Guarda: a partir do dia 5 de Setembro

nos concelhos de Aguiar da Beira, Guarda e Trancoso; distrito de Santarém: a partir do dia 5 de Setembro nos concelhos de Abrantes, Constância e Tomar; distrito de Viseu: a partir do dia 5 de Setembro nos concelhos de Moimenta da Beira, Mortágua e Sátão.

Mais dois mortos numa passagem de nível

PORTO, 28 — Próximo de Valença do Minho, um comboio colheu, numa passagem de nível sem guarda, um automóvel de matrícula francesa e uma motorizada. Aquele era conduzido por Abel Rodrigues Martins, de 28 anos, trolha, que seguia acompanhado de sua mulher, Maria Florença Gomes Fernandes, sogra e dois filhos menores. A motorizada era conduzida por António

Gonçalves Dias, de 25 anos, operário e transportava uma sobrinha de 7 anos, residente em S. Julião daquele concelho.

Em consequência do acidente perderam a vida a criança que seguia na motorizada e a esposa do condutor do automóvel. Todos os restantes se encontraram hospitalizados. Houve igualmente danos na locomotiva e na via férrea.

REABERTURA DO RESTAURANTE 7 MARES NO DIA 12/8/76 EM PORTIMÃO RESTAURANTE 1.ª Categoria ABERTO das 19.00 às 2.00 h. Cozinha Portuguesa No BAR Pianista privativo Organizações FERNANDO BARATA



MENINO RICARDO LOPES DE ALMEIDA RAFAEL

MISSA DO 3.º MÊS E AGRADECIMENTO

Mário Banheiro Rafael e Maria do Carmo Lopes Carreira Almeida, participam qua segunda-feira, dia 30, pelas 18 horas, na Capela do Hospital de Santana, na Parede, será celebrada missa do 3.º mês, como recordação do falecimento de seu filho, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

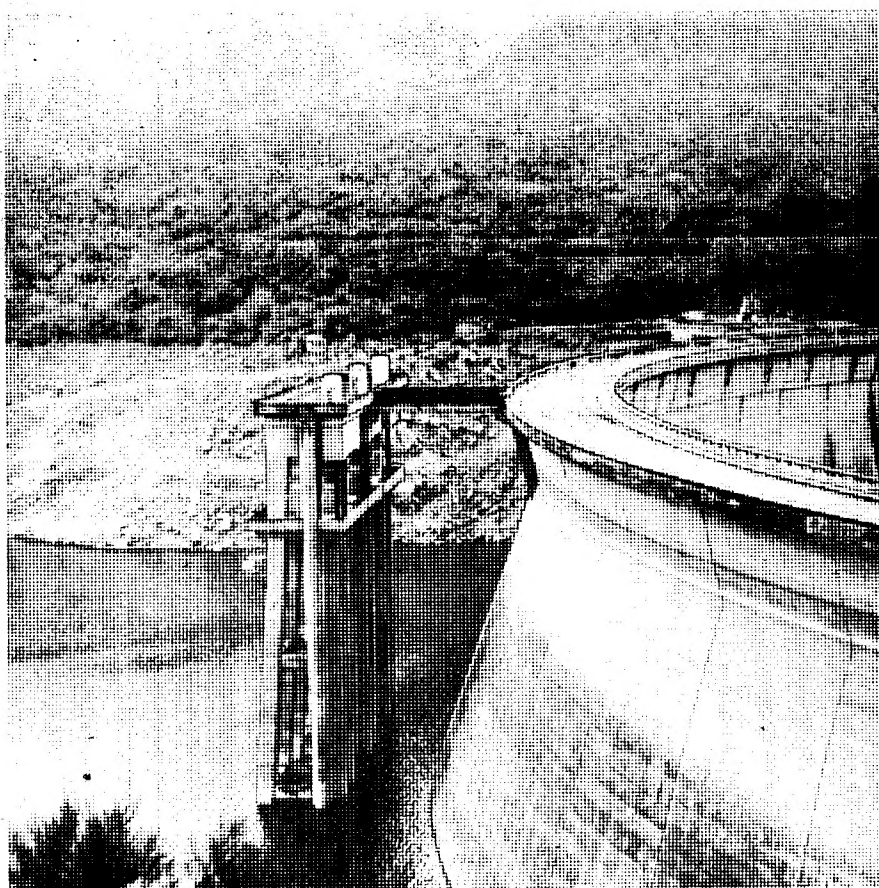
Aproveitam a oportunidade para agradecer muito reconhecidamente a todos quantos de qualquer modo lhes temunharam o seu pesar e bem assim a todos quantos se dignaram acompanhá-lo à sua última morada, não o fazendo pessoalmente por desconhecimento de endereços.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MACNO — Telef. 53 41 67

já há pouca água nas barragens

é preciso poupar energia eléctrica



Já há pouca água nas barragens. Muito pouca.
Enquanto não chover significativamente a situação agravar-se-á.

Continua a ser urgente poupar energia eléctrica
principalmente nos períodos de maior consumo.

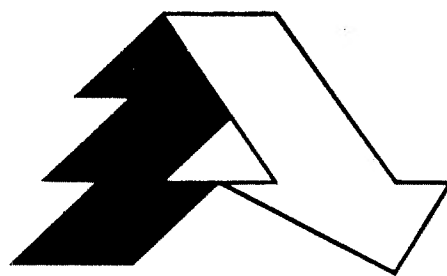
Das 8 da manhã às 11 da noite
poupe o máximo de electricidade.

Seja razoável! Já há pouca água nas barragens!

Para evitar medidas que a todos prejudicam e afectam gravemente a Indústria,
esforce-se para alterar os seus hábitos.

Vai ver que não lhe será difícil!...

poupe hoje para ter amanhã



Autoridades localizam mais plantações de liamba

PORTO, 28 — Continuam a ser descobertas plantações de liamba em todo o País, por vezes em termos humorísticos, como aconteceu no lugar do Monte, em S. Pedro da Torre, onde foi descoberta num quintal, «uma plantazinha selvagem» que já tinha dois metros de altura e que era regada todos os dias, carinhosamente, pela sua proprietária que utilizava os «raminhos» para decorar as campas dos seus mortos.

Em Valença do Minho, o soldado José da Costa, da GNR, descobriu um pé da famigerada planta no seu quintal, não se sabendo como é que ele lá foi parar. O contínuo dos bombeiros da terra, certamente dado à botânica, descobriu uma pequena plantação num jardim, pressumindo-se que a liamba descoberta se plantou a si mesma, já que ninguém, até agora, se confessou seu proprietário... Em Valongo, a GNR descobriu uma pequena plantação da «ervinha» no terreno de Valentim Rocha e apreendeu, simultaneamente, os seis «pezinhos» descobertos, e o seu proprietário, que certamente as destinava à produção de sementes «para alimentar canários» como agora é uso dizer-se.

Para não fugir à regra de afirmar que a planta se destinava aos canários, Piedade Rodrigues, proprietária de um pequeno terreno situado na cidade de Vila Real, afirmou à PSP que a liamba descoberta no quintal da sua casa se destinava a um pintassilgo.

Também Amarante não descapou a atenção dos plantadores de liamba, já que uma patrulha da GNR localizou uma plantação no quintal do metalúrgico Manuel Anjos, que afirmou ter sido a semente adquirida por um seu filho, emigrante em França. Ao que parece, o emigrante afirmou ao pai que a planta era pipiriri.

DESCOBERTAS PLANTAÇÕES NO CENTRO DO PAÍS

COIMBRA, 28 — Foi entregue ao juiz de instrução criminal de Coimbra o mecânico António Lento de Oliveira a quem a polícia apreendeu uma certa quantidade ainda desconhecida de liamba. Lento de Oliveira, que também tinha uma plantação em fase de sementeira, prestou uma caução de 20 contos e saiu em liberdade.

De Coimbra chega-nos, ainda, a notícia da prisão de três jovens apanhados em flagrante quando fumavam liamba.

Retornados formam nova comissão

Foi constituída uma Comissão para a Reintegração dos Dejaloados do Distrito de Lisboa, (CRDL) cujos objectivos fundamentais são a procura de trabalho e alojamento para os milhares de retornados das ex-colónias.

No que respeita à habitação, a CRDL, segundo foi ontem divulgado em conferência de Im-

prensa, além de contactos com o Governo vai procurar espaços livres para a construção de casas e detectar os alojamentos que se encontrem ainda disponíveis.

A comissão, constituída por 25 pessoas, tem a sede na Rua Portas de Santo Antão, 117, 3.º andar, em Lisboa.

Comunidade islâmica procura uma mesquita

Ivocando o direito à liberdade de religião consignado na Constituição portuguesa, a Comunidade Islâmica de Lisboa, que agrupa cerca de 5000 pessoas, dirigiu ao presidente da Câmara uma exposição, solicitando o apoio das autoridades municipais para a construção de uma mesquita.

Um porta-voz da comunidade de recordou que o movimento para a construção de uma mesquita em Lisboa teve início em 1967 e em 1969 — o então presidente da Câmara, general França Borges, chegou a fazer uma promessa verbal de cédência do terreno necessário, só que a promessa nunca se concretizou.

Entretanto a Comunidade Islâmica de Lisboa começou a ter problemas com as autoridades da época, que a acusavam de não ter uma atitude colaborante em relação à guerra colonial e de manter boas relações com os países árabes, que apoiavam os Movimentos de Libertação Africanos. A revista «Islão» editada em Lisboa: a única publicação em língua portuguesa sobre cultura islâmica — chegou a ser proibida de circular em Moçambique, antes do 25 de Abril.

Devido à falta de um templo, os muçulmanos de Lisboa, que celebram a partir de hoje a festa do Ramadão, são obrigados a reunir-se para as suas orações na residência do embaixador do Egipto, cedida pa-

ra o efeito.

Comentando este facto, o informador salientou que a comunidade islâmica tem vindo a aumentar, não só com a vinda de cidadãos portugueses nas antigas colónias, mas também com o corpo diplomático dos países árabes e islâmicos que reataram relações com Portugal. Neste momento há um total de 22 países árabes ou islâmicos que mantêm representações diplomáticas em Lisboa. No entanto, cerca de 90 por cento dos membros da comunidade são portugueses, na sua maioria provenientes de Moçambique, Guiné e Goa, além de outros que vieram de Timor e até de Macau.

O mesmo informador revelou ainda que a Arábia Saudita está disposta a financiar a construção da mesquita e de um centro cultural islâmico em Lisboa, pondo apenas como condição o prévio acordo e apoio das autoridades portuguesas. O informador salientou, ainda que para além do aspecto puramente religioso, a mesquita poderia desempenhar essa função de centro de convívio e difusão da cultura islâmica, recorrendo ali todos os estudiosos e demais pessoas interessadas em informar-se sobre o mundo árabe.

«O que pretendemos é que o direito à liberdade de religião, previsto na Constituição portuguesa, seja uma realidade efectiva para a comunidade islâmica» — sublinhou o porta-voz.

SUSPENSOS DA RTP:

“Não rejeitamos responsabilidades desde que todos as assumam”

«Não rejeitamos as responsabilidades, desde que todos as assumam» — afirmou Mário Vieira de Carvalho ontem à tarde, na Casa da Imprensa, durante uma reunião com jornalistas convocada pelos trabalhadores suspensos da RTP na sequência dos acontecimentos do «25 de Novembro». Mário Carvalho falava em nome dos

suspensos. Depois dele, outro suspenso, Pimenta Rodrigues tornaria público um pormenor interessante: «o general Ramalho Eanes é a minha testemunha de defesa». Antes, Artur Ramos falara dos aspectos globais da situação, apresentando um documento enviado a diversas entidades e subscrito pelos suspensos, e por cinco sindicatos (Metalúrgicos, Rodoviários, Músicos, Telecomunicações e Electricistas) e ainda pela União dos Sindicatos de Lisboa.

O documento faz uma referência ao juiz Azevedo Soares, dizendo que este se colocou na «posição inquisitória de não ter de apreciar as provas das acusações feitas, mas, sim, de esperar que os acusados demonstrem a sua não culpabilidade». Ainda segundo o texto, o juiz ter-se-ia referido à atitude que os trabalhadores suspensos deveriam assumir na situação que os envolve desde o «25 de Novembro»: «os trabalhadores devem ficar em casa ou ir ao cinema e aguardar que a crise seja resolvida pelas autoridades ou pelas forças militarizadas». Atribui-se ainda a Azevedo Soares a afirmação segundo a qual, em qualquer conflito, é normal os vencidos «sujeitarem-se à lei dos vencedores».

Nas suas linhas gerais, além de pontualmente, o documento defende que a situação é política e não laboral. «Há por parte da Administração da RTP uma tentativa de transformar uma situação política numa situação laboral».

O documento foi enviado ao ministro do Trabalho, ao secretário de Estado da Comunicação Social, ao presidente da Comissão Constitucional, ao general Ramalho Eanes, à Ordem dos Advogados, ao Conselho Superior Judiciário e ao provedor da Justiça.

O documento foi enviado ao ministro do Trabalho, ao secretário de Estado da Comunicação Social, ao presidente da Comissão Constitucional, ao general Ramalho Eanes, à Ordem dos Advogados, ao Conselho Superior Judiciário e ao provedor da Justiça.

EM LISBOA

Reunião de críticos provoca movimentação artística

«Arte Moderna-Arte Negra Africana: relações recíprocas» é o tema proposto para debate aos 150 críticos de diversas nacionalidades que vão reunir-se em Lisboa a partir do próximo dia 6, no âmbito da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA).

É a primeira vez que a AICA faz reuniões em Portugal, sendo certo que o acontecimento vai chamar para o nosso país as atenções do mundo artístico. Isso levou a Secretaria de Estado da Cultura a programar algumas realizações de carácter cultural.

Do programa consta a abertura ao público do Museu de

Etnologia, sendo inaugurada uma exposição de arte africana; paralelamente, na Sociedade Nacional de Belas Artes serão abertas duas exposições: «Pioneiros da Arte Moderna Portuguesa» e «Arte Contemporânea Portuguesa».

Estão previstas também exposições itinerantes, e serão tomadas iniciativas nas Galerias de Lisboa entre as quais se destacam, para já, a Galeria Quadrum (exposição de pintura coletiva) e a Galeria Dinastia (pinturas de Calvet, Skapinakis, José Guimarães, e Emilia Nadal).

Autopsiado cadáver de Setúbal

SETÚBAL, 28 — Efectuou-se já a autópsia do cadáver de Luis Manuel Gonçalves de Moraes Sarmento, de 16 anos, estudante, encontrado morto em circunstâncias ainda em volta em mistério, no extremo da muralha paralela à Marginal. O corpo do jovem apresentava ferimentos na cabeça e no corpo, dando a impressão de que fora arrastado até ao local. A posição em que o corpo foi encontrado e o facto de estarem no local dois relógios parados, um às 12 e 30 e o outro às 4 e 45, levam a supor que o jovem não estaria sozinho no local, o que foi confirmado por pessoas que afirmaram tê-lo visto, horas antes, com um amigo de nome Joaquim. De acordo com informações obtidas ontem, um familiar do referido Joaquim terá informado as autoridades do desaparecimento deste jovem, que se presume estar na posse de informações importantes sobre o ocorrido.

No local, diz-se que os dois amigos andariam a rondar uma viatura estacionada no local, frequentado por namorados e que o jovem teria caído ao fugir do proprietário da referida viatura.





estude!

GANHE MAIS DINHEIRO!

CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA Desde 1947

Recorte o cupão e envie-o HOJE MESMO (indique um só curso)

CURSOS EM PORTUGUÊS

Rádio, Electrónica, TV	Secretariado	Cultura Geral
Desenho e Pintura	Electricidade	Corte e Costura
Relações Públicas	Fotografia	Vendas/Marketing
	Inglês	

CURSOS EM ESPANHOL

Técnico de Automóveis

Mecânico de Automóveis * Motores Diesel

Electricidade do Automóvel * Maquinaria Agrícola

Mecânico de Aviação * Mecânico de Helicópteros

Piloto Desportivo e Comercial

Ajudante de Laboratório Químico

Auxiliar de Farmácia * Técnico de Plásticos

Desenhador Mecânico * Desenhador Projectista

Desenhador de Construção de Obras

Desenhador de Carpintaria e Marcenaria

Canalizador e Saneamento * Construtor de Obras

Formação de Pais * Educação Sexual * Publicidade

Peço o envio do livreto sobre o curso de

Nome

Morada

Localidade

GRÁTIS

DL/12

CEC Alvaro Torralba * Rádio Escola

Rua Fernão Lopes, 8 (ao Saldanha) Lisboa 1 - Tel. 53 67 52



AGRADE CEGADA

UMA SENSACIONAL REVISTA PLURAL E SINGULAR!

HOJE: às 20.30 e 22.30

Domingos — Matinee às 16 h.

4.ª FEIRA

Descanso da Companhia

(Não acso, MEN. 18 anos)



2.ª

MESES



EXITO!

Estrangeiro

O "MAS" E O "SIM"

Namíbia:

duas datas para a independência

O presidente zambiano, Kenneth Kaunda, declarou quinta-feira passada em Lusaka que se goraram todos os meios pacíficos para resolver os problemas da África Austral. E disse: «Agora só resta a luta armada».

Estas palavras foram proferidas na cerimónia de inauguração do Instituto das Nações Unidas para a Namíbia, e o presidente Kaunda afirmou que o seu país combaterá até à última com a SWAPO (Organização do Povo do Sudoeste Africano) para que lhe sejam devolvidas a liberdade, a justiça e a paz.

Chorando, o chefe do Estado zambiano acusou os países ocidentais de apoiarem a África do Sul ao mesmo tempo que organizam um Instituto para a Namíbia.

«Mas que espécie de gente sois Vós? Cristãos, certamente não», exclamou dirigindo-se à assistência.

E mais: «Pensai em que é a SWAPO quem vai estar na mó de cima na Namíbia» — acrescentou o presidente zambiano que instigou os diplomatas presentes a cortarem os seus governos a cortar imediatamente com a África do Sul.

Em resposta, o presidente da SWAPO, Sam Nujoma, declarou que o seu movimento esmagará qualquer Governo de Transição que seja instalado na Namíbia pelo Governo sul-africano.

O Instituto da ONU para a Namíbia, cujo orçamento de cinco anos se eleva a 17 milhões de dólares, servirá para formar os futuros administradores da independência namibiana.

NAÇÕES UNIDAS: «MÁS PROPOSTAS DA ÁFRICA DO SUL»

Entretanto, o secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, declarou no mesmo dia que as

propostas apresentadas na semana passada pelo Governo sul-africano acerca do futuro da Namíbia, «estão muito aquém das condições essenciais fixadas pela ONU para a autodeterminação e a independência do território, não correspondendo às necessidades da situação».

«A África do Sul — disse Waldheim — deve abandonar a sua atitude unilateral e reconhecer que a cooperação com a ONU é indispensável para resolver o problema de maneira satisfatória para a comunidade da Namíbia e para a comunidade internacional».

Esta declaração do secretário-geral da ONU foi lida quinta-feira na reunião solene do Conselho da Namíbia por Abdulrahim Farah, subsecretário-geral adjunto para as questões políticas especiais.

Tráfico ilegal de moeda punido na Guiné-Bissau

Novo caso de tráfico ilegal de moedas metálicas foi descoberto em Bissau, tendo, em consequência disso, sido presas seis pessoas e apreendidos vários quilos de antigas moedas portuguesas de 10 e 20 escudos.

É a segunda vez que tal

Por sua vez, a Alemanha Federal, juntando a sua voz à dos Estados Unidos, exigiu a realização imediata de eleições livres na Namíbia.

Ainda que saudando a marcação de 31 de Dezembro de 1978 como data para a proclamação da independência da Namíbia, a verdade é que (segundo um porta voz do Ministério Federal dos Negócios Estrangeiros) «o Governo de Bonn considera a data muito tardia, senão mesmo demasiado tardia».

(Como já há tempo foi noticiado, a independência da Namíbia deveria ocorrer precisamente no fim do mês corrente.)

O porta voz acima mencionado acentuou ainda que Bonn deseja que a SWAPO participe num futuro Governo, mas não considera este partido militante como o único representante político da Namíbia, administrada pela África do Sul desde a I Guerra Mundial.

UM EXÉRCITO, UM POVO

Convém ter em atenção que também na quinta-feira um representante da SWAPO, Tuina Embula, declarou numa sessão solene do Conselho da Namíbia nas Nações Unidas,

por ocasião do «Dia da Namíbia», que «existe um exército nacional namibio».

Embula indicou que esse exército dispõe de efectivos bastante importantes, operando em diversos sectores do território, e que projecta alargar as operações na zona sul.

«O Governo branco da África do Sul tem efectivos de ocupação de 50 mil homens — acrescentou o representante da SWAPO. — Mas esses efectivos estão concentrados à volta das cidades e dos pontos estratégicos.»

E acentuou o representante da SWAPO:

«O exército namibio ainda não desenvolveu toda a sua potência.»

O «MAS» E O «SIM»

Mas...

Há sempre um «mas» que tem origem nos países opressores.

Assim, e respeitando a teoria do «mas», o Supremo Tribunal sul-africano autorizou quatro militantes da SWAPO, dois dos quais condenados à pena capital, a interporem recurso das respectivas sentenças — anuncia-se oficialmente em Bloemfontel onde aquele órgão tem a sua sede.

Os quatro militantes (Aaron Mushimba e Henrik Shikongo, ambos condenados à morte, e as sras. Ruana Nambinga e Anna Nghihondjwa, condenadas respectivamente a 7 e a 5 anos de prisão), tinham sido julgados em 12 de Maio último em Windhoek, acusados de estarem envolvidos no assassinato do chefe Filemon Elifas, primeiro-ministro da Ovambolandia (norte da Namíbia).

Um Tribunal da Namíbia re-



«A SWAPO VAI ESTAR NA MÓ DE CIMA — diz Kaunda



Uma alimentação deficiente é dada aos mineiros que enriquecem o consórcio Oppenheimer. Há dez anos que uma guerra fronteiriça existe entre a África do Sul e a Namíbia. Quem merece a justiça dos homens de boa vontade é, sem dúvida, a Namíbia

jeitara recentemente o pedido de recurso dos quatro africanos.

Certamente, no entanto, que

este «mas» sul-africano se transformará num «sim» namibiano de forte carga positiva.

PEDRO ALVIM

Acções de empresas angolanas remetidas para Luanda

Eleva-se a 13 milhões o número de acções de empresas angolanas que estão a ser remetidas para Angola — a sequência de um decreto do Governo de Luanda, que determinava o depósito das acções de companhias angolanas em instituições de crédito daquele país até ao passo do dia 21 — revelou à ANOP um informador do Banco Comercial de Angola (BCA).

Recorda-se que foi adoptada a solução de criar depósitos à ordem do BCA e do Governo de Luanda em bancos portugueses por o Governo da RPA ter reconhecido a dificuldade em enviar para o país todas as acções dentro do prazo inicialmente previsto.

Entretanto, começaram já ontem a ser enviadas para Angola as primeiras acções pertencentes a residentes em Portugal, devendo a remessa de acções continuar nos próximos dias.

Os títulos de acções depositados em Portugal e pertencentes a não residentes em Portugal, tinham já seguido para a RPA, no princípio da semana passada. As acções que estão a ser remetidas para Angola abrangem cerca de duas centenas de empresas deste país, entre as quais as companhias petrolíferas «Angon», «Fina-Angola», «Companhia de Petróleos de Angola», a «Secil» (cimentos), as companhias

mineiras «Companhia dos Diamantes de Angola», «Companhia Mineira do Lobito», «Companhia do Manganês de Angola», a «Sonefe» (Empreendimentos Financeiros), a «Companhia de Celulose», a «Companhia Angolana de Agricultura» e a «Mabor» (pneus).

Incluem-se ainda acções do «Banco Comercial de Angola», «Banco de Crédito Comercial e Industrial» e do «Banco Totta Standard».

CURSOS COMPLEMENTARES

DO ENSINO TÉCNICO

(PARA ALUNOS C/ CURSOS GERAIS TÉCNICOS)

ACESSO DIRECTO AO ENSINO SUPERIOR

EXTERNATOS

Marquês de Pombal
Rua Moraes Soares, 93
Tels. 820221/834858

Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) T. 706974/5

PREPARATÓRIO - LICEAL

(GERAL E COMPLEMENTAR)

ADM. UNIVERSIDADE

(EXAMES «AD HOC» — Maiores de 25 anos)

Grande Empresa Industrial do Distrito de Setúbal

ADMITE:

- 1 — Médicos do trabalho
- 2 — Enfermeiros

EXIGE:

- 1 — Médicos do trabalho
— Curso de medicina do trabalho
— Internato geral dos hospitais
— Experiência em saúde ocupacional
- 2 — Enfermeiros
— Curso geral de enfermagem
— 2 anos, mínimo de prática profissional de preferência em medicina ocupacional

OFERECE:

- 1 — Vencimento de acordo com experiência e com normas em uso na Empresa.
- 2 — 13.º mês no fim do ano ou parte proporcional ao número de meses de trabalho.
- 3 — 1 mês de férias no ano civil imediato ao de admissão.
- 4 — 100% de subsídio de férias.
- 5 — Participação em transportes.
- 6 — Refeições subsidiadas em refeitórios na Empresa.

As propostas com curriculum profissional devem ser enviadas o mais brevemente possível a este jornal aq n.º 1653.

COVA DA PIEDADE

Máquinas de Costura
BERNINA e de tricotar
TOYOTA
RUA CABO
DA BOA ESPERANÇA, 6-D
Cursos grátis, Corte,
Bordados e Tricot

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA

DEPART. DE CONFECÇÕES

Av. João XXI, 5-D—R. Infanteria 16, 55-C—LISBOA

Trabalho

Marcelo Curto propõe "esponja sobre o passado"

O ministro Marcelo Curto, que ontem esteve no Porto a fim de efectuar reuniões com os representantes de três empresas (Manuel Gonçalves, Coronado e Ferreira e Reis) onde se verificaram saneamentos colectivos de trabalhadores, acabou por se avistar apenas com duas delas uma vez que os representantes da administração do Coronado abandonaram o Ministério (Delegação do Porto) antes da reunião prevista. Entretanto, o ministro do Trabalho avistou-se, ao fim da manhã, com dirigentes sindicais e representantes dos trabalhadores saneados após o que esteve no Hospital Militar em visita ao brigadeiro Pires Veloso.

No primeiro contacto com os jornalistas, Marcelo Curto afirmou a propósito dos grandes problemas que, como é do conhecimento público, têm afectado dezenas de trabalhadores das referidas empresas: «Claro que tenho as minhas ideias, mas as soluções que forem encontradas terão de entrar em linha de conta com vários factores, nomeadamente a situação económica e as posições das partes interessadas, os sindicatos e as entidades patronais». Mais tarde, em reunião com os jornalistas na delegação do M.T., Marcelo Curto afirmaria ainda quando lhe foi levantada a questão das várias decisões tomadas por

Ministérios e Conselhos de Ministros em relação a estes casos e sistematicamente desrespeitadas: «A melhor solução será passar uma esponja sobre o passado destes casos e tentar encontrar uma solução perspectivada para o futuro». Considerando tal solução como «uma forma realista» de enfrentar as situações ilegais criadas e interrogado sobre o facto de a lei ser explícita quanto à proibição dos saneamentos, Marcelo Curto responderia: «Não adopto essa teoria. Tendo em atenção o momento que vivemos e a situação económica do nosso país, acho que devemos conseguir uma solução concertada e não uma solução rígida e autoritária».

O ministro do Trabalho afirmou, depois, que em resultado das conversas havidas se iria «tentar arranjar uma solução de forma a que nenhuma das partes interessadas perca a face no assunto e, portanto, no sentido de se tentar a reintegração e assegurar o direito ao trabalho».

Quanto ao facto de ter referido uma «solução concertada» para estes casos respondeu a um jornalista: «Não tenho nenhuma solução de momento. Há várias sugestões, mas pensamos que a solução concertada é isso mesmo; é que haja um acordo quanto à forma de reintegração, quanto à forma de recolocação dos trabalha-



dores que possa ser aceite pelas entidades patronais e pelos trabalhadores». Interrogado de seguida sobre se isso significava ou não a reintegração total (e recordamos terem sido nesse sentido as decisões governamentais anteriores), Marcelo Curto afirmou: «Não há nenhum compromisso, nem nada sobre o número de trabalhadores, não há nenhuma conclusão acerca disso». Marcelo Curto diria, também, quando lhe foi afirmado que tem manifestado a opinião de ser sagrado o direito ao trabalho dos «saneados»: «Eu, em vez de que é sagrado, prefiro dizer que está consagrado na Constituição e nós pretendemos garanti-lo efectivamente».

Sobre a ausência das administradores da «Coronado» nas negociações, Marcelo Curto afirmou que se avistará com eles em Lisboa, na próxima segunda-feira.

A PARTIR DE SEGUNDA-FEIRA

Preparação do congresso sindical vai ser debatida por distritos

Os trabalhos de preparação do segundo Congresso dos Sindicatos Portugueses entram numa nova fase, a partir de segunda-feira, com a realização de reuniões distritais para as quais foram convocadas todas as associações sindicais, filiadas ou não na Intersindical.

Ao assumir a responsabilidade da convocatória o Secretariado da Central Sindical dá cumprimento às deliberações da última reunião geral de sindicatos, na qual estiveram presentes representantes da linha sindical da «Carta Aberta», que contesta a orientação e representatividade do actual Secretariado.

É de esperar, no entanto, que as direcções sindicais afectas a esta linha se furtem ao debate nestas reuniões abertas a nível distrital, que agora se iniciam em todo o País. Com efeito, já depois da reunião geral em que se mos-

taram concordantes com tal processo, os sindicatos da «Carta Aberta», num encontro em Coimbra que contou com 35 presenças efectivas, decidiram fazer depender a realização das reuniões distritais de um debate público entre as duas principais linhas sindicais, através dos órgãos de Informação, designadamente a TV.

Fiel à decisão dos sindicatos, o Secretariado da Intermanteve a convocatória das reuniões, recusando o prévio debate proposto em Coimbra, por pensar que «as divergências entre os trabalhadores portugueses devem ser discutidas, sim, mas entre os trabalhadores dentro das suas estruturas organizativas». Aliás, «o debate público destas questões, pelo tom polémico que poderia assumir, não serviria o esclarecimento dos assuntos em debate», explica o Secre-

tariado, no documento ontem divulgado.

Assim, e apesar de terem sido «infrutíferas as diligências feitas para contactar os restantes elementos da Mesa «da última reunião geral de sindicatos», «por sinal signatários da chamada carta aberta», o calendário de reuniões a nível distrital será cumprido. Os resultados desses encontros serão analisados na próxima reunião geral, prevista para Lisboa, no próximo sábado.

As reuniões, cuja ordem de trabalhos prevê «Informação sobre o Congresso» e «Comissão Organizadora», têm o seguinte calendário: segunda-feira, em Viana do Castelo, Viseu e Portalegre; terça-feira, em Braga, Guarda, Coimbra e Faro; quarta-feira, em Vila Real, Bragança, Castelo Branco, Leiria, Setúbal e Beja; quinta-feira, no Porto, Aveiro, Santarém, Lisboa e Évora.

Conflito dos conserveiros será resolvido até segunda-feira

— afirmou o ministro no Porto

Os dirigentes sindicais dos trabalhadores da indústria de Conservas continuaram ontem a fazer diligências no sentido de conseguirem uma entrevista com o Primeiro-Ministro de modo a poder ultrapassar-se o conflito que afecta aquele sector.

O ministro do Trabalho, Marcelo Curto, ao ser entrevistado ontem no Porto, à saída do Hospital Militar daquela cidade, corroborou a posição já assumida pelo seu Ministério num comunicado emitido a propósito da tentativa de conciliação entre as partes interessadas nas negociações do CCT das conservas, afirmando: «O fundamental é que os industriais conserveiros ultrapassem uma modalidade antiquada, quer manter a indústria de conservas como uma indústria sazonal. É preciso que ultrapassem essa mentalidade, pela própria dinâmica que é preciso imprimir à recuperação económica se não têm esta mentalidade é preciso que a adquiram ou que deixem que outros possam compreender aquilo que eles não conseguem empreender».

A propósito da retenção da mercadoria pelos trabalhadores nas fábricas, forma de luta já adoptada há algumas semanas, disse o ministro que essa questão terá que ser resolvida até segunda-feira, próxima, pois considera que «na situação actual tem de ser considerado sabotagem em termos de exportação». Adiantou que as conservas dão divisas ao País e que, por isso, «não podemos tolerar por mais tempo a retenção do produto».

A Comissão Distrital de Faro do Partido Comunista Português emitiu por seu lado um comunicado em que defende

que «a luta dos trabalhadores conserveiros pelo direito ao trabalho e contra os salários de miséria favorece a indústria e a economia nacionais».

Apontando os industriais como os grandes responsáveis pela crise da indústria das conservas, afirma o comunicado. «A descapitalização das empresas conserveiras deve-se em grande parte à ganância e incuria desses industriais que desviaram chorudos lucros obtidos na indústria para o investimento em propriedades e negócios alheios às conservas».

O comunicado salienta que os industriais se têm mostrado mais interessados em recriar

as condições que assegurem aos proprietários das fábricas os lucros de outros tempos, do que com o futuro da indústria. «É certamente o que leva o actual secretário das Pescas a afirmar que há que encarar o sector conserveiro como uma indústria e não como uma nm negócio. Assim seja!».

No texto salienta-se ainda os resultados positivos da intervenção estatal em algumas fábricas e aponta-se como condição necessária para vitória da justa luta dos trabalhadores conserveiros e preservação e consolidação da unidade dos trabalhadores em torno das estruturas sindicais e dos objectivos da revisão do CCT.

EM VISEU

Sindicato Agrícola contra Santos Costa

O Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Viseu, recentemente constituído, já tem um inimigo, cujo nome esteve intimamente ligado à ditadura salazarista, inclusivamente por se tratar de um antigo ministro da Guerra: trata-se de Santos Costa.

O ataque que o ex-general Santos Costa tem vindo a perpetrar contra o recém-constituído sindicato começou logo no dia seguinte ao da realização da assembleia constituinte daquele organismo, data em que o ex-ministro de Salazar, principal proprietário do local de Alcatache, no concelho de Mangualde, diminuiu o horário de trabalho de 8 para 6 horas a seis trabalhadores

que tem empregados, ao mesmo tempo que lhes diminuiu o salário de 90\$00 para 67\$50

Estes factos são denunciados pela direcção do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Viseu, num documento em que se faz a localização política desta acção como tratando-se de uma campanha de «ataques reacçãoários contra o sindicato». Aliás, esses ataques tinham sido iniciados com o boicote à criação do sindicato, e, ainda hoje, de acordo com um comunicado, «os grandes patrões reacçãoários procuram a todo o custo impedir que ele se radique».

Quanto aos seis trabalhadores alvo de Santos Costa, ficaram com as suas condições de vida, já miseráveis, «mais agra-

veadas pela diminuição do salário, arbitrária e sem qualquer justificação», segundo se afirma no comunicado do sindicato. Mas, para Santos Costa há uma «justificação» que ele alega: «não tem dinheiro».

Os trabalhadores estão prontos a responder ao que consideram provocações. Assim, pode ler-se no referido comunicado: «Contra o explorador Santos Costa e contra todos os exploradores, os trabalhadores têm que unir-se e lutar pelos seus direitos. Unidos os trabalhadores têm força suficiente para obrigá-lo a dar 8 horas de trabalho por dia e a pagar o salário que é devido».

Sindicatos.

Amanhã, depois de lidas as resoluções de hoje e de ser redigida uma moção, serão discutidos os modos de encetar a Unificação do Movimento dos Reformados com apoio dos trabalhadores activos e a criação definitiva da Comissão Coordenadora Unificadora do Movimento dos Reformados — sua

localização e seus componentes. Abordar-se-á a realização da concentração Nacional de Lisboa, as razões do seu adiamento; concentração Nacional de Lisboa, apoios para esta concentração por parte do Movimento Sindical; Leitura das Resoluções e Moção final do Encontro Nacional de Reformados.

AJUDANTES DE FARMÁCIA

Arbitragem não deu resultados imediatos

O processo de arbitragem do litígio entre o Sindicato dos Ajudantes de Farmácia e a Associação Nacional de Farmácias, iniciado no dia 26, no Ministério do Trabalho, não deu quaisquer resultados práticos, não se tendo passado durante as conversações da fase do estabelecimento do calendário.

Esse facto, e porque o calendário sugerido fará com que o processo se arraste muito para além da data estabelecida e dada como prazo máximo — 31 do corrente —, provocou o «desgosto» dos representantes dos trabalhadores que do facto vão notificar as instâncias competentes no M.T. Aliás, pelo mesmo motivo, poderá até vir a «reacender-se» a luta da parte dos ajudantes de farmácia.

Os casos a resolver nesta arbitragem respeitam ao quadro de densidades, pagamento de horas extraordinárias e classificação das farmácias em A ou B segundo o seu movimento comercial.

O processo de arbitragem surgiu por proposta do M.T. e foi aceite pelos representantes dos trabalhadores no dia 18 do mês corrente, data para que estava previsto o início de uma greve total e ininterrupta dos ajudantes de farmácia.

A aceitação da arbitragem da parte dos Sindicatos respectivos ficou a dever-se à garantia de princípio, de que uma arbitragem não desrespeitaria a legislação e os princípios

constitucionais apropriados ao caso deste sector profissional.

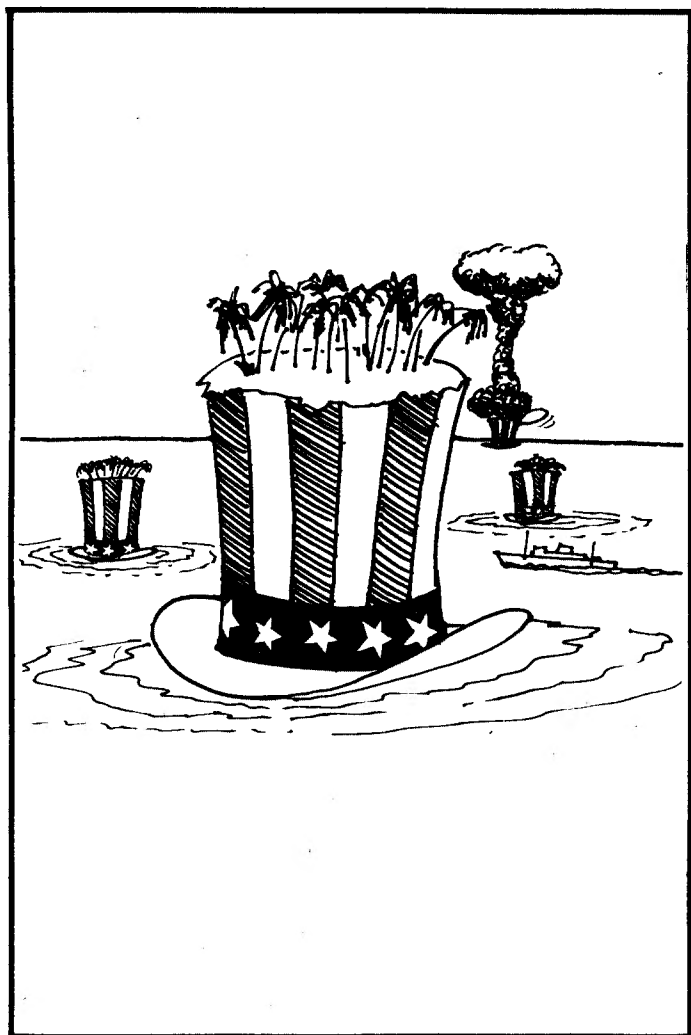
É o caso, por exemplo, das horas extraordinárias, que os trabalhadores apenas pretendem que seja feito de acordo com o que se encontra estabelecido na legislação em vigor. No que respeita ao quadro de densidades a proposta da A.N.F. contraria o princípio constitucional de «a trabalho igual, salário igual». No primeiro caso, as associações patronais pretendiam pagar os serviços extraordinários por meta-de do que está previsto nas tabelas legais. No segundo, pretendiam que os ajudantes técnicos do mesmo estabelecimento não auferissem proventos iguais, por via do quadro de densidades.

Um outro ponto está ainda em discussão, esse considerado de ordem moral pelos organismos sindicais: trata-se da classificação das farmácias em tipo A ou tipo B, que até aqui tem sido feito de acordo com as contribuições industriais. Contra essa norma estão os representantes dos trabalhadores que pretendem que a classificação seja feita a partir da análise directa da escrituração dos estabelecimentos pelos trabalhadores. A isto contrapõe o patronato que se trata de controlo operário e não o aceitar.

Efeitos da classificação, na vida dos trabalhadores: as tabelas salariais variam de acordo com o tipo de estabelecimento.

Em ARGANIL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na COMARCA DE ARGANIL Rua Oliveira Matos-Praça Simões Dias

Estrangeiro



Na Micronésia, os E. U. A. têm duas mil ilhas para as suas experiências

SAIPAN — O voo não é a pior das introduções. Desde que não se tome a linha direita, que, em poucas horas, leva de Honolulu a Saipan.

Vimos dos Estados Unidos e vamos ao caminho da Micronésia. Algures deve haver uma fronteira, uma ruptura. Procuramos-la. O mapa indica-a: depois de ter vencido 3700 quilómetros, o avião deve aterrar em Majuro, nas ilhas Marshall. Erro: não se deixa a América assim tão rapidamente. Duas horas de voo e o avião desce numa pista pousada sobre o oceano. Um risco branco sobre o Pacífico, um atoll-pista, como um grande porta-aviões imóvel. Um atoll-base: Johnston, estranho feudo da U.S. Air Force. Não há aqui lugar para a fantasia, para os coqueiros, para a relva. A pista, algumas instalações encaixadas entre a área de aterragem e o oceano. Os vizinhos mais próximos vivem a 1500 quilómetros. Os viajantes ficam a bordo, foi-lhes pedido que não saíssem.

Descolagem. Desta vez, sim, é a partida para «outra coisa». Direcção Sudeste. Perder-se-á um dia pelo caminho. Dois bons milhares de quilómetros e surge a Micronésia. Surto? A palavra é certa. No meio do Pacífico, um atoll é uma aparição visto de avião mas também de barco. O azul imenso tem, de súbito, um anel de jade à volta do recife. Uma pincelada redonda, verde-escuro (o verde-escuro dos coqueiros). Aqui a largura é de alguns metros, mais além de umas dezenas de metros: Majuro, um nome que não diz muito. De resto, ninguém conhece as Marshall. Ninguém. Ou todos, embora o ignorem. A Norte do arquipélago fica Eniwetok. Uma vaga lembrança. Não longe está Bikini. Todos perceberam.

Nova escala: Kwajalein. Não o aeroporto internacional mas o do lançamento dos mísseis. Está escrito em grandes letras no edifício. Aqui, os viajantes podem caminhar um pouco, mas numa pequena sala e em total segurança. Americanos militares e civis partem a bordo de aparelhos da U.S. Air Force para os atolls próximos. Eis-nos pois de novo na América. Quando a deixaremos?

Mil e cem quilómetros: eis as primeiras Carolinas. E antes de mais Ponape. Já não a roda atolliana cercada pela sua coroa coralífera. A coroa está ali mas a ilha é montanhosa. O aeroporto está como que guardado por um enorme rochedo cor de jade. E a Micronésia? Sim, claro, a Micronésia profunda, pobre. A construção não é de boa qualidade: uma espécie de grande cabana de madeira, com telhado de folha ondulada. Uma multidão colorida e amável.

VERDES DESTROÇOS EM ÁGUAS AZUIS

O piloto andou mais depressa entre Ponape e Truk (700 quilómetros). Temos pois que fazer um pouco de turismo. O atoll de Truk, imenso, é soberbo. O piloto rasa a laguna e diz-nos o nome de alguns desses destroços imensos, de um verde suave, pousados sobre fundos azuis. Aterragem. Sol totalitário. Não é, no entanto, o astro que mais brilha. O que brilha mais são os vestidos das mulheres e das rapariguinhas, autênticos cartazes fosforescentes.

Tal como acontecera nas escalas precedentes, uma jovem que regressa às ilhas Palau — arquipélago do Sudoeste que visitaremos depois — encontra no aeródromo micronésios da sua geração. Discussões em inglês. Recordações da escola. Onde nos leva este voo?

À América, ainda. 1017 quilómetros, e eis Gvã. Gvã americana desde 1898, enclave americano no mapa da Micronésia. Gvã e as suas bases (os B-52 para o Vietname), os seus hotéis repletos de japoneses (os jovens gostam, ao que parece, de passar ali a sua lua-de-mel), Gvã peça mestra da estratégia de Washington.

Último salto de pulga, nova entrada na Micronésia: por fim Saipan. As ilhas Marianas. Saipan, capital do Trust Territory, dessa Micronésia confiada ao mandato americano após a derrocada japonesa. Teremos chegado ao fim, ficaremos por algum tempo na Micronésia? Erro. Aterramos na ilha da Am-

biguidade. Porque Saipan não é mais do que a capital muito provisória do conjunto. Em 1975 as Marianas votaram a favor de um estatuto novo, o do território americano destacando-se do conjunto micronésio em formação.

Onde estamos nós após um tão longo voo? A Micronésia foge, evapora-se, qual ilusão oceânica. Eis-nos perto do Japão e a Chima e uma vez mais nos Estados Unidos. Bastou o voto de alguns milhares de naturais das Marianas para que, sem que o acontecimento tenha emocionado o Mundo, sem que tenha feito títulos de jornais, o mapa do Universo tenha sido desenhado de novo, porque está a desenrolar-se um fenómeno capital. Entre o ferrolho hawaiano e o ferrolho mariano, o Pacífico torna-se um lago americano não disputado. A estratégia do futuro encontra aqui um dos seus eixos principais, contra os poderes americano, japonês, chinês e soviético. Foi também aqui que ela começou a esboçar-se: de Tinian, a alguns quilómetros de Saipan, partiu certo dia de 1945 um avião na direcção de Hiroshima... A pista foi devorada pela floresta mas o Pentágono já pensa em reconquistar o terreno. O futuro já começou. Futuro americano? Sem dúvida. Mas qual será o futuro dos micronésios.

MAIS DE CATORZE VEZES A FRANÇA

«O que é que o atrai aqui?» A pergunta foi-nos feita — amavelmente — muitas vezes. Com efeito, Kissinger disse um dia: «Só há oitenta mil habitantes na Micronésia. Ninguém quer saber disso para nada». («Who gives a damn?»). Ninguém quer saber, o que ajuda Washington, mas seria levianidade atribuir a Washington a responsabilidade total desse silêncio. Por ocasião de recentes estadias no Pacífico do Sul, na Austrália, nas Fiji, Tonga e Samoa, impressionou-nos o absoluto mutismo no que respeitava o Pacífico do Norte. Denunciava-se sempre o colonialismo francês, por vezes o neocolonialismo australiano e neozelandês, mas nunca o imperialismo americano. Um curioso silêncio ainda aumentado pelo das médias. Não há nenhuma agência de Imprensa representada na Micronésia e só uma tem escritório em Gvã. São raríssimos os correspondentes de Imprensa americanos que investigam nos distritos. E, no entanto, quem passeia em liberdade durante algumas semanas por essa formidável e magnífica região, vai de descoberta em descoberta.

Alguns dados para fixar as ideias. A zona: umas catorze vezes maior do que a França. Água? Sim, muita água, mas todos sabem que a água não é geopoliticamente neutra. Num superfície total de mais de 7 700 000 quilómetros quadrados, uns 1850 quilómetros quadrados de terras imersas. Duas mil duzentas e quarenta e uma ilhas, duzentas das quais são habitadas (às vezes por quarenta ou cinquenta pessoas). Falamos da Micronésia tal como ela foi definida pela história colonial. A «grande» Micronésia (no sentido étnico e cultural do termo) compreende também Gvã, a Noroeste, e, ao Sul, Nauru, as Gilbert e as Tuvalu. Referimo-nos aqui à Micronésia que em 1947, se tornou território sob mandato americano.

Desde que Kissinger emitiu o seu impecável e cinico juízo, os micronesianos multiplicaram-se e são hoje uns cento e vinte e três mil. A população dos arrabaldes de uma grande cidade ocidental. Mas falam-se ali nove línguas e há culturas diferentes, ali vazadas pelos

MICRONÉSIA (1)

colonizadores. As «descobertas» no século XVI e mais tarde, puseram ponto final em impérios, a uma antiga unidade? Não parece. Claro que houve contactos interinsulares e até «mapas» de navegação. Mas o passado não pode fornecer-nos mitos suficientemente poderosos para ajudar à formulação, para amanhã, de uma ideologia unificadora.

A Micronésia não nasceu, porém, na altura em que o homem branco a descobriu. Basta visitarmos os arquipélagos de Truk, de Ponape e, sobretudo, de Yap, para nos darmos conta da importância dos costumes, da originalidade da organização social tradicional. E quem contempla as ruínas de Nan-Madol (em Ponape) interroga-se, como na ilha da Páscoa ou em Angkor, sobre a força das civilizações mortas.

A 9000 QUILOMETROS DE LOS ANGELES

As colonizações sucederam-se. Os espanhóis foram os primeiros a instalar-se sobretudo nas Marianas (incluindo Gvã). Os alemães apoderaram-se em 1885 das Marshall. Em 1898 os americanos instalaram-se em Gvã depois da guerra com a Espanha. Em 1899 a Alemanha compra as Carolinas e as Marianas a Madrid. Depois da Primeira Guerra Mundial, os japoneses recebem da Sociedade das Nações mandato para administrar a Micronésia, e as ilhas tornam-se colónias de povoamento. Os japoneses constroem estradas, pescam, desenvolvem a agricultura... e preparam a guerra do Pacífico. Em 1947 os Estados Unidos herdam o mandato.

Micronésia desconhecida... E no entanto... Quem leu o documento oficial que dá aos Estados Unidos a responsabilidade de gerir provisoriamente a região? O artigo primeiro é, no entanto, muito explícito: a zona é qualificada como estratégica (strategic area). Depois da guerra houve outras atribuições de mandatos que, todos eles, tiveram fim. Só o micronésio se mantém como se fosse o único a ser qualificado como estratégico. Assim, os habitantes das Marianas, os de Yap, os de Truk, os ponapeenses, os habitantes das Marshall tornaram-se, sem o saber, sem que fossem consultados, populações «estratégicas». Falar de jogo desigual seria utilizar um termo benigno. Trata-se de uma antinomia fundamental, do casamento da água e do fogo.

Teremos encontrado revoltados, resistentes? Nunca. Quando muito, críticas mais ou menos severas. O mandato deveria assegurar a promoção desse povo. Ora a verdade é que auscultou a sua fragmentação, foi o quadro jurídico de uma colonização subtil que tem por finalidade afastar para Oeste a fronteira dos Estados Unidos, a 9000 quilómetros de Los Angeles, nas águas filipinas e indonésias. Mas qual é o atlas que descreve essa verdade da geopolítica do nosso tempo? «Ninguém quer saber disso para nada». Toda a gente, excepto Kissinger, o Pentágono, o Governo japonês e o xá do Irão. Toda a gente excepto os chineses para quem o fortaleci-

mento dos Estados Unidos é um golpe contra os soviéticos. Excepto os franceses, para quem o silêncio sobre a Micronésia pode ter como contrapartida o silêncio sobre o Pacífico do Sul. Excepto os britânicos, os australianos, os neozelandeses, alinhados com Washington. Como havemos de nos espantar que os debates da O.N.U. sobre a Micronésia não provoquem comentários? A nebulosa insular da Micronésia acaba por se cobrir com

um tal nevoeiro que o Oceano Pacífico parece vazio, vazio de terras, de homens e de mulheres, sem interesse nem interesses. No entanto, que vida, que dramas, que cálculos. Tentemos ver mais claro e, terminado o voo, vamos interrogar a gente da Micronésia. Talvez tenha chegado o tempo de «queremos saber disso», desse fascinante império do oceano a que ainda se chama, decerto sem razão, Pacífico.

© LE MONDE

Nevoeiro político

TRUK — «Os coqueiros, essas girafas do mundo vegetal, tão graciosos e acanhados, tão estranhos para o nosso olhar europeu...» A imagem é de Robert-Louis Stevenson. A primeira vista, a tentativa de compreensão da vida política da Micronésia assemelha-se a um passeio por debaixo dessas árvores de longo pescoço. Ela dá-nos uma impressão de vazio. E depois, algumas horas de caminhada e, em certas ilhas, a paisagem muda. Os coqueiros deram lugar a outra vegetação diferente, compacta. Torna-se difícil caminhar porque há muita lama e milhares de ramos de árvores encrustam-se na areia do oceano. Avistamos o horizonte mas, como progrediu? Ao vazio aparente sucedeu um mundo de armadilhas colocadas em terrenos móveis, um mundo parecido com a vida política da Micronésia.

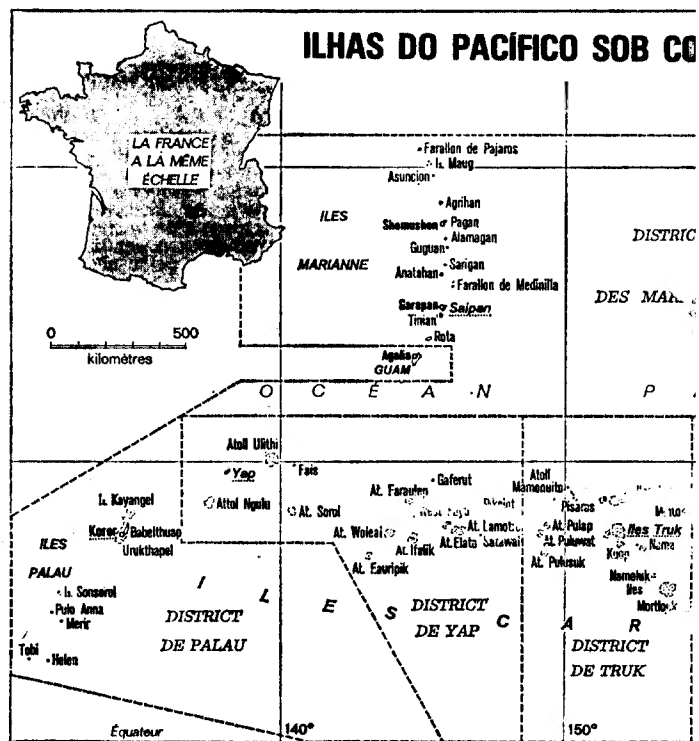
Que se trama nessas aldeias do distrito de Truk («Treque», pronunciado pelos americanos; «Truch», dizem os habitantes), ou entre Truk e Ponape, ou ainda entre Ponape e a ilha excêntrica de Kusaia? Excêntrica... Mas haverá ali um centro? Visitámos todos os distritos, interrogámos por toda a parte americanos, responsáveis micronésios, opositores, juristas em contacto constante com a população. Tentámos ver claramente à escala «nacional», à pequena escala local. Não encontramos nenhum «centro».

Mas se não descobrimos uma Micronésia, encontramos, isso sim, micronésios. Esses povos amam a terra. Uma terra tanto mais respeitada e sagrada quanto ela é ainda mais rara do que o são os oásis no Gobi ou no Sara. E o que é areia nos desertos é aqui água, uma água preciosa devido ao seu coral, aos seus moluscos e peixes e, para quem pensa no futuro, a água da pesca industrial e, quem sabe, do petróleo e das riquezas a descobrirem.

Em vez de só vermos no mapa «atollas» minúsculos, vejamos em grande, como os habitantes. Esqueçamos a fronteira entre a terra e a água, entre o oceano e o que dele emerge. Vejamos tudo em conjunto nessa Micronésia que é um dos maiores países do mundo, à escala desse oceano sem medida.

CAPITOL HILL

Se a história por escrever da Micronésia começa alguns milhares de anos antes da declaração de independência dos Estados Unidos, a sua história contemporânea inicia-se em 1947, com o mandato americano. Ora esse poder americano dirigiu-se a distritos de sociedades muito dissemelhantes em consequência de políticas diferentes devidas aos colonizadores que a precederam. As Marianas foram as mais marcadas pelos Espanhóis. Em espe-



cial pelos seus missionários. A repressão, a que se seguiram deportações massivas dos Chomorros, foi de tal ordem que essa população foi por assim dizer atomizada e esqueceu mesmo os antigos chefes. Onde houve, (no século XVIII) revolta colectiva, já não há mais do que sistema de pensamento individualista.

Para compreender a estratégia americana convém recordar o «caso» das Marianas. No entanto, a reflexão política sobre o futuro da Micronésia, deve agora excluir esse arquipélago. A Micronésia propriamente dita, amputada do seu arquipélago de noroeste, compreende portanto cinco distritos: Palau, Yap, Truk, Ponape (que formam as Carolinas), e Mapuro (ilhas Marshall). Terá, de novo, seis a partir de Janeiro de 1977, quando a ilha de Kusaia se separar de Ponape para constituir uma entidade administrativa.

Os americanos associaram progressivamente os habitantes da Micronésia à gestão dos seus negócios. Foram eleitas assembleias distritais (**district legislatures**) e em 1965 realizou-se o **Congress of Micronésia**, com duas Câmaras (senadores e representantes) em Saipan, e nesse congresso debateram-se os problemas que dizem respeito a toda a região. O poder executivo está nas mãos do alto-comissário americano nomeado pelo ministério do interior dos Estados

Unidos: em cada «capital» local reside um cheque de distrito (de nacionalidade micro-nésia) nomeado pelo centro, e que, portanto depende de Washington.

O organograma parece tanto mais redutor quanto é evolutivo: a pouco e pouco, a Micro-nésia deve, em princípio, naturalmente, poder governar-se sózinha, 1981 é a data em que o mandato termina. De facto, é grande a distância entre a teoria institucional (importada) e a prática, e, por outro lado, entre essa mesma teoria e a realidade social nos vários distritos.

Embora todas as opções estejam oficialmente abertas aos habitantes da Micronésia, Washington quer controlar a marcha dos acontecimentos. A evolução deve operar-se no quadro definido pela estratégia americana. Para mais, o sistema supõe a existência de uma vida política e portanto de uma sociedade americanas, com programas, partidos, ideologia de além-Pacífico. Não há nada disso na Micronésia. Para mais, esse mesmo sistema, para de futuro ser viável, exige esse máximo de autonomia financeira e econômica dos arquipélagos, sem a qual o formalismo da liberdade não corresponde a nada. Sob esse aspecto assiste-se mais a uma caminhada para... a dependência do que para a independência.

• Ao que se diz, para ensinar aos habitantes da Micronésia a arte de se governar, a administração explica nas ilhas e nas aldeias, com a ajuda de documentos de grande complexidade, as diferenças entre a «associação livre», a independência, o estatuto de **commonwealth**, etc. O respeito aparentemente total pelas liberdades não deve enganar. De resto, encontramos bastantes funcionários mais do que cépticos sobre a utilidade do seu trabalho de explicação, tanto mais que na «cimeira» as negociações entre americanos e micronésios estão num impasse, e que o edifício jurídico cuja

construção já começou, pode ruir de um momento para o outro.

Em 1969 iniciaram-se conversações. Começou a soprar no Congresso da Micronésia um vento de descolonização que Washington não previa. Em 1971 Nixon nomeou para chefe da delegação americana o homem que ainda se mantém nesse lugar, o embaixador Williams, um jurista perito em assuntos de defesa e presidente da **Asian Foundation**, a que a CIA tem sempre dado grande apoio. As discussões prosseguem há anos, mas chocaram no problema da independência (a hipótese deveria ser mencionada? Sê-lo-lia a partir de 1973), no problema das **public lands** (60 por cento das terras «pertencem» à administração), nos problemas financeiros, etc. Round após round, crise após crise, os americanos vão ganhando tempo e utilizam-no em seu proveito.

Na altura em que as discussões demoravam, reuniu-se (em 1975) uma conferência constitucional, que redigiu um projecto de lei fundamental para a Micronésia: um passo na direcção da independência e uma reafirmação da unidade da região. O projecto evoca a possibilidade de assinar tratados, o que sugere uma soberania nacional.

No entanto, as conversações prosseguiram durante o primeiro semestre de 1976, entre americanos e micronésios. O documento, cuja realização ainda não terminou, e que deveria ser submetido a um referendo, prevê uma «associação livre» da região com os Estados Unidos, que continuarão responsáveis pela defesa e pela diplomacia. Washington dará uma ajuda durante quinze anos (no início 48 milhões de dólares por ano, no fim 42). O Pentágono utilizará as bases que considerar vitais (Kwajalein, Bebelthup, etc.), mesmo em caso de alteração dos elos políticos entre Washington e a Micronésia. O acordo só pode ser quebrado por «**mútuo consentimento**» (e unilateralmente após um período de quinze anos).

Este projecto não está de acordo com o projecto constitucional. Para mais, as negociações não terminaram. Nelas trata-se sobretudo do problema do direito ao mar. Com efeito, os micronésios querem estender a sua jurisdição até 200 milhas da costa, o que os americanos recusam. Também não é certo que o documento, já em grande parte composto, não seja novamente discutido. De futuro, as negociações serão feitas por um novo comité (do lado micronésio) que poderá ter opiniões diferentes do precedente. Ele é dirigido por um senador do arquipélago de Truk, Andon Amaraich, defensor antusiástico do direito dos Micronésios ao controlo das suas riquezas oceânicas, homem íntegro, e, ao que se diz, o único a ter uma envergadura nacional.

Mas essas negociações «globais» terão ainda um sentido? A confusão é das maiores. Seguindo o exemplo das Marianas, uma parte dos palauanos e dos marshallenses, querem ter de futuro conversações com os Estados Unidos, mas separadamente, a fim de obter

A high-contrast, black and white photograph of a person in a light-colored, possibly white, garment, standing against a dark, textured background. The person is positioned centrally, with their head tilted slightly to the right. The image is heavily stylized, with extreme contrast and a grainy, high-contrast aesthetic.

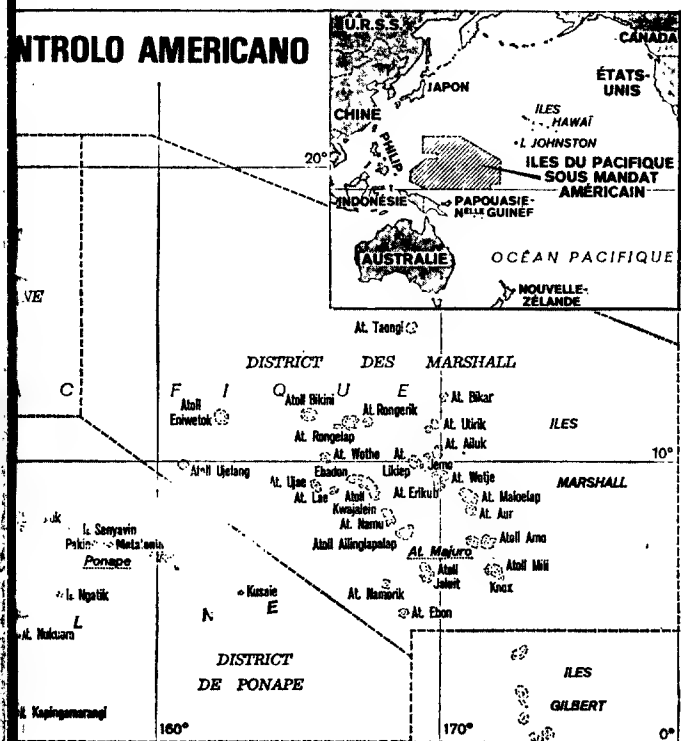
As experiências dos E. U. A. no campo nuclear, têm sacrificado algumas regiões do mundo: é, entre outros, o caso da ilha de Bikini

rem, de futuro, um estatuto diferente dos outros. Os americanos que não desejam criar uma consciência nacional micronésia, e que têm procurado, através de discussões infinitas, dividir para melhor reinar, optaram finalmente, por uma Micronésia unificada que controlaria sem dificuldades. Ora a situação escapa-lhes um pouco. Porque se hoje alguns palauanos e alguns marshallenses reclamam, como outrora os habitantes das Marianas, negociações em separado, isso

acontece porque Washington concedeu e prometeu para o futuro a essas populações estrategicamente essenciais, recursos financeiros que as facções dirigentes locais não querem partilhar com os outros arquipélagos.

Está-se portanto em pleno nevoeiro político. Ninguém pode dizer o que será, no plano jurídico, o futuro da Micronésia. O embaixador William já aceitou receber delegações «separatistas» palauana e marshallesa. A Micronésia do

futuro será pois unicamente composta pelos dois distritos onde Washington não tem nenhum interesse estratégico (Yap, Truk, Ponape, Kusaia)? A verdade é que nenhuma das cláusulas do mandato de 1947 foi na realidade respeitada pelos americanos: tudo o que foi realizado nos domínios económicos e culturais contribuiu para ligar a Micronésia ao império, em vez de criar as condições necessárias à sua libertação.



Estrangeiro

Uma vasta conspiração montada contra Gadhaffi

Os E. U. A. estão interessados em fazer cair o regime libio do coronel Muammar Gadhaffi, contando, para isso, com o apoio militante do Egipto, Sudão e Arábia Saudita. A manobra é tão visível que o jornal francês «Le Monde» a escolhia para tema do seu boletim do estrangeiro (na primeira página da sua edição de 25 deste mês, significativamente sob o título de «Santa Aliança contra a Líbia»).

A verdade é que desde 1973, após o malogro definitivo das tentativas de união libio-egípcia, as relações entre os dois vizinhos têm vindo a ser cada vez mais tensas.

Tudo quando ultimamente tem acontecido no Egipto é imediatamente atribuído a uma conjura libia. Há uma explosão, com vários mortos, provocada por uma bomba? Foi Gadhaffi quem deu ordens, quem pagou. Com tanta sorte das forças policiais egípcias, que estas deitam imediatamente a mão a «agentes» libios (cuja nacionalidade nunca é libia...) os quais falam pelos cotovelos e contam logo tudo: foram pagos a tanto para fazer o «trabalho» e quem lhes pagou foram os serviços secretos libios.

Como se isto não bastasse, as autoridades egípcias levaram esta semana as coisas a um exagero manifesto: «montaram» um desvio num avião que fazia a carreira Cairo-Luxor e decidiram acusar o Governo libio de estar na origem do de-

lito. Um comando egípcio, tão hábil como os mais hábeis israelitas, entrou em acção e numa operação relâmpago salvou os reféns. O pior é que houve um desencontro entre os propósitos das autoridades egípcias e a companhia de aviação. Assim: apareceu um «flash» falando do desvio. Os jornalistas telefonaram para a Egyptair. Esta respondeu: «É falso. O avião chegou já a Luxor sem quaisquer incidentes». Horas mais tarde, no entanto, a Egyptair confirmava tudo quanto primeiro tinha desmentido. Se isto não foi montagem (como a Líbia se apressou imediatamente a denunciar) tem demasiadas semelhanças com uma farsa para ser crível.

No campo da violência verbal, os dois dirigentes árabes equivalem-se: para Sadat, Gadhaffi é o «doido da Líbia», para Gadhaffi, Sadat é o «cão raivoso ao serviço dos americanos».

Mas para lá deste aspecto pitoresco da disputa, o que interessa pôr em destaque é o que está por detrás do jogo. Tem-se como certo e factos reais comprovam que na reunião de Djeddah entre os dirigentes egípcio, saudita e sudanês, foi decretada a liquidação do regime libio. Sadat terá mesmo dito: «Esta vez Gadhaffi não me escapará».

Cruzado de uma nova pregação no mundo árabe, Gadhaffi tem pregado a subversão revolucionária contra os regimes

árabes apodrecidos, o que é razão bastante justificativa para levar o Egipto, o Sudão e a Arábia Saudita, demasiado enredados nos seus compromissos com a potência tutelar de Israel — os E. U. A. — a quererem substituir o dirigente de um país com tanto peso económico e geográfico como a Líbia.

Por seu lado, os E. U. A. têm também amplos motivos de queixa da Líbia. «Le Monde» fala que as razões de queixa norte-americanas são a cobertura, embora camuflada, que Trípoli tem dado ao terrorismo internacional. Contudo, outra razão de mais peso têm os E. U. A. contra a Líbia: o petróleo. Não podemos esquecer as dores de cabeça, o desespero que a O.P.E.P. tem causado ao capitalismo internacional. Embora os E. U. A. sejam o país ocidental menos dependente das importações de petróleo, o certo é que o exemplo da O. P. E. P., a sua força, o seu poder constituem, só por si, uma ameaça temível para o imperialismo. No seio da O. P. E. P. os E. U. A. contam com vários aliados. O Irão e a Arábia Saudita são, no mundo árabe, os produtores de petróleo mais importantes e ao mesmo tempo os mais amigos de Washington. Mas a Líbia tem tido uma actuação caprichosa. Poder liquidar a «hidra libia», é um passo importante na luta paciente que os E. U. A. têm travado contra esse

temível cartel de produtores que é a O. P. E. P.

FRONTEIRAS E PROPAGANDA

...E, deste modo, tudo se conjuga. O Egipto tem diariamente «provas» da agressão libia e arranja justificações para aumentar os seus efectivos na fronteira com a Líbia.

O Sudão, que bate os recordes em golpes de estado falhados e em execuções que não falham, vem a terreiro e acusa Gadhaffi de estar na origem de mais um golpe...

A imprensa ocidental e as agências de imprensa todos os dias trazem nova soma de informações sobre as provocações do «doido da Líbia».

Podiam multiplicar-se os exemplos das coincidências que ocorrem em relação a comentários de imprensa nos E. U. A. e em certas capitais árabes, sobre o tema Gadhaffi. Apontemos a última. Enquanto o jornal «New York Times» escrevia no dia 26 deste mês que «Gadhaffi é o problema de toda a gente», que «Gadhaffi apoiou nos últimos seis meses tentativas para minar os governos de cinco dos seis países vizinhos da Líbia», e que «as nações árabes têm obrigação especial de pôr fim às agressões de Gadhaffi», enquanto isto se escrevia em New York, no Cairo o ministro dos Negócios Estrangeiros, Ismail Fahmy, dava uma entrevista declarando que «Gadhaffi já provocou bastante mal ao mundo árabe» e que a sua «presença no mundo árabe é indesejável no verdadeiro sentido da palavra».

Caso igualmente digno de nota: sempre que as autoridades egípcias descobrem um «agente libio» (que por acaso nunca é de nacionalidade libia) todas as agências de imprensa que alimentam os jornais do mundo capitalista se fazem eco da notícia. Mas quando agentes de nacionalidade egípcia são descobertos na Líbia, nós só sabemos disso através da... I. P. S. ou de outras agências progressistas.

Assim, na terça-feira, dia 24, dois agentes egípcios foram



O dirigente libio, Muammar Gadhaffi, fotografado durante uma conferência de imprensa que deu em Colombo (Sri Lanka), por ocasião da «cimeira» dos Não-Alinhados. A poucos dias do aniversário da revolução que o levou ao poder, intensifica-se a campanha para o derrubar. (Foto Siya Press).

presos no aeroporto de Sabha (Trípoli) trazendo armas e explosivos entre as suas bagagens. Apresentando um protesto ao Cairo, a resposta foi de que nesse avião só iam cidadãos dos E. U. A. Daí a dois dias, porém, o Cairo dava o dito por não dito e ante as provas fornecidas pela Líbia, o Egipto teve que reconhecer que os dois homens eram elementos das suas Forças Armadas, eram portadores de explosivos, tinham sido enviados em missão para a Líbia... Os nomes deles são: Ibrahim Rizq Hassan e Muhammed Mahmoud Al Bayouni. Segundo confessaram, foram enviados para a Líbia pelo general egípcio Muhammed Al Minshawi, com a missão de sabotarem diversas instalações e organismos públicos.

Na noite de 25 para 26 de Agosto, era apresentado na TV libia mais um agente egípcio: Muhammed Murad Al Kholy, o qual afirmou perante as câmaras que desde 1969 vem cumprindo missões subversivas na Líbia. Chegado à Líbia nesse ano, Kholy entrou imediatamente em contacto com o primeiro-secretário da Embaixada do Egipto. Pouco depois, começou a trabalhar no ministério libio da Aviação Civil, passando a transmitir informações regulares sobre esse ministério ao diplomata egípcio já citado. Essas infor-

mações para o Cairo. Kholy remete dos pilotos da Força Aérea libia, ao número e localização das suas instalações militares, ao funcionamento dos «Mirage» franceses que a Líbia possui. O primeiro secretário da embaixada egípcia, Mammoud Munib, levava muitas vezes pessoalmente estas informações para o Cairo. Kholy revelou ainda que um general reformado, Yahia Shinawi, era outro elemento de ligação da sua actividade de espionagem. Além disso, o diplomata egípcio recomendou a Kholy a conveniência de organizar actos de sabotagem provocando incêndios em lugares públicos, estações distribuidoras de combustível e entrada de cinemas. Segundo Kholy o diplomata recrutaria pessoal egípcio para estas missões e, ao mesmo tempo, faria circular panfletos contra o regime libio. Curiosamente estas notícias não as recebemos das fontes de onde pressurosamente quase todos os dias nos chegam novos «factos comprovativos» da «loucura» e «perigosidade» de Gadhaffi.

Curiosamente também alguns jornais portugueses não se cobrem de entrar na campanha, dando honras de primeira página ao espalhado anti-Gadhaffi que circula entre o Cairo-Cartum-Riad-Washington... Estudo uma questão de opções.

A. N.

E.U.A.

Ford subiu alguns pontos nas sondagens de opinião

NEW YORK. (FP-«DL») Segundo o Gallup Institute, famoso pelas suas pesquisas de opinião, Gerald Ford recuperou o atraso que tinha em relação ao seu adversário nas eleições presidenciais norte-americanas, Jimmy Carter. Os últimos resultados demonstram que se as eleições fossem realizadas neste momento, Carter receberia 49 por cento dos votos enquanto Ford teria que se contentar com 39 por cento. Em todo o caso, isso indica uma subida de Ford no consenso popular. Os dados anteriores davam vantagem para Carter, por uma margem bem maior: 56 por cento, contra 33 por cento de Ford.

Os números actuais eram esperados. Nos Estados Unidos, normalmente, a margem de avanço de um candidato à Casa Branca que seja o provável vencedor diminui, logo que o seu adversário receba a designação. Em 1964 aconteceu isso

entre Lyndon Johnson e Barry Goldwater, repetindo-se o fenómeno em 1968 em proveito de Hubert Humphrey à custa de Richard Nixon, que viria a ser eleito.

Entretanto, Carter passou à ofensiva junto dos agricultores, denunciando «a incompetência sem precedentes dos governos de Nixon e Ford na gestão agrícola do país». Esta investida do candidato democrata procura cortar o caminho do candidato à vice-presidência da chapa de Ford, o senador do Kansas Robert Dole, que havia anunciado que traria para o seu campo as simpatias do mundo agrícola e das pequenas cidades. Carter foi aclamado por 10 000 pessoas reunidas em Moines, no Iowa, ao prometer que acabaria de uma vez por todas, com os embargos às exportações dos produtos agrícolas. Na véspera, Carter foi apupado em Seattle,

durante a convenção do «American Legion» quando se declarou favorável ao «perdão» para os desertores do Vietname.

No mesmo local, o companheiro de Gerald Ford foi vivamente aplaudido, quando disse o que todos queriam ouvir: «Nenhum perdão, nenhuma amnistia, nenhuma clemência para os desertores». Robert Dole, há uma semana, segue na pegada de Carter e espera-se pela resposta que dará em Moines. Em Chicago, o candidato à vice-presidência dos democratas, Walter Mondale, acusou os republicanos de «ignorância face aos problemas das grandes cidades», e reconheceu que o Estado de Illinois será «crucial» no escrutínio de 2 de Novembro. Note-se que os democratas beneficiam do apoio do presidente municipal de Chicago, Richard Daley, que tem a reputação de «fazedor de presidentes».

Saldos • Saldos • Saldos

Grande Campanha

JOFRAMA

Não temos "MONOS" para saldar, temos artigos de boa qualidade que vendemos a preços de saldo

Pano estamp. 1,5 largura 55.00	Colcha algodão casal 183.00
Jogo banho veludo 1.350.00	Sensacional lençol estamp 189.00
Cobertor luxo veludo estampado 395.00	Colchete Nimie 15.00
Jogo mesa Biarritz 450.00	Milhares cobertores 199.00
Jogo cama 1,80 estamp. c/ 2 lenç 59.00	Milhares de jogos de banho 199.00
Lençóis enormes 149.00	Nosso reclame 119.00
Lençóis bordado suíço 39.00	
Almofada espalme 69.00	
Pano estamp. 2, largura 89.00	
Lençol branco 89.00	
Sensacional baby-groo c/ perna estampado 85.00	
Pano estamp. 2, largura 515.00	
Jogo cama estamp. c/ 2, c/ 2 lençóis	

Somos O REI DOS PANOS — e provamos — Temos nos nossos armazéns 150 toneladas ou seja 600 quilómetros, dos mais diversos panos estampados, brancos e cores, para vendermos mais barato que qualquer fábrica

Os nossos Saldos vão ser o delírio das Noivas e Donas de Casa

SEDE RUA DOS FANQUEIROS, 226-232 (frente à Rua da Assunção)
FILIAIS RUA JOÃO DAS REGRAS, 4-B (junto à Praça de Figueira)
RUA DA MADEIRA, 203-217
Telefones: 86 28 99 - 87 21 56 - 87 33 40 - 86 85 72 - LISBOA-2

MANDAMOS À COBRANÇA PARA TODO O PAÍS E ILHAS

Saldos • Saldos • Saldos

Estrangeiro

FRANÇA

Menos gaulistas no novo gabinete

PARIS, 28 — (ANOP/FP/R/«DL») — No elenco governamental anunciado ontem à noite, o novo primeiro-ministro francês, Raymond Barre, um perito em economia de renome internacional assu-

me também a pasta das Finanças. Esta é a primeira vez na política moderna da França que dois importantíssimos cargos são ocupados por uma só pessoa. O antigo ministro das Finanças, Jean Pierre Foucar-

de, cujo nome era apontado como um dos prováveis sucessores de Jacques Chirac e íntimo colaborador de Valéry Giscard d'Estaing, perdeu o posto depois de uma luta vã para proteger o franco contra a inflação, défices comerciais e a incerteza internacional acerca da política em França. Outro que perdeu a pasta foi Jean Sauvagnargues, diplomata de carreira que estava à frente dos Negócios Estrangeiros. Entretanto, a sua mudança por outro diplomata de carreira, Louis de Guiringaud, de 64 anos, até agora embaixador da França junto às Nações Unidas, sugere que não haverá qualquer alteração na política externa.

Contudo, a figura mais significativa entre as seis caras novas do Gabinete francês é, sem dúvida, o «barão» gaulista Olivier Guichard, de 56 anos, conservador moderado que teve relações muito estreitas com o general Charles de Gaulle que assume o Ministério da Justiça. Participando do Governo de Raymond Barre, poderia ser visto como um elo de ligação com os gaulistas que estão a pensar que vão perder o contacto com o gabinete, após o afastamento de Chirac. Olivier Guichard substitui na pasta da Justiça o reformista do centro Jean Lecanuet que, entretanto não deixa o Governo, mas transita para o Ministério do Planeamento e Desenvolvimento Regional.

Os assuntos relativos à Informação também sofrerão modificações. A informação sobre a actividade governamental e a sua acção será de responsabilidade colectiva do gabinete sob orientação do primeiro-ministro e a tradicional conferência de imprensa concedida após cada Conselho de Ministros será substituída por um friso comunicado que será entregue à imprensa pelo secretário-geral da Presidência.

De um modo geral, considera-se que os gaulistas perderam terreno, pois em 36 postos governamentais apenas ocupam 9. No Gabinete de Chirac, possuíam 13 dos 43 existentes. Os membros da união da esquerda — radicais, comunistas e socialistas — chamavam ontem a atenção para o malogro de Giscard d'Estaing na sua tentativa de alargar ao cen-

tro-esquerda a sua maioria presidencial. Para o P. S., «o chefe do Estado só pode alargar-se aparentemente, para traduzir as suas diferentes veleidades e, mesmo assim, sem iludir ninguém». Charles Fiterman, secretário da C.C. do P. C. F., disse, por sua vez, que não há nenhum alargamento da maioria e focou que dos 18 ministros, 13 já eram membros do Governo: «É a roda dos ministros que brinca a mudar de cadeira, como o jogo que todos conhecemos». Fiterman chamou ainda a atenção para o facto de Raymond Barre acumular o cargo de ministro das Finanças com o de primeiro-ministro: «Isso confirma que já não há um primeiro-ministro em plena aceção da palavra». Para os radicais, os problemas franceses exigem uma política enérgica apoiada na confiança popular, que somente a alternativa de esquerda pode gerar.

PELA SEGUNDA VEZ

Ministro espanhol reúne com sindicatos ilegais

MADRID, 28 — (ANOP) Durante três horas, na manhã de ontem e num domicílio particular de um militante da União Sindical Obrera (U.S.O.) o ministro das Relações Sindicais, Enrique de la Mata, teve um encontro com dirigentes da U.S.O. organismo sindical operário considerado ilegal e que, juntamente com Comissões Obreras e a União Geral dos Trabalhadores, representa os movimentos operários fora da organização oficial.

Durante a reunião, «muito interessante», realizada a pedido do ministro, que dava continuidade ao primeiro encontro mantido na semana passada com representantes da União Geral dos Trabalhadores e a que se deve seguir um próximo com Comissões Obreras, o «ministro expôs as suas impressões acerca do futuro sindical espanhol, assim como as possibilidades de legalização das diversas organizações sindicais, até agora ilegais» — refere o comunicado da U.S.O., difundido ao princípio da tarde.

Segundo o mesmo comunicado, difundido, a «delegação da U.S.O. expôs ao ministro o critério de que a liberdade sindical peçsa pela dissolução do aparelho vertical e oficial da

Ingleses torturam na Irlanda do Norte

DUBLIN, 28 — (ANOP) A Comissão Europeia dos Direitos do Homem considerou o Governo britânico culpado de violação do artigo terceiro da sua Convenção o qual proíbe «torturas ou tratamento desumano e degradante dos detidos» — indica um relatório da Comissão ontem divulgado em Dublin.

O relatório, que só deve ser publicado na próxima semana, é o resultado de três anos de audiências efectuadas em Estrasburgo e baseia-se no depoimento oral de 118 testemunhas.

Não obstante ter considerado o Governo britânico culpado de torturas e maus tratos nas pessoas de presos políticos da Irlanda do Norte durante os primeiros dias de detenção sem julgamento, e durante interrogatórios, efectuados em Agosto de 1971, a Comissão rejeita a acusação feita pelo Governo irlandês de que os presos católicos teriam recebido tratamento discrimi-

natório.

Noutros pontos do relatório salienta-se que a «prática de maus tratos durante os interrogatórios de presos na Irlanda do Norte, no Outono de 1971, era tolerada pelas autoridades».

No entanto, sublinha-se que o período de detenção, que não é discriminatório contra a comunidade minoritária da Irlanda do Norte, é «estruturalmente necessário, dadas as exigências da situação».

O Governo britânico — prossegue o relatório — seguiu uma política de «não cooperação» sob alguns aspectos, com a Comissão Europeia dos Direitos do Homem.

Por fim, a Comissão declara que a aplicação do período de detenção, ao abrigo do tratado especial das potências de 1922, não foi contra a Convenção Europeia dos Direitos Humanos, no que se refere ao direito à liberdade e salvaguarda do detido.

Traficantes americanos condenados em Moscovo

MOSCOVO, 28 — (R) — Três cidadãos norte-americanos foram ontem condenados a penas de trabalhos forçados por um tribunal soviético. Os três homens são Gerald Amster, de 33 anos, Dennis Burn, de 26 e Paul Brawer, de 31, os quais foram condenados respectivamente a oito, sete e cinco anos.

Os três homens confessaram-se culpados da acusação de terem transportado clandestinamente para a Europa, através da U.R.S.S., um carregamento de heroína.

Os norte-americanos foram presos em Junho passado no aeroporto moscovita de Sheremetievo, quando se encontravam em trânsito de Kuala Lumpur para Paris, transportando mais de 28 quilogramas em malas de fundo falso. Declararam ao tribunal que actuavam como correios para uma rede internacional de tráfico de drogas e que receberiam 30 mil florins e um quilo e meio de heroína. Julga-se que a droga se destinava a Amesterdão.

O juiz soviético ordenou a confiscação dos bens dos réus e a destruição da heroína, que se julga valer cerca de três milhões de dólares (aproximadamente 90 mil contos) no mercado negro da Europa Ocidental.

Os americanos escutaram as sentenças, sem mostrarem a mínima perturbação.

Os réus têm uma semana para recorrer da sentença e Brawer declarou aos jornalistas que o fará. Disse também acer-

ca do tribunal de Moscovo: «Foram justos».

As autoridades soviéticas desejam certamente esmagar uma «Moscow Connection» que transporta drogas do Sudoeste Asiático para a Europa Ocidental servindo-se das carreiras aéreas soviéticas, mais baratas.

Um total de 18 estrangeiros foram presos no aeroporto Sheremetievo em pouco mais de um ano por contrabando de drogas, mas o carregamento de heroína dos americanos foi o maior golpe na rede de drogas de que há memória em Moscovo.

O procurador do Estado Gennady Vazhenin, classificou Amster como «o organizador da missão criminosa a Kuala Lumpur».

Yazhenin classificou Brawer como «a espécie de comerciante que não podia desprezar qualquer oportunidade de fazer dinheiro».

Burn de 26 anos, proveniente de uma família pobre, tinha caído sob a influência de Amster, afirmou o procurador.

Falando dos três em geral, disse: «Na sociedade onde nasceram e foram criados, tudo pode ser comprado, até almas humanas».

«O crime que está a ser investigado aqui é invulgar numa sociedade socialista, mas é característico de uma sociedade capitalista», declarou.

Atribuiu a utilização de drogas em países capitalistas ao isolamento e alienação sociais e aos grandes sofrimentos causados pelo desemprego.

suas penas de cadeia.

Em Março, os réus emitiram um comunicado, denominado Declaração da Democracia e de Salvação Nacional, pedindo ao presidente Park Chung-Hee para se demitir, reintroduzir plena democracia e abolir o seu decreto de emergência e a dura constituição da Coreia do Sul.

O juiz-presidente Jun Sang-Suk, ao proferir as sentenças declarou que o comunicado dos réus distorcia as realidades políticas, diplomáticas, económicas e sociais, apresentando uma imagem falsa da Coreia do Sul.

Criticas à Constituição e ao decreto de emergência, assim como à divulgação de notícias falsas, constituem crimes nos termos do diploma que o presidente Park impôs, em Maio de 1975, para acabar com meses de protestos da oposição e dos estudantes. A pena máxima por tais crimes é de 15 anos de cadeia.

A acusação alegou que o objectivo da declaração de Março era provocar revoltas populares para derrubar o governo.

Big Ben regressa à vida

LONDRES, 28 — (R.) — O sino do Big-Ben e o grande relógio de Westminster voltaram hoje à vida ao meio-dia após uma pausa de 22 dias, a mais longa nos 117 anos de existência do relógio.

Uma dramática contagem decrescente de 30 segundo e uma pancada no pêndulo reavivaram o relógio e o Big-Ben assinalou o meio-dia pouco depois. O relógio parou em 5 de Agosto quando se quebrou uma enorme peça e o mecanismo avariou.

O período mais longo que o relógio, no topo de uma torre anexa ao Parlamento, parara anteriormente foram 24 horas em 1966, embora houvesse 30 pequenas pausas desde 1900 devido a razões, tais como o pincel de um pintor no mecanismo e um bando de andorinhas que pousou no ponteiro dos minutos.

SEUL

Oito anos de prisão para ex-presidente

SEUL, 28 (R) — O ex-presidente Yun Po-Sun e o antigo candidato presidencial Kim Dae-Jun foram hoje condenados a oito anos de cadeia, por violarem um decreto presidencial de emergência, em vigor há 15 meses, proibindo toda a dissensão política.

Foram também sentenciados a oito anos de cadeia pelo tribunal distrital criminal de Seul, Am Suk-Hun, elemento de destaque da campanha a favor dos direitos civis, e o sacerdote cristão Moon Ik-Hwan. Foram condenados por subversão.

O tribunal proferiu ainda sentenças de cinco anos contra nove outros réus, incluindo o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, Chyung Yil-Hyung e sua mulher, a dr.ª Lee Ta-Young, figura proeminente na campanha da libertação feminina.

Mais cinco réus, incluindo dirigentes cristãos e professores, foram condenados a penas de dois a quatro anos de cadeia.

O tribunal suspendeu também os direitos civis a todos os 18 condenados pelos períodos correspondentes às

CONHEÇA A
RÚSSIA

8 DIAS EM PENSÃO COMPLETA

17.970\$00

SAÍDA A 19 DE SETEMBRO



LISBOA, COPENHAGA,
LENINEGRADO, MOSCOVO,
COPENHAGA, LISBOA

Meliá

Rua Rosa Araújo, 2
Tel. 536971-LISBOA
Praça Gen. Humberto Delgado,
269-1/C Tel. 310034-PORTO

Manobras do Pacto de Varsóvia

COPENHAGUE, 28 — (R.) — A Dinamarca aceitou um convite para enviar dois observadores a manobras do Pacto de Varsóvia na Polónia no próximo mês, anunciou hoje o Ministério da Defesa em Copenhague.

Os exercícios militares do bloco oriental, envolvendo 30.000 homens da Polónia, União Soviética, Checoslováquia e RDA terão lugar na região Wroclaw e a costa Báltica polaca de 9 a 16 de Setembro.

É a terceira vez que o Pacto de Varsóvia convida observa-

dores da NATO para as suas manobras. Dois países da NATO, a Noruega e a Dinamarca, enviarão observadores a exercícios do bloco soviético no último ano ao abrigo de medidas recomendadas pela Conferência de Segurança Europeia em Helsínquia em Agosto do ano passado.

A Dinamarca manifestou a sua preocupação este ano pelas crescentes actividades do Pacto de Varsóvia no Báltico Ocidental, particularmente em torno da ilha dinamarquesa de Bornholm, apenas 80 quilómetros a norte da costa polaca.

Caminhos de Ferro Portugueses



Informações ao Público

Verbais e Telefónicas

Horário a praticar durante os meses de Julho, Agosto e Setembro

LISBOA-ROSSIO:

Informações Verbais:
das 08.00 às 20.00 horas

Informações Telefónicas:
32 62 26 / 32 62 27 / 32 62 28
das 10.00 às 20.00 horas

LISBOA-SANTA APOLÓNIA:

Informações Verbais:
das 08.00 às 20.00 horas

Espectáculos

A ópera de Dresde renasce das ruínas

Hans Gaiser

Dresde, capital de distrito, é um dos centros culturais da República Democrática Alemã.

A vida teatral da cidade e os tesouros de arquitectura que encerra valeram-lhe o epíteto de «Florença do Elba». Na verdade, Dresde apresenta certas características comuns com a cidade italiana, célebre pelas suas obras-primas artísticas e pelos seus museus e teatros. Há trinta anos, Dresde conhecia uma viragem trágica da sua história: a 13 de Fevereiro de 1945, poucas semanas antes do fim da Segunda Guerra Mundial, o centro da cidade era completamente arrasado pelos bombardeamentos maciços dos aviões anglo-americanos. Mais tarde, especialistas em história militar de renome internacional qualificavam de «insensata» aquela acção, que destruiu inutilmente tesouros de arquitectura insubstituíveis. Os terríveis bombardeamentos de Dresde arrasaram, entre outros monumentos, o conjunto de edifícios da Praça do Teatro, o castelo de Zwinger, conhecido no mundo inteiro, a Galeria dos Mestres Antigos, a igreja da Corte, o castelo do príncipe-eleitor e a Ópera, construída por Gottfried Semper. A cidade edificada nas margens do Elba tinha nessas preciosidades arquitecturais justos motivos de orgulho e a principal razão do seu renome.

Em 1948, graças ao apoio da administração militar da URSS na antiga zona de ocupação soviética, o «Zwinger» começou a ser reconstruído segundo os planos originais. Mais tarde, outros edifícios foram reconstruídos na Praça do Teatro.

Numa conferência de Imprensa internacional, Gerhard Schill, primeiro-burgomestre de Dresde, anunciou que a reconstrução da Ópera começaria em 1977. A realização do projecto levará cinco anos, oscilando o seu custo entre 110 e 120 milhões de marcos

(aproximadamente 1 milhão e 200 mil contos), verba retirada do orçamento nacional.

Esta declaração não tem nada de surpreendente, já que os primeiros trabalhos de conservação foram empreendidos após a guerra, com o objectivo de proceder mais tarde à reconstrução do edifício. Na primeira fase, despenderam-se três milhões de marcos para reerguer as paredes derrubadas e cobrir sumariamente a sala e o palco, a fim de evitar outras destruições. Um concurso aberto há alguns anos, com a participação dos mais célebres arquitectos da RDA, forneceu já as primeiras indicações quanto às possibilidades de reconstrução. Efectuaram-se depois estudos de pormenor sobre a conservação do monumento, os problemas de acústica e o material técnico da Ópera.

A Ópera de Dresde está ligada à carreira de um grande número de compositores célebres, entre os quais Heinrich Schütz, Carl-Maria von Weber, Richard Wagner e Richard Strauss. A partir de 1982, o edifício acolherá a companhia da Ópera de Estado de Dresde, que ocupa lugar de relevo entre as principais cenas líricas da RDA, goza de boa reputação no plano internacional e possui em Harry Kupfer um director dinâmico. Como declarou Fred Larondelle, intendente geral dos Teatros de Estado de Dresde, na já mencionada conferência de Imprensa, os responsáveis esforçam-se por compor desde já o futuro repertório e assegurar o elenco artístico, necessariamente extenso, e a qualificação permanente do pessoal técnico, a fim de poderem ser plenamente utilizadas as ricas possibilidades oferecidas pela nova instituição, que ficará a ser uma das mais modernas do género.

Uma vez reconstruído, o teatro projectado por Semper será exclusivamente um teatro lírico, cuja fachada histórica per-

manecerá praticamente sem modificações, apesar dos trabalhos de renovação necessários. A despeito das importantes destruições, os salões e os «foyers» serão decorados segundo os planos originais. Isto permitirá conservar igualmente todo o esplendor da grande sala, embora seja necessário, por razões de acústica, renunciar às galerias do quinto balcão. A grande sala de espectáculos, com mais de 1300 lugares, será o remate digno da restauração do grande edifício.

O palco será construído em função das técnicas mais avançadas. Disporá de 4 eixos com 16 praticáveis amovíveis, palco e passarela giratórias, «chariots» laterais, acústica e iluminação notáveis, e um sistema racional para o transporte de cenários e adereços.

As novas tecnologias, mas sobretudo os equipamentos sociais necessários ao pessoal artístico e técnico, exigem a construção de um edifício anexo ligado à Ópera histórica através de passagens climatizadas. Os edifícios formarão uma unidade funcional que respeitará as necessidades do urbanismo sem atentar contra a arquitectura do edifício concebido por Semper. A construção anexa abrigará numerosas instalações técnicas, mas também salas de ensaios, «ateliers» para a confecção de cenários e figurinos, e outros equipamentos, entre os quais um grande restaurante.

Wolfgang Hansch, arquitecto responsável pelo projecto, está muito optimista em relação à difícil tarefa que tomou a cargo, e espera que o novo edifício corresponda a todas as exigências dos espectadores e do público, dado o largo proveito extraído de anteriores experiências à escala internacional, sobretudo nos países socialistas, em matéria de restauração de monumentos históricos.



Isabel Maria Caldeira Duarte Paes de Freitas

FALECEU

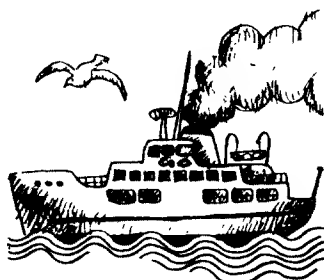
Pedro Manuel de Miranda Paes de Freitas e sua filha Maria do Pilar, Luciano Agílio Rodrigues Duarte, sua mulher e filha, João Augusto Paes de Freitas, sua mulher e filhos e mais família, cumpram o doloroso dever de participar o falecimento de sua saudosa mulher, mãe, filha, irmã, nora, cunhada, tia, sobrinha e prima. O funeral realiza-se amanhã, domingo, às 10.30 horas e sairá da Igreja da Pena para o cemitério de Benfica. Às 10 horas será celebrada missa de corpo presente.

FUNERÁRIA LISBONENSE
Telef. 84 45 47

Necrologia

ISABEL MARIA CALDEIRA DUARTE PAES DE FREITAS

Faleceu ontem a Sr. D. Isabel Maria Caldeira Duarte Paes de Freitas, casada com o Sr. Pedro Manuel Paes de Freitas, filha do Sr. Luciano Duarte e nora do Sr. João de Freitas. O funeral realiza-se amanhã, às 10.30 horas, da Igreja da Pena para o cemitério de Benfica. Às 10 horas será celebrada missa de corpo presente. Os serviços fúnebres estão a cargo da Funerária Lisboense.



Cruzeiro a Troia

Dias 25 de Julho
8 e 22 de Agosto
5 e 19 de Setembro

Uma iniciativa do GITUS
levada a efeito
numa das modernas embarcações
dos Caminhos de Ferro Portugueses

Preços adultos 150\$00
crianças 70\$00
Suplemento para almoço 50\$00

Horário: estação do Terreiro do Paço
embarque 08.00 horas
desembarque 20.30 horas

bilhetes à venda
nas estações de Lisboa
no GITUS
(telef. 53 98 71-38 25 01-68 11 78)
e no teu Sindicato

Caminhos de Ferro Portugueses

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL E DO AMBIENTE

SECRETARIA DE ESTADO DA HABITAÇÃO E URBANISMO

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

AVISO

Para conhecimento dos interessados se comunica que se encontra afixada no Fundo de Fomento da Habitação — Secção de Concurso e Distribuição — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 87, 6.º, em Lisboa, de 27 do corrente mês a 4 de Setembro p.f. a lista provisória dos concorrentes às habitações sociais do agrupamento de Mira-Sintra (Cacém).

Apresente classificação inclui apenas os candidatos que possuem as condições legais em matéria de rendimento e agregado familiar, oportunamente afixadas.

Lisboa, 25 de Agosto de 1976.

COMISSÃO DIRECTIVA
Eng. Manuel Duarte Gaspar

NEALRO

grupo 4

O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO



(14 semanas em cena)
DE 3.ª A 6.ª FEIRA,
AS 21 e 15 H.
SABADO, AS 15.30
e 21.15
DOMINGO, só às 16 h.

PASSAPORTES abreu

Av. da Liberdade 160 LISBOA

Televisão

Hoje

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ
E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO
PERMANENTE

Telefs. 722786-834271

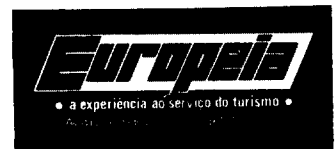
Avenida S. João de Deus, 12-B - Rua Macau, 8

Desporto

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Mais uma machadada (em Coimbra) que Chagas "curou" em meta improvisada

Poderá dizer-se que constituiu um autêntico atentado à moral e à ética desportivas (ou uma profunda machadada à verdade do nosso ciclismo «parroquial») o desfecho da segunda etapa de ontem, que deveria ter arrancado da Covilhã e partiu de Seia, mantendo-se o risco de chegada em Coimbra,



defronte do Estádio Municipal. A meta, instalada na cidade do Mondego junto ao seu campo desportivo, originaria a grande «barraca» da jornada, e não surpreende que os protestos,

as vozes que se levantaram, e a insatisfação do «Zé Pagade» e, até, dos participantes na «maior» provocasse alarido entre os responsáveis, que mantiveram, todavia, a decisão.

Claro que onde ninguém se entendia (ou casa onde não há pão, em que todos falam e ninguém, o que não era bem o caso, tem razão), e mesmo os fiscais de linha, alijando, naturalmente, responsabilidades, afirmaram a pés juntos que não podiam trabalhar assim, ou melhor: compreender a sua missão. Mas a bagunça já tinha começado, muitos quilómetros antes, no «tiro» de largada, quando «in extremis» foi neutralizado pedaço de estrada que da Covilhã dá para Seia, através do serpenteado, duro e

NEVES DE SOUSA nosso enviado especial

escorregadio da Estrela. Ai, alegou-se, não sabemos se com insólitos motivos, que o percurso não estava bom, e que largar de Seia (com «esse» meus senhores, porque a partida não foi de madrugada) é que seria fenomenal. E assim foi feita a vontade.

Para cúmulo, repetimos, também em Coimbra se sacou um quilómetro ao percurso (por golpe dos juizes que não souberam onde deviam cronometrar, ou golpe dos ciclistas que não sabiam que só à 2.ª

cronometristas e medidores de distâncias poderão encontrar nesta Volta a Portugal.

Digamos que, de manhã, o percurso entre a Covilhã e as Penhas da Saúde foi ganho com a maior naturalidade deste mundo por um homem já credenciado em voltas anteriores: Joaquim Andrade. Saiu como quis, arrancou como lhe apeteceu, venceu como bem lhe aprouve. Deixou os adversários presos à montanha. Não se coibiria até ao final, de acusar drasticamente os elementos da organização de quererem boicotar o seu eventual êxito.

A etapa, percorrida com menos público que o habitual, uma vez que se tratava de um dia de trabalho (era sexta-feira, 27) e às 10 horas, não convidava as pessoas a largar, ainda uma vez mais, o serviço para à esquerda topar os ciclistas. Isso e o tempo agradável e fresco incitavam os estradistas a galgarem por ali acima como lhes desse na real gana. E logo nas primeiras pedaladas José Sá, Manuel Caetanita e Abilardo Lopes ficam para trás, enquanto também se «retarda» Joaquim Carvalho (a primeira curva). É então que António Marçalo «despoleta» a situação, dirigindo-se para a vanguarda do pelotão e arrancando em seguida.

Andrade largou nessa altura, possante, irrefreável, «acariando» serra acima a tortuosidade da estrada. Marçalo foi apanhado, ultrapassado e «subordinado», enquanto António Machado, José Santos, José Sá, Armindo Pereira, Joaquim Pinto, João Costa e Silva e Joaquim ficavam irremediavelmente para trás. Nunca mais recolariam e cinco deles, pela inexorabilidade percentual do Regulamento, seriam eliminados. Dois deles, ambos de Lousa (Joaquim Cruz e Atelino Teixeira), seriam, antes do arranque para Coimbra, «recuperados».

Decorridos seis quilómetros Andrade tinha «sacado» ao pe-



Marco Chagas (Costa do Sol) garantiu ontem, em Coimbra, que não fora o vencedor da etapa entre Seia e aquela cidade. Atribuiu o engano aos juizes e cronometristas da Volta endossando a vitória para o seu companheiro Joaquim Carvalho. Em que ficamos, senhores da prova?

lotão, já desmembrado, «liquefeito» nas curvas e contracurvas da estrada, quase 1 minuto, enquanto António Fernandes descolava momentaneamente, Marçalo forcejava por se esgueirar e o público «apoiava» como podia os seus. Firmino Bernardino acusava de forma tremenda e flagrante

rável e brilhante, a sua ascensão para a vitória, o que logrou com 37 m e 10 segundos, a uma média que define e qualifica o esforço super-humano desenvolvido para tão rude, tremenda, espinhosa e voraz ligação: 22,600 km/h, «performance» muito aquém da de Joaquim Agostinho mas, de

Júri

O Júri, na sua reunião após a etapa de ontem que culminou nas Penhas da Saúde, decidiu rectificar o comunicado n.º 20/76 no espaço respeitante a eliminações, repescando os ciclistas Adelino Teixeira (30) e António Valente (29), ambos do Lousa, conforme pedido apresentado pelo seu director desportivo e confirmado pelo médico da Volta, dr. Barreiros Magalhães. Manteve, em contrapartida, a posição de penalizar os corredores António Beirão (Louletano) e José Madeira

(Tavira), com vinte e cinco escudos cada.

Em virtude do mau tempo que se fazia sentir na região onde se devia começar a etapa Torre-Coimbra, e devido ao pedido da grande maioria dos corredores, o director da corrida decidiu neutralizar o troço compreendido entre a Torre e Seia, sendo dada a partida real às 17 e 30 horas, desta última localidade, tendo por este motivo sido reduzida para 102 km a distância percorrida.

pitralon 2000

passagem pela meta terminaria o seu esforço. O que é certo em fim de contas, é que, amputada da sua verdade radical, cortado, também, o rabinho do final, esta etapa ficou reduzida não se sabe bem ao quê. A um farraço?

Dizem alguns que teve 102 km, afirma o «livro oficial» que deveria ter 126, contámos nós 98 e, das duas uma: ou nós e os outros órgãos informativos «apresentamos» todos o contaquilómetros do automóvel avariado (e seria a primeira vez que isso sucederia, e muito mais imediatamente em comum), ou então fica à disposição do leitor analisar melhor do carácter em que os juizes

PRÉMIO CLOK

Classificação por pontos

- 1.º Alexandre Ruas (CS) .. 49
- 2.º Alfredo Gouveia (CS) .. 45
- 3.º Firmino Bernardino (Bf) 32



MARCO CHAGAS SINCERO:

«Não gosto de receber o que não me pertence»

«Quem ganhou a etapa foi o meu colega Joaquim Carvalho, não eu. Não gosto de ganhar coisas para as quais não trabalho, nem gosto de ser contemplado com o que não me pertence. É que eu lutei para que a minha equipa vencesse em Coimbra, mas não fui o primeiro homem a cortar o risco de chegada» — afirmou ao enviado do «DL» Marco Chagas (Costa do Sol), após uma das maiores broncas de que há memória na Volta a Portugal em bicicleta.

E, de bronca em bronca, provocando verdadeiro alarido (e um respectivo coro de protestos como acompanhamento), sincero até à médula, Marco Chagas acrescentou-nos: «Como é que o júri podia saber que tinha sido eu o vencedor se eu próprio quis que o Joaquim Carvalho ganhasse a etapa e obtivesse uma vitória que, para ele, bom companheiro, excelente desportista, formidável ciclista, ela representava algo de muito especial?»

Bicicletas EDDY MERCKX
I B A, Limitada
LISBOA — PORTO

o esroco despendido no dia anterior, e insurgia-se contra as pessoas o pretendiam «controlar», argumentando em altos gritos que assim só o prejudicavam, porque lhe dificultavam a acção. A seu lado, também com o mesmo tom de voz, mas poderoso e decidido, Luis Gomes (que viria a classificar-se em 10.º lugar), que arrancou mais tarde deixando Manuel Ferreira, também do Benfica, com Bernardino e o apoio indispensável a uma recuperação que lhe permitisse resguardar o «amarelo» da co-biça dos jovens Floriano Mendes e António Fernandes. Este, pelo que percebemos, momentaneamente em dificuldade reergueu-se e, com o seu irmão Venceslau e o Sangalhos «estimulado», recuperaria com o decorrer da diabólica subida. Andrade prosseguia, impa-

qualquer forma, a ter de se referir por ofício, admiração e mérito. Logo a seguir, dois jovens que mereceram talvez os maiores aplausos: João Costa (P. Loures) e Marco Chagas (Costa do Sol), homens que se revelaram como trepadores eméritos, alguns metros antes de Luis Teixeira, A. Marçalo, Joaquim Sousa Santos, Venceslau Fernandes, José Sousa Santos («leader» na montanha), e ainda Manuel Carvalho, Luis Gomes, Fernando Fernandes, Armindo Lúcio, José Madeira, Alexandre Gouveia, Carlos Santos, Luis Gregório, Joaquim Leite, Floriano Mendes, Alexandre Ruas, António Fernandes, Azevedo, Belmiro Silva, Bernardino, M. Pereira, A. Alves e outros, o que vale por dizer, em síntese, que o Costa do Sol e até o Sangalhos estiveram colectivamente em

As equipas

	H	M	S
1.ª Sangalhos	108	17	49
2.ª Costa do Sol	108	36	00
3.ª Benfica	108	40	19
4.ª Pin de Loures	108	44	28
5.ª P. C. do Porto	108	54	27
6.ª Lousa	109	32	13
7.ª Coelima	109	32	13
8.ª Almodovar	109	49	02
9.ª S. Jorge	109	58	29
10.ª Combrões	110	04	31

Reportagem

DL
está na VOLTA
com
FIAT

TOTOBOLA

CLASSIFICAÇÃO GERAL INDIVIDUAL

	H	M	S		H	M	S
1.º F. Bernardino (Bf) ..	36	02	12	29.º A. Valente (Lous.) ..	36	25	23
2.º A. Fernandes (Sg.) ..	36	02	44	30.º A. Beirão (Loul.) ..	36	25	43
3.º F. Mendes (Sang.) ..	36	04	37	31.º J. Pedro (PL)	36	26	35
4.º João Costa (PL)	36	11	23	32.º F. Henriq. (Saf.) ..	36	27	31
5.º J. Andrade (Saf.)	36	11	47	33.º M. Pereira (SJ)	36	27	45
6.º J. S. Santos (UC)	36	13	10	34.º J. Marta (Lousa) ..	36	28	47
7.º M. Chagas (CS)	36	14	17	35.º A. Teixeira (Lous.) ..	36	30	39
8.º V. Fernandes (Sg)	36	14	44	36.º A. Castro (Par.) ..	36	31	25
9.º J. Carvalho (CS)	36	14	53	37.º A. Machado (FCP) ..	36	31	53
10.º A. Lúcio (CS)	36	15	29	38.º G. Rocha (FCP)	36	31	54
11.º J. Madeira (Tav.)	36	15	36	39.º R. Azevedo (Sg.)	36	36	00
12.º L. Teixeira (Coel.) ..	36	16	10	40.º J. Pinto (Coimb.) ..	36	36	52
13.º L. Gomes (Bf.)	36	17	24	41.º D. Barbosa (Coel.) ..	36	41	43
14.º J. Leite (Coimb.)	36	17	29	42.º M. Silva (FCP)	36	43	14
15.º L. Gregório (Sg.)	36	17	33	43.º A. Gouveia (CS)	36	43	16
16.º C. Santos (PL)	36	18	00	44.º A. Lopes (Maniq.) ..	36	44	03
17.º M. Oliveira (PL)	36	18	11	45.º A. Cardoso (SJ)	36	44	34
18.º J. L. Pachec. (Alf.) ..	36	18	11	46.º António Paia (SJ) ..	36	46	11
19.º A. Ruas (CS)	36	18	51	47.º M. Caetanita (AL) ..	36	46	11
20.º A. Marçalo (CS)	36	19	20	48.º A. Pereira (Bf.)	36	46	39
21.º J. S. Santos (UC)	36	19	21	49.º C. Pereira (Facar) ..	36	48	40
22.º A. Barradas (Al.)	36	19	39	50.º José Sa (Coel.)	36	48	55
23.º M. Carvalho (FCP)	36	19	41	51.º J. e Silva (Alm.)	36	55	56
24.º F. Fernandes (Pl)	36	22	18	52.º J. Cruz (Lousa)	36	56	49
25.º M. Martins (Fafe)	36	22	42	53.º J. Maia (Alfen.)	36	59	05
26.º B. Silva (FCP)	36	23	05	54.º A. Alves (Fafe)	37	07	35
27.º A. Coelho (Lousa)	36	24	51	55.º J. Amaro (PL)	37	08	25
28.º M. Pereira (Bf.)	36	25	23	56.º J. Santos (Coim.) ..	37	13	36

TOTOBOLA Para ganhar... tem que apostar!

beba klok cerveja beba klok cerveja beba klok cerveja

Volta a Portugal em bicicleta

evidência. O «crono de amanhã, após a ligação Coimbra-Santarém, alguma poderá dizer, sobretudo na ordenação e valores individuais já que o jogo de equipas parece estar completo, a partir do momento em que houve a irresistível arrancada do Sangalhos de manhã, a marcar tudo e todos, e do Costa do Sol, à tarde, a recuperar o 1.º lugar colectivo.

A tarde, como já se disse, a corrida seria neutralizada entre Covilhã e Seia, e, no Sabugueiro, houve tempo para se comer pão, queijo e beber aguardente zimbada. A etapa, a partir de Seia, começa como um passeio, ou em estilo de tal.

Mário Silva (já vencedor de uma Volta a Portugal pelo F.C. Porto, um dos veteranos que acompanha a prova) dizia: «Hoje, nas Penhas, não ajudei ninguém. Agora já vejo como é que se engana o pobre ciclista quando aceita uma ajuda desse estilo.»

Saimos da Covilhã às 16 e 30, portanto, com meia hora de atraso. Partida de Seia (com a

passeata e os comes e bebes pela serra) quase uma hora depois do horário previsto de passagem, se a partida fosse da Covilhã. Chegada a Coimbra em clima de trovoadas e à luz de faróis. Atrasaram-se na etapa José Santos, Joaquim Cruz, Rui Azevedo, António Fala, Joaquim Carvalho, António Macha-

O TRAÇO DE PARGANA



Tarefas para amanhã (as duas etapas finais)

Termina amanhã está 38.ª edição da Volta a Portugal em bicicleta, com duas etapas que ligarão Coimbra a Lisboa, percorridas de manhã (Coimbra-Santarém) e à tarde (após mais uma neutralização), entre Vila Franca de Xira e Lisboa (Estádio «1.º de Maio»). Esta última, pelas suas próprias características (trata-se de um «crono» com quase três dezenas e meia de quilómetros), poderá ultimar os necessários ajustamentos pontuais quanto à classificação final e, até, decidir a questão dos lugares primeiros, para além de outros em diversos escalões da ge-

ral-individual.

Os sobreviventes (menos de meia centena), hoje em número que se coaduna perfeitamente com as previsões iniciais, quando se prenunciava que menos de metade cortariam o risco de chegada na capital, terão que «calcorrear» os 147 quilómetros da primeira etapa entre as 8 e as 12 horas (hora prevista para a meta em Santarém: 12 e 12), após largarem, pela manhã, do Estádio Universitário em direcção a Ceira, Penela, Lajes, Pereira e Portela do Grado são as primeiras provações do roteiro antes da bifurcação, à esquerda, para To-

mar. Rosas, St.ª Glória antecedem a cidade do Nabão, onde os ciclistas devem passar pelas 9 horas, com 38 quilómetros desbravados. Avelar, Pontão, Venda Nova, Barqueiro, Carvalho de Puços, onde está instalada a «Meta Clock» funcionam como «aperitivos» para a abertura ao abastecimento de água (em Pereira) e 60 mil metros devorados.

Ao aproximar-se de Coimbra (terra onde estuda) Sousa Santos tenta fugir do pelotão em busca dos homens da frente (Chagas, Lúcio, Carvalho, J.C. Pacheco e Floriano Mendes), mas Síndonio Sousa, director da corrida decidiu que houvesse uma barreira na estrada durante 27 km nem os carros de apoio puderam acompanhar os ciclistas nem os carros dos homens da informação puderam circular e controlar o avanço dos fugitivos.

O júri decidiu que os 5 fugitivos tinham feito os 102 km a uma média de 43,793 km/h o que é realmente insólito para quem contou o tempo e os quilómetros. Marco Chagas «ganhou»!

Os homens de Belém foram «punidos» com um prolongamento quando não o mereciam. Nesta afirmação estará justificada a vitória dos «restelinos», que no decorrer do tempo regulamentar, tiveram vários encontros de decidir a seu favor o encontro e a sorte do torneio. Começando bem, logo que se apoderaram dos cordelinhos do jogo, desenvolvendo todo um futebol largo e dinâmico, marcando, na retaguarda, os homens mais acutilantes dos

mar. Rosas, St.ª Glória antecedem a cidade do Nabão, onde os ciclistas devem passar pelas 9 horas, com 38 quilómetros desbravados. Avelar, Pontão, Venda Nova, Barqueiro, Carvalho de Puços, onde está instalada a «Meta Clock» funcionam como «aperitivos» para a abertura ao abastecimento de água (em Pereira) e 60 mil metros devorados.



Ceras, Calçada (Alvito), placa indicativa da direcção de Tomar (Meta «Turismo»), outra placa (direcção: Lisboa), Guerreira, Asseiceira, Atalaia (passagem de nível) vêm depois e, mais adiante, a Golegã, o corte para a Chamusca, Vale de Cavalos e Alpiarça onde, singularmente (homenagem aos democratas da terra e a todos os lutadores da região) está instalada a meta «O Diário». O prémio «Sumol» aparece com 142 quilómetros e é, uma subida, depois da ponte de Alpiarça, de 3.ª categoria, já em direcção ao Rio Maior. Em Santarém, a meta encontra-se montada no arruamento perpendicular à entrada da fábrica de cervejas «Clock».

À tarde, teremos mais, uma «prova da verdade», isto é, um contra-relógio que culmina mais uma edição da «maior do ciclismo nacional» após dois dias de emoção que brotaram na caminhada para a Covilhã e tiveram as Penhas da Saúde e a Torre como palcos maiores. Os corredores partem com três minutos de intervalo entre si e terão de «palmilhar», entre Vila Franca e Lisboa, Alhandra, Alverca, Póvoa de Santa Iria e Sacavém, seguindo já na Rotunda do Aeroporto, em direcção «1.º de Maio».

PHILIPS

Belenenses venceu o Torneio de Oviedo

O Belenenses vingou, ontem à noite, no Estádio de Oviedo, a derrota infligida pelo Gijon ao Sporting, monopolizando assim o torneio daquela cidade espanhola. O resultado, no termo do tempo regulamentar, era de um empate a uma bola, pelo que se tornou necessário recorrer a um prolongamento de 30 minutos. Foi precisamente ao expirar esses «prazo» extra-jogo que Gonzalez, num voo espectacular, de cabeça culminou da melhor forma um milimétrico (bem calculado) e oportuno (último minuto) centro de Jesus, descaído sobre o lado direito, sem qualquer hipótese de intervenção para o guardião (Rivero).

Os homens de Belém foram «punidos» com um prolongamento quando não o mereciam. Nesta afirmação estará justificada a vitória dos «restelinos», que no decorrer do tempo regulamentar, tiveram vários encontros de decidir a seu favor o encontro e a sorte do torneio. Começando bem, logo que se apoderaram dos cordelinhos do jogo, desenvolvendo todo um futebol largo e dinâmico, marcando, na retaguarda, os homens mais acutilantes dos

gijonenses (trabalho de que se encarregaram, de forma impecável, Horta e Cardoso, sempre em cima de Chuvouca e Quini), pertrubando a defensiva espanhola e «funcionando» com acerto no meio do campo.

Sob a direcção de Crespo Aurres, o Belenenses formou: Melo; Sambinha, Quaresma, Horta e Cardoso; Esmoriz, Lido (Gonzalez) e Godinho; Rocha, Alfredo e Amaral (Vasques). Ao intervalo: 0-0. Ao cabo dos 90 minutos: 1-1. No prolongamento: 1-0. Resultado final: 2-1. Golos de Rocha (72 minutos). Mesa (76) e Gonzalez (120).

PORTUGAL

CIRCUITO

Hoje e amanhã, em Vila do Conde, numa organização do Estrela e Vigorosa, decorre o habitual circuito automobilístico daquela vila nortenha, cujas corridas contam para os respectivos nacionais das categorias e tem a presença de cerca de 280 participantes (a maior de sempre).

Hoje e amanhã: decatlo e pentatlo no Estádio Nacional

Para as provas de decatlo (masculino) e pentatlo (feminino) participam os atletas que o ano passado e até hoje totalizaram 5 mil pontos (decatlo) e 2300 pontos (pentatlo), além dos atletas, homens e mulheres, por diversas circunstâncias convidados a participarem no encontro de hoje e amanhã no Jamor.

Matos Santos, António Paulo, António Vermelhudo, António Finisterra, Leonel Carvalho, José Saavedra, António Corona, João Alves, Joaquim Melo, José Carvalho e Raposo Borges estarão, hoje e amanhã, no Estádio Nacional (decatlo), do mesmo modo que Manuela Alves SCP, com 2899 pontos; Elica Santos (FCP), 2769; Cristina Lourenço (CFB), 2655; Helena Ferro (SCP), 2606; e Isabel Filipe (NAL), 2456. Em 1976 — Conceição Alves (SCP), 3859 pontos; Vera Lisa (CFB), 3397; Nora Araújo (SLB), 3389; Ana Cardoso (CAP), 2830; Helena Pires (AAC), 2598; Emília Carneiro (LSC), 2514; Lucinda Leal (CDE), 2476; M.ª Manuel Ferreira (FCF), e Cristina João (SLB), 2353.

O programa-horário referen-

te ao Decatlo, Pentatlo (feminino) e Hexatlo (juvenis masculino) que se realizam hoje e depois no Estádio Nacional, foi alterado, pelo que haverá também provas nas manhãs daqueles dias como se pode observar:

Hoje, 10.00, 100 m. (Dec.); 10.15, 100 m. bar. (Pent.); 10.45, Comprimento (Dec.); 11.00, Peso (Pent.); 12.00, Peso (Dec.); 16.00, Altura (Dec.); Dardo (extra); 110 m. bar. (0.91) (Hex.); 16.45, Disco (1,5 Kg.) (Hex.); 17.00, Altura (Pent.); 17.30, Comprimento (Hex) e 18.00, 400 m. (Dec); amanhã, 10.00, 110 m. bar. (Dec.); 10.30, Comprimento (Pent.); 11.00, Disco (Dec.); 15.30, Vara (Dec.); Altura (Hex.); 16.30, Dardo (Hex); 17.00, 200 m. (Pent.); 17.30, Dardo (Dec.); Tripla (Extra); 1000 m. (Hex); 18.30, 10.000 (Extra); e 19.15, 1500 m. (Dec.).

PUB



Desporto

LA FORA

MERGULHADOR «AGASALHADO»

Já está em Moscovo o mergulhador soviético de 17 anos, Serguei Nemtsanov, que solicitara asilo político no Canadá quando dos Jogos Olímpicos de Montreal. Não se sabe, porém, quem estava no aeroporto de Moscovo à espera do atleta, nem tão pouco se este foi autorizado a partir para Almaata, capital do Kazaquistão, onde sua família reside.

Recorda-se que o jovem mergulhador resolveu desistir da sua permanência no Canadá ao ser avisado do grave estado de saúde de sua avó, embora o Canadá o tivesse autorizado a permanecer no país até Janeiro do próximo ano, o que levou a União Soviética a falar de «raptos», invocando a menoridade do atleta. O caso nunca chegou a ser abordado pela imprensa da URSS mesmo no momento em que o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros protestou e ameaçou boicotar os Jogos Olímpicos, se o atleta não fosse entregue à delegação russa.

ATLÉTICO E ACADÉMICO

Entretanto, já está em Barcelona o Atlético, que ontem viajou para aquela cidade espanhola. Os alcantarenses defrontam hoje o Barcelona Atlético, «viveiro» ou centro de fornecimento do «barça», militando na II Liga espanhola.

Em Espanha (Albacete) está também o Académico, que hoje se encontra com o Sabadel naquela cidade, e amanhã encerra o torneio defrontando o Albacete. O Sabadel é uma equipa da III Liga (em dois anos desceu da I à III Liga) enquanto o Albacete é da I Regional.

O Portimonense, que também «estagia» por terras espanholas coleccionando derrotas, perdeu uma vez mais (ontem), Oviedo, com a equipa local (5-1).

PORTO

No programa de Pedrito, com vista às tarefas do F.C. do Porto no concerto europeu e às obrigações decorrentes do nosso Nacional, teremos nas Antas o Peñarol, equipa tipicamente sul-americana que esta tarde desembarca em Pedras Rubras após vários desafios em Espanha. O encontro começa às 21 e 30 horas.

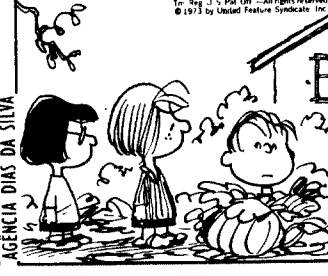
Entretanto, está decidido que para o jogo (na Luz) com o Schalke 04, na 1.ª eliminatória da Taça UEFA, o F.C. do Porto parte para Lisboa dois dias antes (6 de Setembro), e que o primeiro jogo dos portuenses no Nacional (contra o Portimonense) será «espionado» por responsáveis germânicos desde técnicos a jogadores (2).

Geral

"Sagres" regressa amanhã

Após três meses e meio de viagem de instrução com alunos da Escola Naval e depois de ter participado nas regatas incluídas nas comemorações do bicentenário dos Estados Unidos, conforme temos noticiado, a «Sagres» regressa amanhã ao Tejo.

Para a acolher, desenvolvem-se actualmente esforços para que os praticantes da vela a escoltem triunfalmente do largo até ao estuário do Tejo. Por outro lado, o Navio Escola italiano «Americo Vespucci» atraca num cais de Lisboa na próxima sexta-feira.



Despedimentos e suspensões numa empresa em que o Estado é o maior accionista

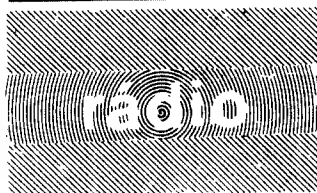
Estão ameaçados de despedimento, no fim do mês, os trabalhadores da OPCA — Nova Organização de Obras Públicas e Cimento Armado, Lda. que laboram na obra de suporte marginal ao rio Douro, Massarelos, prestes a ser concluída. Há dias foram despedidos doze dos 65 operários sem que tivessem recebido qualquer indemnização.

Contratados a prazo, estes trabalhadores foram admitidos sem quaisquer condições, não tendo sido sequer esclarecidos sobre as garantias de trabalho. Segundo a gerência o pessoal foi admitido para a obra e não para a empresa. Os trabalhadores, porém, não aceitam esta forma de serem atirados para o desemprego e, ontem, expuseram ao ministro do Trabalho a sua situação. Depois de ouvidas am-

bas as partes, a gerência comprometeu-se a dar uma resposta na próxima terça-feira, depois de consultar a administração em Lisboa.

Por outro lado, foram suspensos seis dos cinquenta trabalhadores do Edifício Atlântico, sendo dois da comissão de trabalhadores e um delegado sindical. A origem destas suspensões, conforme nos referiram os operários, encontram-se num plenário onde foram feitas várias reivindicações. Os mais activos, que mais se manifestaram «contra o divisionismo que a gerência queria provocar», estão suspensos. As notas de culpa com as quais a gerência justifica as suspensões foram consideradas ridículas pelo consultor jurídico do sindicato.

Faça às posições que o eng.º Lobo Fernandes vinha assumindo, os trabalhadores do Edifício Atlântico exigiram a sua saída da delegação do Porto. Expressando a vontade dos seus colegas, um membro da comissão de trabalhadores enviou um telegrama à administração a manifestar tal desejo mas acabou por ser suspenso também.



1.º Programa

16.00: Música variada; 17.00: 38.ª Volta a Portugal em Bicicleta... 15.ª etapa... apontamento de reportagem do circuito da Mealhada... conjuntos; 18.00: Música portuguesa; 19.00: Música variada; 20.00: Jornal da noite; 20.30: Orquestras; 21.00: Diário da Volta... contraponto... editorial; 23.05: Rádio revista, por Luis Pereira de Sousa; 00.00: Último jornal; 00.30: Jazz; 01.00: Música na noite.

2.º Programa

16.00: Transmissão integral das «Suites Francesas», de Bach; 16.35: Concerto em ré maior, op. 77, de Brahms; 17.30: Sonata para instrumentos diversos; 18.15: Pequenas obras de grandes compositores; 18.55: O maestro Karl Böhm; 20.00: Pianistas célebres; 20.30: Conjuntos instrumentais; 21.00: Um ciclo de melodias; 21.25: A Escola de Mannheim; 22.00: 11.º Congresso Internacional Hegel em Lisboa; 22.30: Sinfonia n.º 6 «Fantasias Sinfónicas», de Martinu; 23.00: Intercâmbio musical; 23.20: Orquestras de câmara; 23.47: «Círculos», obra para voz feminina, harpa e percussão, de Luciano Berio; 00.06: Música sinfónica; 00.39: Obras de Debussy; 01.00: Fecho.

3.º Programa Nacional e Regional (294 m)

16.00: Emissão Nacional; 16.15: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); 16.40: Disco... rendo, por Bernardo Brito e Cunha; 17.10: Vamos ao médico, pelo dr. José Matildes; 17.30: Cinema em variante, por Carlos Pina; 18.00: Contacto; 21.15: Horalutera; 21.30: Quando o telefone toca; 23.05: A música e as vozes.

3.º Programa Local (187,5 m)

18.00: Entardecer... ver, ouvir... e comentar; 19.00: Entardecer (continuação); 19.30: O diálogo de sábado (repetição); 21.00: Fecho.

4.º Programa

16.00: Música variada; 17.00: Canções; 18.00: Apenas música; 19.00: Em órbita; 20.00: Orquestras; 21.00: Concerto; 22.00: Auditório; 24.00: Prisma; 02.00: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

Emissão contínua... Onda Média (Lisboa), 233,2 m... 1286 KHz; Modulação de Frequência (Lisboa), 93,2 MHz.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

SR. «O DIÁRIO»: VENDERAM-LHE MAL O PEIXE!

Após a leitura atenta do seu número de 27-8-76, atraídos por bombástico título, esta Direcção sugere-lhe o seguinte:

- 1.º — Que reveja urgentemente a sua equipa de colaboradores;
- 2.º — Se é mesmo pela Unidade dos Trabalhadores, então fale verdade;
- 3.º — Se defende mesmo um Congresso de Todos os Sindicatos, então ouça também as outras correntes de opinião existentes no Movimento Sindical Português.

Na primeira questão informamos constarem dos nossos ficheiros 1.471 Delegados Sindicais. O último plenário teve apenas a presença de 145! Já houve plenários mais concorridos. As moções e propostas provenientes de uma orquestra bem afinada foram aprovadas pelos seus acima referidos colaboradores. A face dos Estatutos os plenários de delegados sindicais não vinculam esta Direcção à saída da Comissão de Redacção da Carta Aberta. O nosso Programa de Acção Sindical, eleito por cerca de 15.000 sócios legitima-nos para o esforço que estamos a desenvolver em prol da UNIDADE.

Para quaisquer esclarecimentos, por possíveis «dúvidas» ou «confusões» que por aí parecem haver, aceitaremos um vosso convite para discutir os objectivos que nos animam no respeitante à Unidade de todos os trabalhadores e Central Sindical Única.

SIM A UNIDADE DE TODOS OS TRABALHADORES! NÃO AO REFORÇO DA UNIDADE (!) DE ALGUNS TRABALHADORES!

Lisboa, 27 de Agosto de 1976

A DIRECÇÃO

«TRÁS-OS-MONTES»

12.ª semana

Um filme a cores de António Reis e Margarida Cordeiro, interpretado pelos habitantes de Trás-os-Montes.

Em exibição no cinema Satélite, de 2.ª a 6.ª feira — sessão às 19 horas.

50% de desconto para estudantes.

Apoiado pela Direcção Geral de Acção Cultural.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal continental o céu estava geralmente muito nublado o vento era fraco de Leste e havia aguaceiros em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H

PORTO	19º
P. DOURADAS	—
COIMBRA	21º
PORTALEGRE	18º
LISBOA	16º
FARO	21º
FUNCHAL	23º

TEMPERATURAS EXTREMAS

BRAGA	Máxima	36º
ELVAS	Mínima	12,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
5.47	4,2 m 11.23
18.06	4,3 m 23.50
Dia 29	
6.29	4,1 m
18.50	4,1 m 12.07
Dia 30	
7.14	3,9 m 0.34
19.40	3,9 m 12.55

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado alternando com aberturas; vento fraco ou moderado de Leste; aguaceiros dispersos e trovoadas isoladas; neblinas matinais na faixa costeira ocidental.

AMANHÃ

NAScer AS 7.03
OCASO AS 20.11

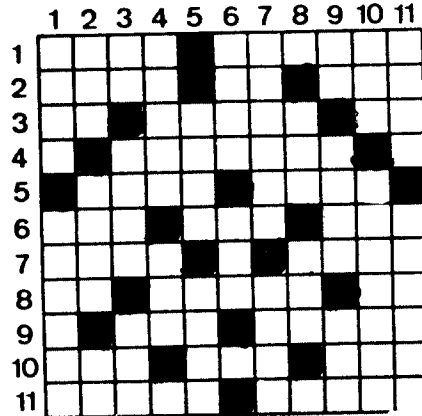
DIA 1 DIA 8 DIA 16 DIA 23

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 11456

HORIZONTAIS:

- 1 Aqueles que. Espalha (fig.).
- 2 Dá urros. Alteza Real. Ribeira de Portugal.
- 3 Autores. Brotara. Neon (s.q.).
- 4 Assanhais.
- 5 Lavrar. Fazer doação de.
- 6 Pronome pessoal. Capa sem mangas. Possui.
- 7 Tino. O mesmo que catechu.
- 8 Utensílio doméstico. Ilha do arquipélago dos Açores. Sufixo que designa estado.
- 9 Desgraça. Malhado de preto e branco (cavalo).
- 10 Nome de homem. Aqui está. Ilha inglesa no mar da Irlanda.
- 11 Jogo dianteiro das carretas de artilharia. Afia.



VERTICAIS:

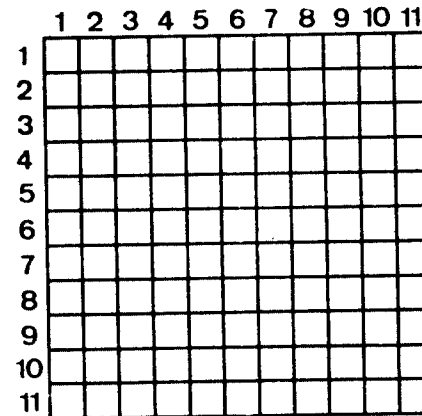
- 1 Pronome relativo. Cilada.
- 2 Larva das feridas dos animais. Cidade da antiga Caldeia.
- 3 Erbio (s.q.). Lavras. Pronome pessoal.
- 4 Mastiga sem engolir. Vã.
- 5 Gorgulho tropical. Líquido gorduroso.
- 6 Ir para fora. Semelhante.
- 7 Desacertada. Degradação moral.
- 8 Escudeiro. Preposição.
- 9 Pertences. O espírito das trevas. Estime.
- 10 Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Reconquistar.
- 11 Sulquei a terra. Trigueira.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7616

HORIZONTAIS:

- 1 Epíteto a deusa. Afronidade, adorada em Pafo. Missiva.
- 2 Estimais. Ninhos.
- 3 Relativo a oásis.
- 4 Campeão. Porcos. Letra grega.
- 5 Chefe etíope. Graça. Consentimento.
- 6 Médico inglês célebre pelos seus estudos sobre as doenças das vértebras lombares. Terra nova e arroteada de fresco.
- 7 Colocaria. Cortar cerca.
- 8 Interjeição que serve para fazer recuar os bois. Ramo delgado de árvore.
- 9 Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Igual.
- 10 Mil e quatrocentos em romano. Pequena barra de ouro que serve de moeda entre os japoneses. Azáfama.
- 11 Alem. Planta têxtil.



VERTICAIS:

- 1 Casa (T. de Timor). Ilha do grupo das Canárias.
- 2 Amónio (s.q.). Batráquios anuros. Duzentos em romano.
- 3 Freguesia do concelho de Esposende. Provisão.
- 4 Rio da Alemanha. Cerimónia.
- 5 Tempo de descanso, à hora de maior calor. Hora canónica correspondente às quinze horas.
- 6 Peixe de Portugal.
- 7 Pegar. Uten sílio doméstico. (pl.).
- 8 Aniversário. Cidade de Itália.
- 9 Zombas. Arrancaras.
- 10 Porco. Descascar.
- 11 Igualmente. Enfiada.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11455

HORIZONTAIS:

- 1 ADULAR. Olas.
- 2 Rolar. Grata.
- 3 Rimo. Cravar.
- 4 Era. Toa. Asa.
- 5 Ma. Cao. CI.
- 6 E. Man. Mamas.
- 7 Dor. QUERER.
- 8 Ac. Ourais.
- 9 Vespeiro. Já.
- 10 Ali. Saa. MAL.
- 11 Moca. Coza.

VERTICAIS:

- 1 Arremedavam.
- 2 Doira. Ocelo.
- 3 Ulma. Mr. Sic.
- 4 Lã. Ca. Op.
- 5 Ar. Tanques.
- 6 Coq. Urias.
- 7 Grã. Meara.
- 8 Ora. Mário.
- 9 Lava. Mês. Mo.
- 10 Atascar. Jaz.
- 11 Sarais. Fala.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7615

HORIZONTAIS:

- 1 Lu. Lissa. Fa.
- 2 Aia. Sul.
- 3 Toca. Eira.
- 4 Asa. Tom. Sem.
- 5 Os. Lobos. Mo.
- 6 Eras. Roto.
- 7 Alui. Live.
- 8 Mãe. Pui. Nem.
- 9 Lousado.
- 10 Acaba. Macao.
- 11 Rosa. Rola.

VERTICAIS:

- 1 Litão. Amuar.
- 2 Ossela. Co.
- 3 Aca. Ruelas.
- 4 Lia. Lai. Oba.
- 5 Ia. Tós. Pua.
- 6 Sob. Sus!
- 7 SS. Mor. lam.
- 8 Aue. Sol. Dar.
- 9 Lis. Tinove.
- 10 Remove. Al.
- 11 Acamo. Empoa.

PROVERBIO: Adular é querer mal.

Farmácias de serviço

LISBOA

TURNO M-1
TODA A NOITE
ALVALADE
 Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (T. 712682)
AMOREIRAS
 D. João V, R. D. João V, 16 (T. 682772)
ANJOS
 Confiança, Av. Almirante Reis, 46-B (T. 821653)
ARERIRO
 Algarve, Av. de Roma, 7-B (T. 801478); Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 727221)
AVENIDAS NOVAS
 Cruz Nunes, P. Duque de Saldanha, 14 (T. 41845)
BELEM
 Remisio, R. dos Jerónimos, 14-C (T. 631699)
BENFICA
 Benfica, E. de Benfica, 678-E (T. 702532)
CAMPOLIDE
 Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (T. 680304)
OLIVAS SUL
 Fernandes Borges, R. Cidade de Benguela, lote 300 (T. 31109)
PENA
 Americana, C. de Santana, 3 (T. 83984)
PICHELEIRA
 M. Luz, C. da Picheleira, 140-B (T. 720703/728395)
S-BENTO
 Confiança, P. das Flores, 59 (T. 690401)
S-SEBASTIÃO DA PEDREIRA
 Sirius, R. Fialho de Almeida, 38-A (junto da Escola Técnica do Bairro Azul) (T. 44000)
SETE RIOS
 Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 160 (T. 761035)

TURNO M-2
ATÉ ÀS 22 HORAS
ALCANTARA
 Correia de Azevedo, R. Luis de Camões, 42-B (T. 638625)
ALVALADE
 Avis, Av. de Roma, 56-B (T. 715370)
ARRIFRIO
 S. Jorge, L. do Leão, 3-B (T. 534027)
BAIRRO ALTO
 Azevedo, Irmão e Veiga, R. da Misericórdia, 24 (T. 232540)
BAIRRO DA ENCARNÇÃO
 Ascenso, P. Norte, 11-A (T. 331216)
BENFICA
 Villex, E. de Benfica, 373-B (T. 780548)
CAMPO DE OURIQUE
 Lobel, R. de Infantaria 16, 98-B (T. 688807)
CAMPO PEQUENO
 Campo Pequeno, Av. Julio Dinis, 10 (T. 771661)
CONDE REDONDO
 Davi, R. Conde Redondo, 68 (T. 54342)

GRACA

Renascerça, R. Damasceno Monteiro, 104-A (T. 831504)
LAPA
 Paiva e Costa, R. da Lapa, 105 (T. 664414)
LUMIAR
 Central, R. do Lumiar, 77 (T. 794400)
S. VICENTE
 Rosa e Viegas, R. de S. Vicente, 31 (T. 864351)
XABREGAS
 Grijó, R. do Grijó, 45 (T. 385204)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
 Miraflores, R. António Granjo, 2 (T. 2113161)
PAÇO DE ARCOS
 Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 22 horas
OEIRAS
 Central, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Toda a noite
NOVA OEIRAS
 Leal, Até às 22 horas
CARCAVELOS
 Leal, Toda a noite
S. DOMINGOS DE RANA
 Godinho da Silva, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas
PARADE
 Brandão, Av. da República, 77-A (T. 2471054)
AMOREIRA
 Amoreira, Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
 Suíça, Cruzeiro (T. 260087). Toda a noite
CASCAIS
 Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Até às 22 horas; Cascais, R. Conde de Monte Real, B. das Caixas (T. 282407). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
 Amadora, P. de Maio, 3-A (T. 935518); Carmelo, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 933303); Helena, R. Elias Garcia, 2 (T. 933613); S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5, Reboreira (T. 938703)
DAMAIA
 Lemos, R. de Goa, 21-A (T. 971121)
QUELUZ
 Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 951841)
CACÉM
 Guerra Rico, Agualva
MEM MARTINS
 Química, E. de Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
 Valentim (T. 980456)
SINTRA
 Marrazes, Estefânia (T. 2930058)
COLARES
 Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
 Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137)
ALHOS VEDROS
 Gusmão, R. Candido dos Reis, 30 (T. 204250)
ALMADA
 Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504)
BAIXA DA BANHEIRA
 Aliança, E. Nacional, 178-B (T. 2040302)
BARREIRO
 Pimenta, R. Cons. Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012). Até às 19 horas; Soares, Av. República, 1 (T. 2073023). Serviço permanente
COVA DA PIEDADE
 Garcia Reis, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A
MOITA
 União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025)
MONTJO
 Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156)
SESIMBRA
 Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 233471)
SETUBAL
 Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (T. 22408); Portugal, R. Camilo Castelo Branco (T. 23211)
XEIXAL
 Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560)

PORTO

ATÉ ÀS 22 HORAS
 Foz, R. Senhora da Luz, 387; Foz, Alvaro de Barros, R. de Costa Cabral, 240; Central, R. 31 de Janeiro, 203; Gomes Carneiro, R. de Cedofeita, 348; Nova de Monsanto, R. de Monsanto, 148; Couto, R. de Monsanto, 148; Lapa, R. de Monsanto, 148; Lapa, R. de Monsanto, 148

TODA A NOITE

Correia, P. Agostinho de Albuquerqure, 78; Corujeira, R. de S. Roque da Lameira, 1473; Luso-Francesa, R. da Saudade, 140; Magalhães, R. de S. Alves, 566

COIMBRA

Cruz Veigas, R. do Brasil, 154 (T. 22961); Donato, R. Ferreira Borges, 2 (T. 22603); Rainha Santa, R. Figueira da Foz, 11 (T. 24737)

cinemas

CASTIL

Tel. 630194 15, 17, 19 e 21.15
 Colorido Int. a menores de 18 anos
 Quando o amor livre tem encanto não é imoral!
AMORES SEM FREIO
 5.ª Semana

IMPÉRIO

Tel. 55134 14, 16, 18, 20 e 21.15
 M 10 anos
LAWRENCE DA ARÁBIA
 Peter O'Toole-Alec Guinness e Omar Sharif
 7 oscars-37 prémios internacionais
 5.ª Semana

POLITEAMA

Tel. 37380 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
 3.ª Semana lotação esgotada
 Int. men. 18 anos
EXTASE SEXUAL DE MÁCUMBA
 ESTE FILME PODE SER CONSIDERADO PORNOGRÁFICO

ROMA

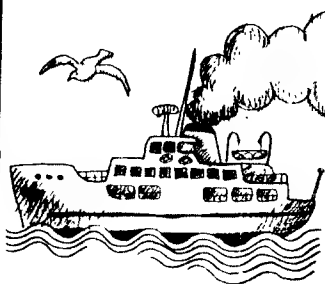
Tel. 727778 15.30, 18.30 e 21.15
 Não acons. a menores de 18 anos
HISTOIRE D'O
 c/ Corinne Clery, Udo Kier

MUNDIAL

Tel. 538743 15.15, 18.30 e 21.15
 Maiores 13 anos
O VENDEADOR DE BALÕES

CARLOS MANUEL SINTRA

Tel. 2930304 21.15
 Para todos
TRÊS RAPARIGAS PARA A FRENTE



Cruzeiro a Troia

Dias 25 de Julho
 8 e 22 de Agosto
 5 e 19 de Setembro

Uma iniciativa do GITUS levada a efeito numa das modernas embarcações dos Caminhos de Ferro Portugueses
 Preços adultos 150\$00 crianças 70\$00 Suplemento para almoço 50\$00
 Horário: estação do Terreiro do Paço embarque 08.00 horas desembarque 20.30 horas
 bilhetes a venda nas estações de Lisboa no GITUS (tel. 53.98.71-36.25.01-68.11.78) e no seu Sindicato

Caminhos de Ferro Portugueses

BARES-BOITES

RESTAURANTES

TIFINS

DANCINGS

NINA Dancing com atrações Rua Paiva de Andrade, 7-13, (Tel. 364859, 368197) Marta Monica Strip-tease
CASINO DO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais Tel. 264621/264946

CALEIDOSCÓPIO

Tel. 795093 15.00 e 21.00
 Não aconselhável a Menores de 13 anos
 Uma história imortal! um filme eterno!
E TUDO O VENTO LEVOU
 com Clark Gable Vivien Leigh Leslie Howard
 12.ª Semana

EDEN

Tel. 320768 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
 Não acons. a men. de 13 anos
 Nunca os sete mares foram devassados por tal aventura!
O PIRATA NEGRO
 com Bud Spencer e Terence Hill
 3.ª Semana

ODEON

Tel. 326783 15.15, 18.15 e 21.15
 Maiores 14 anos
 4.ª SEMANA DE ENCHENTES
 Um filme que revive o drama das mães solteiras
O DIREITO DE NASCER
 com Aurora Bautista e Julio Aleman
 Um problema em louvor da existência dos filhos do pecado

APOLO 70

Tel. 763311 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
 Na acção 15 anos
 3.ª semana
 Hoje as 24 h Grupo D.M. 18 anos
OS MARIDOS DE ELISABETH
 Amanha as 11 h
CARROCEL WALT DISNEY

CASINO ESTORIL

Tel. 245.17/24916 18.15 e 21.15
 Não acons. a menores de 13 anos
ENTRE DOIS DESTINOS

S. JORGE

Tel. 5.4153/4 15.15, 18.15, 21.15
 Não acons. a menores de 13 anos
 George C. Scott
E TUDO O BANCO LEVOU
 (Bank Shot) Colorido Panavisio

RESTELO

Tel. 67537 15.15 e 21.00
 Não acons. a menores de 18 anos
AMOR ENTRE MENORES

AVIS

Tel. 47163 15.15, 18.15 e 21.15
 Na acção a men. de 13 anos
BOBBY
 A projecção do filme começa 5 minutos após os horários

ESTÚDIO

Tel. 55134 15, 17, 19 e 21
 Não acons. a menores de 13 anos
FARSA ELEITORAL (Bingo)
 Realiz. de Jean-Claude Lord

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 15.30, 18.30, 21.15
 Para todos (6 anos)
OS MALUCOS VÃO A GUERRA
 LES CHARLOTS

D. JOÃO V DAMAIA

Tel. 971794 15.15
 Não acons. a menores de 18 anos
MR. NAVESTYK

UNIVERSAL

Tel. 774402
 Ciclo Felini
 1 de Setembro
 As 14.30 e 20.30
ROMA DE FELINI
 As 16.30 e 20.30
FELINI SAO PAULO
 Sáb. 28.8.76
ROMA DE FELINI

COMETES

Tel. 322523 14.00, 16.30, 18.45, 21.15
 Não acons. a men. de 13 anos
A MULHER POLICIA FAZ CARREIRA
 Com Marie Laforêt

BERNA

Tel. 776098 15.15, 18.15, 21.15
 Não acons. a men. de 13 anos
 Treinos! Excites! Armes!
 Largue os seus sentimentos nazis!
DOZE INDOMAVEIS PATIFES
 um filme de Robert Aldrich
 2.ª Semana

LONDRES

Tel. 8.313 14, 16.30, 18.45 e 21.15
 Não acons. men. 18 anos
 O filme de Ingmar Bergman
O AMANTE
 (The Toud)
 c/ Bibi Andersson e Eliott Gouri
 Hoje as 24 h (Não acons. men. 13 a)
O INSPECTOR MARTELADA

ROXY

Tel. 48560 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
 Não acons. men. 18 anos
 Edwige Senech
A ESPOSA VIRGEM
 c/ Carol Baker

TIVOLI

Tel. 57096 15.15, 18.30 e 21.15
 Interdito a menores de 18 anos
HISTOIRE D'O
 Com Corinne Clery, Udo Kier, Anthony Steel

ALVALADE

Tel. 897486 15, 18 e 21.15
PARA TODOS
O ESTRAVAGANTE DR. DORLITTE
 O super espectáculo das férias em 70 mm

PATHE

Tel. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15 e 24
 Interdito a menores de 18 anos
 O amor para além dos corpos
HISTOIRE D'O
 Com Corinne Clery, Udo Kier, Anthony Steel, Jean Gaven

NIMAS

Tel. 574313/574313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
 8.ª semana de lotações esgotadas
CHOVE EM SANTIAGO
 o Chico de Atencio e Rossetti

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADOQUE
 20.30 e 22.30 (18 anos)
 «Grande Cégada»
MONUMENTAL
 20.30, 22.45 (13 anos)
 «As coisas que o padre faz»
VARIEDADES
 20.30 e 22.45
 «O Mundo Fantástico da Ma-
 gia»
TEATRO ABERTO
 21.15 (13 anos)
 «O Circulo de Giz Caucasiano»
LAURA ALVES
 21.30 (18 anos)
 «Vamos Trocar de Mulheres»
VASCO SANTANA
 21.30 (13 anos)
 «Fanshen!»
CASA DA COMÉDIA
 21.30 (13 anos)
 «Horas de Luta»

LISBOA/Cinemas

CINEBOLSO
 21.30 (18 anos)
 «Relações Escaldantes»
CAPITÓLIO
 20.30 e 22 (18 anos)
 «Garganta Funda»
SATÉLITE
 21.15 (13 anos)
 «Eram os Deuses Astronautas»
FUOIPA
 21.30 (18 anos)
 «Salon (Kitty O Bordel do Nazis)»
PARIS
 21.00 (13 anos)
 «Cavalgada Fantástica»
PROMOTORA
 21.15 (18 anos)
 «Jesus Cristo Superstar»
JARDIM
 21.15 (10 anos)
 «A Mania das Grand Eras»
LUMIAR
 21.15 (18 anos)
 «Marquês de Sade»
OLÍMPIA
 21.00 (14 anos)
 «O Abuso do Poder»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
 Casino
 18.30 e 21.15 (13 anos)
 «Entre Dois Destinos»
CASCAIS
 Oxford
 21.15 (18 anos)
 «Emanuelle e a Antivir-
 gem»
CASCAIS
 S. Jose
 21.15 (13 anos)
 «O Gendarme Casa-se»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
 Recreios Desportivos
 21.15 (13 anos)
 «A Quadrilhadoberman»
AMADORA
 Lido
 21.15 (13 anos)
 «Pato Com Laranja»
AMADORA
 Cinestudio
 21.30 (13 anos)
 «Felizardos os Ricos»
MEM MARTINS
 Cine Chaby
 21.15 (18 anos)
 «Os 4 Sargentos Boinas Ver-
 des»
SINTRA
 Carlos Manuel
 21.15 (6 anos)
 «Três Raparigas para a Fren-
 te»

OUTRA BANDA

ALMADA
 Incrível
 21.15 (18 anos)
 «Emanuelle»
ALMADA
 Academia
 21.15 (18 anos)
 «Loucura Sexual»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
 21.15 (13 anos)
 «Trinita cow-boy insolente»
SA DA BANDEIRA
 22.00 (18 anos)
 «Garganta Funda»

AGUIA DE OURO
 21.30 (13 anos)
 «Passado Inesquecível»

RIVOLI
 21.15 (13 anos)
 «As Moças do Inferno»
TRINDADE
 21.15 (18 anos)
 «História d'O»
S. JOÃO
 21.15 (6 anos)
 «O Gendarme em Férias»
VALE FORMOSO
 21.15 (18 anos)
 «Sexo-Porno»
BATALHA BEBÉ
 21.30 (13 anos)
 «Os violinos do Baile»

TERÇO
 21.15 (13 anos)
 «Sansão e Dalila»
COLISEU
 21.15 (18 anos)
 «Salão Elisabeth»
ESTÚDIO FOCO
 21.15 (18 anos)
 «Chove em Santiago»
ESTÚDIO
 21.15 (13 anos)
 «Pique nique»
BATALHA
 21.15 (18 anos)
 «O Fugitivo da Ilha do Dia-
 bo»

CARLOS ALBERTO
 21.15 (18 anos)
 «Billy the Kid»

OLÍMPIA
 21.15 (18 anos)
 «O Bombista Louco»

JULIO DINIS
 21.15 (18 anos)
 «Extase Sexual de Macumba»

COIMBRA

AVENIDA
 21.15 (18 anos)
 «Emanuelle Negra»
TIVOLI
 21.15 (18 anos)
 «História d'O»



RENASCENÇA GRÁFICA S.A.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º 2.º
TELEF. 654531/2/3-4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 7
END. TEL. DIHUA TELEF. 12361
LISBOA PORTUGAL

COM ELOGIO À PARTICIPAÇÃO PORTUGUESA TERMINOU O CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO HEGEL

Com palavras de elogio ao trabalho desenvolvido pela comissão portuguesa, o prof. Wilhelm Reymond presidente e fundador da Associação Internacional Hegel, terminou, ao fim da tarde de ontem, na Reitoria da Universidade Clássica de Lisboa, o XI Congresso daquela associação.

Na sessão de encerramento, presidida pelo reitor da Universidade de Lisboa, prof. Barahona Fernandes foram apresentadas as comunicações dos professores Oiserman, da Universidade de Moscovo; Heinz Kimmerle, da Universidade de Bochum; Shlomo Avineri, da Universidade de Jerusalém e Manfred Buhr, da Universidade de Berlim.

Atendendo a que entre nós para a divulgação do pensamento filosófico existe apenas uma publicação «Revista Por-

tuguesa de Filosofia», de orientação tomista, espera-se que na sequência deste congresso seja organizada uma Sociedade Portuguesa de Filosofia e concretizadas as várias perspectivas do encontro entre aqueles que em Portugal se interessam por este tema. Entretanto, numa reunião efectuada na noite de quinta-feira, Vasco Magalhães-Vilhena e Eduardo Chitas foram eleitos para a direcção da Associação Internacional Hegel.

Excepcionalmente o próximo Congresso sobre Hegel será realizado em Salzburgo já em Maio do próximo ano. A Associação tem vindo a reunir-se de dois em dois anos, explicando-se a alteração deste ritmo pelo facto de em 1978 se efectuar em Dusseldorf, o Congresso da Federação das Sociedades Internacionais de Filosofia.

Calma tensa em Soweto

Após quatro dias de violentos confrontos, que causaram entre 35 a 40 mortos, a calma parece ter voltado à localidade de Soweto, na África do Sul. «Uma calma tensa» — dizem os observadores.

Os zulus que, como noticiámos, se opuseram à greve dos negros que todos os dias se deslocam de Soweto para o centro de Joanesburgo, foram considerados por diversas tribos «como elementos da última manobra de Pretória tendente a semear a confusão entre a população de cor».

James Kruger, ministro da Justiça, não acredita que os distúrbios tivessem como objectivo contestar a política do Governo de John Vorster. Por sua vez, o ministro sul-africano da Polícia informou que um total de 77 pessoas se encontram detidas sem julgamento ao abrigo da lei de segurança interna e 744 por serem acusa-

das de actos incendiários e actos violentos diversos.

Entretanto, um relatório das Nações Unidas estima que o regime da África do Sul não conseguirá sobreviver mais de quinze anos, a menos que o país altere o seu sistema de «apartheid». O mesmo relatório salienta que o sistema do «apartheid» ainda sobrevive devido ao apoio que recebe dos principais países ocidentais.

FOTÓGRAFO DETIDO

Um fotógrafo africano do jornal «Rand Daily Mail» foi detido pela Polícia de Segurança quando fotografava os distúrbios de Soweto — lê-se hoje naquele periódico.

O «Daily Mail» dizia que Peter Magubane, de 43 anos, foi detido ao abrigo da lei de segurança interna da África do Sul que prevê detenções por tempo indefinido sem julgamento.

LANIDOR

15 LOJAS

MALHAS — PRONTO A VESTIR

SALDA

4.ª Feira, dia 1 de Set., até Sábado, 4

135 416 peças (Malhas - Confecções)

DESDE 25\$00

MANTEREMOS A TRADIÇÃO
DOS MELHORES SALDOS DO PAÍS

Bombista era do C.D.S.

Continuação da pág. 1

a actividade do empreiteiro. Segundo números fornecidos por um matutino lisboeta: em 1973, requisitou quantidades insignificantes de dinamite para a sua pedreira; em 1974 não fez qualquer requisição; em 1975, na proporção inversa à crise da construção civil, subiam as requisições. Para 1976, no auge dos «estalos» bombistas pelo Norte e Centro do País, estavam já requisitadas e autorizadas duas toneladas e 274 quilos.

Comentários? Melhor será aguardar a evolução do processo com a esperança de que as investigações vão mesmo até ao fim. Ainda que a direita se apresse, à procura de eventuais «redes de coloração diversa» coisa que muito jeito lhe daria para fazer esquecer as provas como as que nos chegam do Norte do País.

«LIMITES»

Entretanto e enquanto se aguarda o recomeço das acções, que poderão revelar factos e nomes, ainda ignorados, relacionados com os bombistas, aventa-se em círculos próximos dos investigadores que o traficante de armas Canteiro (preso em Caxias) estaria, de algum modo, ligado às actividades de terrorismo e assalto de bancos. Os mesmos círculos admitem, por outro lado, que as investigações não ultra-

passarão determinados limites pois as revelações atingiriam gente colocada demasiado alta na hierarquia civil e militar...

ABRANCHES FERRÃO DESMENTIDO

Segundo o dr. Abranches Ferrão, advogado do industrial Abílio de Oliveira, «é impossível» que o seu constituinte tenha ordenado a colocação da bomba em S. Martinho do Campo (Santo Tirso) porque «a bomba caiu na casa de um empregado dele e de quem o comendador era amigo».

Uma vez que isto não corresponde à verdade, a vítima do atentado, sr. António Teixeira, que ainda não recuperou das queimaduras que sofreu, quis esclarecer a situação através do «D.L.». Disse-nos: «as minhas relações com o sr. Abílio de Oliveira foram as, absolutamente normais entre empregado e patrão, nunca foram além disso». Esclareceu ainda que desde 1953 não trabalha na fábrica do sr. Abílio de Oliveira. De facto, adiantou, que só esteve cinco anos e meio aos serviços do citado industrial na fábrica «A Flor do Campo».

A saída de António Teixeira para outra empresa que lhe dera melhores condições não foi, todavia, vista com bons olhos por Abílio de Oliveira, tendo-se mesmo esfriado as «relações normais» até então existentes, esclareceu-nos ainda.

Para António Teixeira há dois motivos pelos quais o atentado foi praticado: o facto de conviver muito com os elementos mais activos da comissão de trabalhadores da fábrica «Sofil», a qual era uma «lança enfiada no capitalismo local», e ainda «à circunstância de ter empolado o facto de eu ser de esquerda».

A fábrica «Sofil» é propriedade de um filho de Abílio de Oliveira, Narciso de Oliveira, que chegou a estar preso em Custóias por ordem do quartel-general do Porto por sabotagem económica. António Teixeira frisou ainda: «não encontro outros motivos para a tentativa que fizeram de me liquidar». E justifica: «Politicamente e não só tive sempre a preocupação de nunca hostilizar ninguém». No entanto registou-se a reacção fazia constar em S. Martinho do Campo que a casa de António Teixeira era «um ninho de comunistas».

Recorde-se que após o atentado a bomba que destruiu a casa de António Teixeira, no dia 21 de Maio, matando a mulher D. Rosinda Sousa Moreira, vários boatos foram postos a circular na região. Entre eles dizia-se que quem tinha colocado a bomba tinha sido o filho do casal, ou o sr. António Teixeira, ou a sra. Rosinda ou ainda um cunhado. Consta porém que tais boatos vinham sempre do mesmo círculo de pessoas afectas ao sr. Abílio de Oliveira.

Assalto à «boite» Tosco

Continuação da pág. 1

to de 20 feridos, dos quais apenas seis receberam tratamento no hospital, não tendo os outros comparecido em estabelecimentos hospitalares porventura com o receio de serem identificados. Registe-se ainda o desaparecimento de mais de uma dezena de contos pertencentes à «boite», para além de importâncias e objectos de valor arrancados aos clientes.

O QUE ACONTECEU NA «BOITE»

Quando entrámos na «boite», viam-se ainda manchas de sangue no chão, nos móveis e nas toalhas. Segundo apurámos, a operação, que durou de 10 a 15 minutos, começou pelas três horas e 30 minutos da manhã, com a entrada de alguns indivíduos que posteriormente se veio a saber serem Comandos, e que no interior do estabelecimento cobriram os rostos, dois deles com meias de senhora, como os assaltantes dos bancos.

Os factos ocorreram assim: fora, junto ao porteiro, fica um elemento do grupo. Empunha uma pistola. Mais alguns elementos ficam no exterior. Entram na «boite» cerca de nove Comandos. Vão embuçados com gorros de lá verde que lhes cobrem a cabeça até ao pescoço, deixando a descoberto uma pequena parte do rosto. Todos exibem uma pistola de guerra entalada no cinto, à frente da barriga. Empurram os clientes do bar para a cave. O objectivo terá sido evitar que os gritos se ouvissem na rua. Obrigam o organista da orquestra, Carlos Guerreiro, a recomeçar a tocar «El Condor Passa». Entram em acção: utilizam imediatamente cinturões e matraca, partem garrafas de bebidas, especialmente de «whisky» e provocam, acidentalmente, um curto-circuito com o líquido que atingiu o quadro eléctrico. Quase às escuras, entre as agressões, ge-

ra-se o pânico nos clientes e empregados (cerca de 30) que estão no interior da «boite». Sempre descarregando pancada, afirma o gerente Fernando José, obrigam os homens a encostarem-se à parede com as mãos levantadas, revistando-os em seguida. E o gerente Fernando José prossegue o seu relato: à maioria dos clientes foram-lhes subtraídas as importâncias que tinham consi-

preta o gerente esta conduta como uma pretensão em fazer crer que se tratava de um assalto de ladrões. Acrescentaria ainda que tudo começou há cerca de um mês quando um alferes dos Comandos, que mora em Campo de Ourique, disse que lhe tinham furtado um leitor de «cassetes», pretendendo que um familiar dos gerentes (também residente naquela zona) seria o autor do



Um grupo de comandos atacou, na madrugada de ontem, a «boite» Tosco: os feridos sobem a 20, os danos a cerca de 50 contos. Manchas de sangue cobrem o chão; o órgão da orquestra ficou parcialmente destruído

go, bem como relógios e isqueiros. Revela ainda que da caixa desapareceu toda a receita daquela noite, entre 12 a 13 contos, e que ao porteiro foram roubados 2500 escudos provenientes das entradas. Ficou o porteiro apenas com a magra quantia de 10 escudos. As garrafas não partidas e todo o tabaco foram pilhados. Inter-

furto. Mais tarde, há sensivelmente 15 dias, aquele alferes foi à «boite» com perto de 20 comandos — prossegue o relato do gerente — e disse que tinham de lhe apresentar um leitor de «cassetes», quer «comprado ou roubado», pois doutro modo regressaria ali e destruiria tudo.

2.ª parte

SERÁ VERDADE?

..Ao ministro Sottomayor Cardia endereçamos, hoje, as seguintes perguntas:

..Será verdade que um dos primeiros actos do novo director da F. A. O. J. será a aquisição de um palácio, no centro de Lisboa, custando dezenas de milhares de contos, para oferecer à Associação Portuguesa de Pousadas da Juventude de que é presidente... o próprio director da F. A. O. J.?

..Será verdade que outra das medidas deste director foi subsidiar com cerca de 600 contos uma entidade vagamente associativa, do M. R. P. P., ao mesmo tempo que se nega à Associação Académica de Coimbra (que representa milhares de estudantes e cuja direcção é afectada à J. S.) um subsídio de 50 contos?

UM TOQUE DE CLASSE

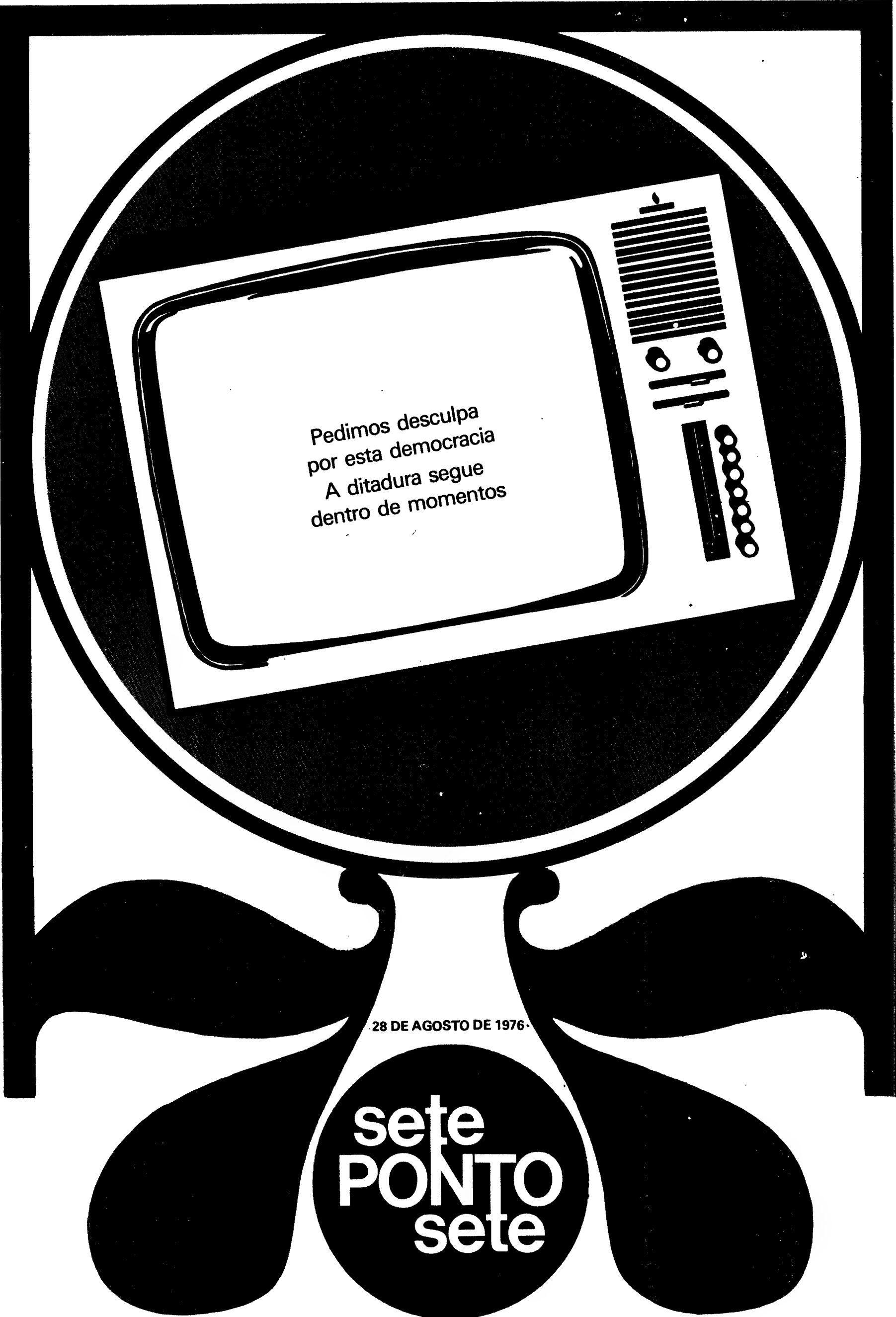
Os sindicatos da autodenominada linha «democrática» filiados na Intersindical por decisão dos seus associados encontram-se quase todos em situação devedora em relação à central sindical. São, na maioria, grandes sindicatos de serviços, com largos milhares de contos em depósitos bancários. Daqui resulta que a «Inter» vive, sobretudo, das quotas pagas, nos termos estatutários, pelos sindicatos operários.

C.M.L. encerra aos sábados

Os serviços da Câmara Municipal de Lisboa estiveram hoje encerrados, o que se verifica pela primeira vez ao sábado. O facto deve-se a decisão do plenário de trabalhadores de começar a pôr em prática na passada segunda-feira o horário das 40 horas, um dos pontos do seu caderno reivindicativo. Segundo informação da Organização Pró-Sindical dos Trabalhadores da CML hoje apenas se mantiveram em laboração os operários da secção de obras da Rua Correia Teles, que não aderiram à decisão do plenário e os trabalhadores da Central Leiteira, dos mercados e dos cemitérios que, tal como foi decidido no plenário, manterão a laboração normal daqueles serviços públicos, folgando alternadamente ao sábado e ao domingo.

Um comunicado da Organização Pró-Sindical dá conta do aumento de adesões ao horário das 40 horas semanais por parte dos trabalhadores durante a semana que hoje termina. No mesmo plenário em que a decisão foi tomada, foi deliberado esperar até ao próximo dia 15 de Setembro uma resposta positiva ao caderno reivindicativo. Caso isso não venha a verificar-se, os trabalhadores, consideram possível terem de entrar em greve.

TIAGEM MÉDIA DIÁRIA
NO MÊS ANTERIOR: 48 001 EXS.



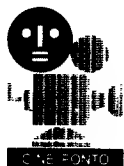
Pedimos desculpa
por esta democracia
A ditadura segue
dentro de momentos

28 DE AGOSTO DE 1976.

sete
PONTO
sete

AGENDA SEMANAL  DOS TEMPOS LIVRES
ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

suplemento semanal

sete
PONTO
sete

cinema

jorge leitão ramos 5

8 livros



teatro

carlos porto 9

música

10 mário vieira de carvalho



televisão 11

Lisboa, 28 de Agosto de 1976
Coordenação de Mário Lindolfo
Orientação gráfica de Rodil Garcia

DE CORPO INTEIRO

No principio da década de sessenta, quando lhe disse que vinha para Lisboa, a minha tia bem me avisou: «Tem cuidado, que aquela gente anda toda aos tiros. Nem que me pagassem, eu punha lá os pés».

A sua memória datava de há mais de 30 anos, quando de passagem pela capital fora apanhada pela revolta do 18 de Abril, que entrou na História como o «prólogo da ditadura», primeiro militar, depois fascista. Parece que, nessa data, reinava uma grande confusão por esta cidade. Vamos a avivar essa memória: diz a História (profusamente ilustrada e colaborada pelos mais eminentes historiadores e artistas portugueses, que a Portucalense Editora deu ao prelo em Barcelos, terra do galo, em 1954) que «uma nova manifestação militar eclodiu em 18 de Abril, mas então como sublevação de algumas unidades, posta em acção para impor pela força a substituição do ministério». Dos cabecilhas desse movimento, que viria abrir caminho ao 28 de Maio, disse António Maria da Silva, em sessão da Câmara de Deputados, que eram anti-republicanos. Não há dúvida, porém, que foram atropelados pelo fascismo que, dois anos após o 28 de Maio, tomou as rédeas do poder. Sobre o fascismo pouco adiantamos neste suplemento «DL», atendendo a que o leitor o conhece de ginjeira. Mas o 18 de Abril? Digamos que foi aí que tudo começou ou, mais correctamente, que aí foram lançados os dados que levou este País a 48 anos de repressão fascista.

Por isso, e no tom ligeiro compatível com este tipo de publicação (já que não procuramos tratar exaustivamente de um assunto que mais pertence aos arquivos bibliotecários) «Sete-Ponto-Sete» hoje apresenta-lhe, como prato forte do seu novo formato, uma abordagem do «18 de Abril», com sabor a 28 de Maio, e a tudo o que se lhe seguiu. A sua atenção deixamos este aviso: a ditadura começa dentro de momentos, isto é, na página seguinte. Ainda para assinalar formato novo, vida nova, de «Sete-Ponto-Sete», mão amiga trouxe-nos do Maputo um poema de Grabato Dias inédito, e a ler, obrigatoriamente, ao voltar da esquina isto é: na contracapa. De resto, o leitor pode ver que cuidámos das suas secções habituais neste suplemento: teatro, cinema, musica, e que, conforme promessa que agora cumprimos, lhe poupámos o trabalho de trazer a «faquinha» no bolso, pelo que hoje lhe oferecemos o primeiro «Sete-Ponto-Sete» de corpo inteiro.

Casamento: uma receita para matar o amor

O leitor não acredita. Mas dentro de pouco tempo, sei lá, trinta anos, a próxima geração vai incluí-lo numa estranha seita de estranhos hábitos. Dir-se-á, então, que «os antigos casavam». É que já hoje os jovens caminham, de passada larga, para algo diferente que se chama, apenas, o Contrato.

Isto começou a ser feito (assinado) em Lisboa. Não é por nada (ao fim e ao cabo, para quê o Contrato?) mas, enfim, sempre é um compromisso. E, depois, qualquer das partes envolvidas pode rescindir...

O «Contrato» acabará por substituir, definitivamente o casamento. Ele é feito na presença de testemunhas (geralmente amigos dos contratantes) na praia, em casa ou no café. Em principio, vigora por um ano e seguintes, como certas rendas. É claro que aparece sempre quem considere um exagero, e prefira por «uma semana e seguintes». Reconheça-se, entretanto, que esta última modalidade é menos frequente.

Uma coisa é certa: o casamento está bem, muito obrigado (como se diz a seguir) mas os jovens têm dois motivos fortes para acabar com ele: 1.º - Transforma a aventura em rotina, e 2.º - Transforma o acto do amor em «dever conjugal».

Na mesma semana, dois magazines franceses de grande difusão popular consagram a capa e o principal artigo do número aos problemas do casal. O facto não parece em si muito novo. E, no entanto, nenhum desses artigos poderia ter surgido há cinco anos, há mesmo três anos nessas publicações, que, de resto, não lhes teriam aberto as suas páginas.

Mas há mais. «Marie-Claire», mensário feminino, e «a Vida Católica», semanário cristão, querem compreender e explicar-se e não julgar e condenar, um deles, a recusa do



casamento por um número sempre crescente de casais jovens, o outro a infidelidade conjugal, principalmente a feminina. Mas, contra o que podia esperar-se, é o jornal católico que analisa a recusa do casamento e o feminino que faz o seu inquérito sobre a infidelidade. Estes dois artigos-vedeta dão assim, primeiro pela sua existência, depois pela evolução que atribuem aos leitores respectivos, por fim pelo seu conteúdo, a medida do caminho percorrido em pouco tempo, tanto nos espíritos como nos costumes.

COMO VAI O CASAMENTO

Mas tranquilizemo-nos: o casamento está bem, obrigado. O relatório Simon notava, há quatro anos, que 97 por cento dos casais franceses estavam unidos pelos elos tradicionais e legais, e que o número de casamentos anualmente celebrados, era relativamente estável (6,9 por 1000). O que se mantém.

E eis, no entanto, um par de jovens, Annie, de 21 anos, estudante e documentalista em part-time, e Philippe, de vinte anos, marceneiro, que vivem juntos e declaram que, de certo modo, o casamento prejudica o amor, que estraga as coisas, e que se um dia se casarem será por obrigação - porque esperam um filho - e não por escolha. Eis um casal católico, de quase cinquenta anos, que acolhe, há já treze anos, os noivos, no centro de preparação para o casamento da sua paróquia, e cujas filhas vivem, todas elas, maritalmente. E ainda Jean-Pierre e Catherine que, aos vinte e cinco anos, não dizem «é para sempre» mas sim «por muito tempo» antes de decidir se um dia transformarão o ensaio em solução. Situação cada vez mais frequente, nota «La Vie Catholique», que aconselha a compreensão e a moderação perante esta fórmula, nova para

os meios a que se dirige, da recusa de regras e constrangimentos sociais, ontem elementares e vulgares, hoje tantas vezes rejeitadas.

A «noiva» do nosso filho, o «companheiro» da nossa filha, o seu «amigo», a sua «amiga», eis as palavras pudicas que muitos pais utilizam hoje, nos meios mais diversos, para designar aquele ou aquela a que a lei ainda chama, com crueza, amante ou concubina, e que, em qualquer família, dava origem ao escândalo. O vocabulário aqui como em toda a parte foi ultrapassado pela situação que se sugere, porque a aceitação do facto ainda é difícil. Dissimula-se tanto quanto se pode, finge-se tratar com ligeireza aquilo que, no fundo, é para muitos inaceitável, incompreensível.

Mas os interessados não se preocupam. Na sua maioria não se trata de revoltados em rebelião contra a sociedade ou contra os pais, pelo contrário. Às vezes dizem que querem antes de mais estar seguros de si; outras vezes, pelo contrário, olham com ironia os ex-colegas de escola que escolhem a via clássica do casamento com festa, vestido branco, flores de laranjeira discursos e bênção da igreja. Mas, a maior parte das vezes, não se preocupam com explicações tranquilizadoras nem com o espírito do sistema, escolhem o seu caminho sem se preocuparem com o que dirão os outros, e contentam-se dizendo «veremos». Para eles, o casamento é uma cerimónia desusada que termina num contrato, ou uma simples comodidade por causa da Segurança Social, dos impostos e da restante papelada. Sem nos darmos conta, houve pois um passo cujas consequências na vida social, na natalidade talvez, na lei e no uso que se faz dela - já que todo o poder político, religioso ou moral, é essencialmente recuperador - ainda não acabaram de nos surpreender.

Os chefes do movimento do 18 de Abril, que foram parar juntos ao Forte de Elvas, foram os generais Sinel de Cordes, Raul Esteves, e o comandante Filomeno da Câmara. Insistem os cronistas da época em apresentar o general Sinel de Cordes como «o oficial cuja colaboração nenhum partido ou grupo político jamais conseguira», e que apareceu como um dos cabecilhas do 18 de Abril porque «este movimento, realizado sem qualquer colaboração de políticos, levado a efeito apenas pelo Exército, foi um movimento caracterizadamente nacional».

Mas o 18 de Abril fracassaria e Sinel de Cordes seria encarcerado no Forte de Elvas e mais tarde na Fragata «D. Fernando». No entanto, nunca o general deixou de conspirar, durante o tempo em que esteve preso.

Socorremo-nos do relato de Oscar Paxeco, no seu livro «Os que Arrancaram em 28 de Maio»: «Fracassada a Revolução de 18 de Abril, foi ele, sem dúvida, o maior e mais activo organizador do 28 de Maio. Ainda preso no Forte de Elvas, como mais tarde na Fragata «D. Fernando», o general Sinel de Cordes não descansa um momento. Escreve cartas, alicia camaradas, estabelece ligações, põe de pé uma vasta rede revolucionária que ele dirige e orienta superiormente.

Posto em liberdade, após o célebre julgamento da Sala do Risco, o general Sinel de Cordes vem cá para fora continuar os seus trabalhos de organização. Ao mesmo tempo que reúne à sua volta os melhores nomes e as maiores patentes do Exército, conta e dispõe do entusiasmo dos rapazes, cujas impaciências tão próprias da mocidade, ele sofria e disciplina. Quando eles elegem Gomes da Costa para chefe da «arrancada», Sinel de Cordes, temendo que ainda se não vá fazer a Revolução que é necessária, condiciona a sua adesão e a dos seus elementos à observação das primeiras 24 horas. Na balbúrdia das conspirações, o ilustre militar temia o predomínio dos radicais e todas as suas naturais consequências. Durante as primeiras 24 horas após a «arrancada», é ele quem segura em suas mãos as rédeas da vitória. Ao fim, quando se apercebe completamente das patrióticas intenções de Gomes da Costa, Sinel de Cordes secunda a «arrancada» de Braga, passa palavra à sua gente para que adira, e a Revolução transforma-se rapidamente num triunfo magnífico.»

E prossegue o inflamado cronista:

«Foi ele quem disse na Revolução a última palavra, aquela palavra que em tais casos era a única que o general Sinel de Cordes podia dizer: a que conduziu à vitória.»

Depois da vitória, só conseguida com o 28 de Maio, Sinel de Cordes ocuparia a pasta das Finanças até 1928, cargo que viria a passar para as mãos de Oliveira Salazar.

Dos outros dois «cabecilhas» do 18 de Abril, ficaram também registos em crónicas, livros e relatos da época. Assim, Oscar Paxeco descreve o general Raul Esteves como um «oficial dos mais ilustres do Exército português, combatente da Grande Guerra, tendo, como poucos, uma notável folha de serviços ao País e à causa da ordem. A figura de Raul Esteves» prossegue «foi, durante muito tempo, uma garantia segura para todos os que se batiam contra os desmandos de uma política sem sentido nacional que ameaçava arrastar o País pelos trilhos da mais desordenada anarquia».

O 18 de Abril foi derrotado, mas, escreveu Oscar Paxeco, «nem por isso o prestígio do ilustre militar sofreu, visto que Portugal inteiro continuou acreditando nele, sabendo que, na hora decisiva em que fosse possível dar o golpe de morte na demagogia, podia contar com o bravo oficial, embora para isso ele houvesse que expor a própria vida, arriscar toda a sua carreira».

Filomeno da Câmara, comandante e considerado um dos «três homens do 18 de Abril», era um oficial da Armada, e republicano, que, de acordo com o relato de Oscar Paxeco, «podia ter sido tudo na República e nada foi, só porque nunca quis pactuar com a desordem então reinante, só porque não quis nunca por os seus galões, ganhos honradamente, ao serviço da gentilha fazedora de «bernardas», da turba-multa anárquica dos cóios revolucionários».

Colonialista, fovernador de Timor, Filomeno da Câmara aceitou a derrota do 18 de Abril, e tal como os outros, pôs-se logo a conspirar para o 28 de Maio.



OS CHEFES DA «REVOLUÇÃO»:

Generais Raul Esteves, Sinel de Cordes e o comandante Filomeno da Câmara, quando presos no Forte de Elvas após o fracasso do «18 de Abril».

Os três de Abril



O PROLOGO DA DITADURA

O MOVIMENTO DE 18 D'ABRIL

JOSE A. CASTRO
1976

Um pequeno relato da época, publicado na revista «ABC» de 11 de Julho de 1929, sob o título «O Prólogo da Ditadura», descreve parte da acção do 18 de Abril, que acabaria por ser derrotada pelas forças leais ao Governo.

Narrado por José Duarte Costa, transcrevemos o seguinte episódio:

«A noite de sábado passara-se em relativa calma.

«Os chefes pensavam mais no auxílio de um providencial acaso do que, propriamente, na força numerosa das suas tropas. As prometidas adesões tinham falhado todas. Os oficiais que se encontravam, desde o início do movimento, nas avançadas — que nunca abandonaram as posições tomadas — estavam dispostos a jogar até ao último cartucho...

«Pela noite adiante, respondendo aos tiros isolados que vinham dos lados da cidade, fazia-se, com pequenos intervalos, fogo de barragem.

«As metralhadoras matraqueavam na disposição de evitarem um possível ataque dos elementos governativos, protegido pela escuridão da noite.

«Alguns civis mais animados foram dar uma volta pela cidade a colher informes. Tudo indicava que as unidades militares com que o Governo contava se estavam preparando para um movimento envolvente.

«Sabia-se já que Artilharia 3, a quem a bateria do tenente João Soares infligira a derrota da véspera, tendo-a desalojado de Monsanto, se havia instalado, tendo tomado posições, na Penha de França, numa magnífica cortina de onde se divisava bem, como se estivesse a dois passos, o Parque Eduardo VII. Falava-se muito num incidente grave que Joaquim de Aguiar, o destemido pegador de touros, um dos forçados predilectos dos fidalgos toureiros que o público tantas vezes aplaudiu em tardes de corridas de beneficência tivera com um dos comandantes dos revoltosos.

«Esse rapaz, destemido, que conhecera profundamente os segredos da conspiração e que a ela prestara relevantes serviços, não quizera tornar-se cúmplice da apatia que se desenhara e que agora, pela noite, se acentuara com firmeza.

«Os chefes interrogados sobre o que se devia fazer, respondiam:

«... Esperem pela manhã...

«... Talvez, sim, mas para sermos estregues aos beleguins do Governo...

«Não se compreendia, e daqui nasceu o incidente, que aquelas forças dispostas ao combate estivessem, excepção feita das avançadas que continuavam barrando o acesso ao acampamento, de braços cruzados aguardando, por assim dizer, as ordens do Governo.

«Porque não se fazia uma marcha pela cidade, com as metralhadoras montadas em automóveis e protegida essa marcha pela artilharia da Rotunda que devia bombardear, simultaneamente, o quartel da Guarda Republicana, no Carmo, e o Castelo de S. Jorge? «Porque não se procedia como procedeu Sidónio Paes, em 1917, bombardeando ininterruptamente a cidade?

«Esperem pela manhã repetiam os chefes que ainda não tinham comunicado qual a boa estrela em que estavam esperançados. «Pela uma hora da madrugada fomos... eu e o tenente Adriano de Figueiredo das Dores que se apresentara na Rotunda mal estalara a revolta dar uma volta pelo acampamento. «O moral dos oficiais e dos soldados era admirável e todos estavam, como nós, confiantes na vitória. Falámos com vários: Júlio Botelho Moniz, Sidónio Paes, Pinto Correia, Paixão Telo, Artur da Conceição, Paixão Moreira e...

«Iamos continuando a nossa digressão pelo acampamento, quando a nossa atenção foi chamada para uma mercearia da Avenida António Augusto de Aguiar.

«Apesar dos factos que se desenrolavam ali a dois passos e daquela rua estar na zona

revolucionária, havia lá dentro grande animação.

«Aproximámo-nos e demos logo com gente conhecida.

«Muitos civis dos que se foram oferecer nos primeiros momentos estavam ali aguardando ordens e chefiados pelo capitão-farmacêutico Germano de Sousa, homem de fé inquebrantável que, desde a morte de Sidónio Paes, vinha trabalhando contra os democráticos.

«O alferes miliciano Mata e Silva de Oliveira entreteinha uma conversa, ao telefone, com o comandante da Guarda Republicana.

«... É o senhor comandante-geral da G.N.R.?

O senhor coronel Arcanjo Teixeira? Faça favor de dizer...

«A conversa continuava, da parte de lá, visto a

atenção com que o alferes escutava ao mesmo tempo que ia dizendo:

«... Sim, sim... cá estamos... mas...

«Nova interrupção da parte do oficial da guarda e o alferes Mata e Silva de Oliveira, retorquiu:

«... Mas nós, os da Rotunda, desejávamos que V.Ex.s se dignassem vir tomar chá connosco, agora...

«A conversa foi suspensa e pelo assombro demonstrado pelo alferes a resposta do comandante da Guarda devia ter sido concludente.

«Mata e Silva de Oliveira pôs o auscultador no descanso e deu aos circunstantes nota do resto da sua demarche:

«... O coronel Arcanjo Teixeira agradece o convite que lhes fizemos para virem tomar chá connosco e diz que virá pela manhã ao café...

Do 18 de Abril ao 28 de Maio

Na época de conspiração que levou ao 18 de Abril, e abria caminho para o 28 de Maio, uma figura sobressai: a do general Gomes da Costa, um homem descontente com o clima de agitação que degradava o País, mas apesar de tudo um liberal. Os seus companheiros de conspiração viriam a afastá-lo, depois do golpe vitorioso, para implantar a ditadura fascista cujas consequências bem conhecemos. Numa entrevista dada ao dr. Manuel Múrias, e só publicada no jornal «Época» no dia 29 de Abril de 1926, o general insurge-se contra as «quadrilhas partidárias» (...), «o ulular faminto das clientelas vorazes que se esfaimam a roer os ossos de Portugal».

No entanto, afirma que, sendo um homem de armas, nunca poderá ser tomado por um conspirador, e diz para o dr. Manuel Múrias: — Olhe bem para mim. Acha que o homem que nunca ninguém viu curvar-se diante das

balas inimigas, em Africa e em França, em mais de trinta anos de vida militar, e através de mais de trinta batalhas, acha que esse homem é capaz de conspirar? De se insinuar sub-repticiamente, de se ocultar apavoradamente para caçar o inimigo desprevenido?

E adianta, zangado (no dizer do entrevistador): — Eu não conspiro, revolto-me!

— E revoltou-se, de facto, levando consigo o exército português, para a implantação da ditadura militar que duraria dois anos, sucedendo-lhe aquela aberração chamada o «Estado Novo», com o «salvador» Oliveira Salazar.

A Gomes da Costa foram feitas duas acusações: «deixou-se levar e orientar pela impaciência e imprevidência dos rapazes; e não soube ser político».

Outros disseram apenas que «lhe fizera mal o ar bafiento do Terreiro do Paço».



Um piquete da GNR de prevenção nas imediações da Câmara Municipal

Alguns, que depois entraram no 28 de Maio, passaram pelo 18 de Abril «a dormir». É o caso do general Carmona, mais tarde presidente da República, e mais tarde ainda marechal. Carmona não sabia de nada, a acreditar na entrevista que concedeu a Oscar Paxeco, autor do livro «Os que arrancaram em 28 de Maio», publicado em 1937, no qual o autor traça o grande elogio dos «heróis» da ditadura salazarista.

Nessa entrevista, Carmona afirma: «Não soube nada da preparação do 18 de Abril. Sentia, como aliás toda a gente, pelo ambiente que se respirava, que alguma coisa andava no ar. E as minhas desconfianças eram de certo modo alimentadas pelas conversas que por esse tempo tinha com um rapaz a quem a causa da revolução muito deve (N. R. — entenda-se por «revolução» o advento do fascismo) e que então aparecia frequentemente por Évora: o tenente Travassos Arnedo, um conspirador intemerato e decidido que havia, mais tarde, de trabalhar com o mais vivo entusiasmo para o 28 de Maio. No entanto, de concreto nada sabia e a eclosão do movimento de 18 de Abril apanhou-me de surpresa...»

No entanto, e referindo-se à fase preparatória do 28 de Maio, Carmona confessa ter recebido cartas do general Sinel de Cordes, trazidas pelo Arnedo, as quais guardava «nos canos das espingardas que decoravam o seu gabinete de comandante da 4.ª Divisão». — Foi o sítio mais seguro que encontrei para as pôr a bom recato. É que, naquela altura, semelhante correspondência constituía autêntico corpo-de-delito.

Sempre sem «nada saber», Carmona adianta ao entrevistador que «um dia fui convidado para assistir a uma reunião que devia efectuar-se numa quinta próximo de Estremoz e à qual assistiram, também entre outros, o general Sinel de Cordes, o comandante Filomeno da Câmara, o tenente-coronel Raul Esteves, que para tanto dariam uma fugida ráp da do Forte da Graça, onde estavam presos».

Como se pode deduzir destas revelações, em vésperas do golpe fascista, os Presos da República saíam da cadeia para uma escapada a favor da conspiração.

O preço que os republicanos pagariam por este «descuido», viria a ser, como todos nós sabemos, 48 anos de repressão.

Entretanto, e voltando ao 18 de Abril e ao papel do então general Carmona, verifica-se que os homens da República estavam tão desatentos ao golpe de direita que viria a dominar o País, que o nomearam promotor de Justiça no julgamento dos conspiradores do 18 de Abril.

Diz o articulista Oscar Paxeco, que, nesse papel, «o senhor Presidente prestou o primeiro grande serviço à Revolução (entenda-se: fascismo) pelo desassombro das suas afirmações, pelo patriotismo da sua atitude... E o então «Venerando Chefe do Estado» relembra os factos para o entrevistador:

— Não calcula o que então se passou comigo, a série de peripécias que se deram. Primeiro estive para fazer parte do júri, depois fui nomeado promotor.

E, com o maior despor:

— Após o julgamento, estreitei ainda mais as relações que já mantinha com os meus camaradas que haviam tomado parte naquele movimento.

E Carmona, à data da entrevista instalado em Belém no cadeirão presidencial, continua o seu relato:

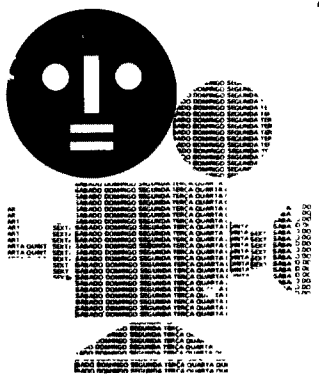
— Reuniamo-nos, alguns, na leitaria Suíça, à esquina do Rossio para a Rua do Amparo. Dia a dia verificávamos que era preciso fazer alguma coisa para pôr termo à situação em que se estava — a qual, todos concordávamos, era impossível continuar. Mas não se saía de conversas, não se assentava num plano... Até que certo dia recebi em minha casa um recado do então comandante Mendes Cabeçadas, que eu não conhecia nem de vista, pedindo-me que lhe marcasse um encontro. Marquei a leitaria Suíça, onde parava várias vezes.

No dia aprazado dirigi-me àquela estabelecimento. Mas, como morava em Belém e a viagem de eléctrico até à Baixa era maçadora, e também porque sempre gostei muito de andar a pé, era meu costume apear-me no Conde Barão e seguir, depois, de passeio até ao Rossio. Nesse dia assim fiz. Quando cheguei ao largo do Corpo Santo vi dirigir-se-me um senhor que eu não conhecia. Apresentou-se-me dizendo ser o comandante Cabeçadas. Respondi-lhe que ia a caminho do encontro combinado e aquele oficial retorquiu-me que lá estaria, também, mas que, como tivera de vir ao escritório dum seu irmão, em S. Paulo, calhara encontrar-me e resolvera falar-me.

Entabulamos logo conversa mais larga. O comandante Cabeçadas trazia-me um convite em forma para eu aderir a um movimento que se estava a preparar e que devia eclodir em breve.

Carmona depois confessa as suas reservas em relação a esse «movimento» — viria a concretizar-se no 28 de Maio — dizendo que era «uma coisa que eu não sabia o que viria a ser».

O general teria depois muito tempo para adquirir certezas acerca de tal movimento. O mesmo se passaria com o povo português.



CINE/PONTO

Alvalade
(Av. de Roma, tel. 897480)

«O Extravagante Doutor Dolittle» (M/6)
Filme de Richard Fleischer, com Richard Attenborough.
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h

Apolo 70
(Av. Júlio Dinis, 10-A, tel. 763319)

«Yakusa» (M/18)
Com Robert Mitchum e Takakura Ken.
Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15 h



Ayis
(Av. Duque d'Ávila, 45, tel. 47163)

«Bobby» (M/13)
Um filme de Rajka Poor, com a Rishi Kapoor e Dimple Kapadia
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h

Berna
(Av. Marquês de Tomar, tel. 776098)

«Doze Indomáveis Patifes» (M/13)
Com Lee Marvin, Ernest Borgnine e Charles Bronson
Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15 h



Caleidoscópio
(Campo Grande — Lisboa, tel. 794141)

«E Tudo o Vento Levou» (M/13)
Com Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
Sessões: 15 e 21 h

Capitólio

«Garganta Funda» (M/18)
Com Linda Lovelace
Sessões: 15.30, 17, 18.30, 20.30 e 22 h
Sábados e domingos, também às 23.30 h

Castil
(R. Castilho — Edifício Castil, tel. 555847)

«Amores Sem Freio» (M/18)
Um filme de Gerard Kikoine, com Alex Nubarr e Alain Van Dame
Sessões: 15, 17, 19 e 21.15 h

Cinearte

Sábado e domingo «Os Dez Mandamentos» (M/10)

Segunda e terça «Jogos para Casais Infelizes» (M/18)
Quarta e quinta «A Última Testemunha» (M/18)
Sexta «Um crime no Expresso Oriente» (M/18)

Cinebolso
(R. Actor Taborda, 27-B, tel. 573407)

«Relações Escaldantes» (M/18)
Sessões: 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Condes
(Av. da Liberdade 2, tel. 32 25 23)
«A Mulher Polícia faz Carreira» (M/13)
Com Edwige Fenech, Mario Carotenuto e Giuseppe Pambieri
Sessões: 15, 18 e 21.15 h

Eden
(Pr. dos Restauradores, 21, tel. 320768)



«O Pirata Negro» (M/13)
Um filme de Vincent Thomas, com Terence Hill e Bud Spencer
Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15

Estúdio
(Al. Afonso Henriques 35, tel. 55 51 34)

«Farsa Eleitoral» (M/13)
Realizado por Jean-Claude Lord com Rejean Guénette e Ann Marie Provencer
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h

Estúdio 444
(Av. Defensores de Chaves 83-B, tel. 77 90 95)
«Os Malucos vão à Guerra» (M/6)
Com os Les Charlots
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h

Império
(Al. Afonso Henriques, 35, tel. 555134)

«Lawrence da Arábia» (M/10)
Com Alec Guinness, Anthony Quinn, Jack Hawkins e José Ferrer
Sessões: 14.30, 18 e 21.15 h

Jardim

Sábado «A Mania das Grandezas» (M/10)
Domingo «A Salamandra» (M/13)
Segunda «Para a Frente é que é o Caminho» (M/13)
Terça «A Mulher e o Patife» (M/18)
Sessões: 15.30 e 21.15 h

Londres
(Av. Roma, 7-A, tel. 801313)

«O Amante» (M/18)
Um filme de Ingmar Bergman, com Elliot Gould, Bibi Andersson e Max Von Sydow
Sessões: 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Monumental
(Pr. Duque Saldanha, tel. 555131)

«Os Canhões de Navarone» (M/13)
Com Gregory Peck, David Niven e Antony Quinn
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15

Mundial
(R. Marquês de Ferrão 12-A, tel. 53 87 43)
«O Vendedor de Balões» (M/13)
Um filme de Mário Gariazzo com Lee J. Cobb, James Whitmore e Renato Cestie
Sessões: 15.15, 18.30 e 21.15 h

Nímas
(Av. 5 de Outubro, tel. 574362)

«Chove em Santiago» (M/18)
Com Annie Girardot, Jean-Louis Trintignant, Bibi Anderson e Laurent Terzieff
Sessões: 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Odeon
(R. Condes, 4-2º, tel. 326283)

«O Direito de Nascer» (M/14)
Com Aurora Baptista, Júlio Aleman e Maricruz Oliver
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15 h

Olimpia

Sábado «Abuso do Poder» (M/14)
Domingo «Empresta-me o teu Motorista» (M/18)
Segunda «Uma Questão de Honra» (M/18)
Terça «Brincando com o Fogo» (M/18)

Quarta «O Último Beijo» (M/13)
Quinta «Punhos de Aço» (M/14)
Sexta «As Amantes do Vampiro» (M/18)
Sessões permanentes a partir das 14.30 h

Paris

Sábado e domingo «Cavalcada Fantástica» (M/13)
Segunda «Adeus Bruce Lee» (M/18)
Terça «100 Armas ao Sol» (M/10)
Quarta «Os 3 Super-Homens na Selva» (M/14)
Quinta «Aleluia e Sartana» (M/14)
Sexta «Meninas de Bem» (M/18)
Sessões: 15.30 e 21 h

Pathé

«História d'O» (M/18)
Com Corine Clery, Ugo Kier e Anthony Stell
Sessões: 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Promotora

Sábado e domingo «Jesus Cristo Superstar» (M/18)
Segunda «Espírito Santos e os 5 Magníficos canalhas» (M/18)
Terça «A Noite do Pecado» (M/18)
Sessões: 15.15 e 21.15

Quarteto
(Av. E. U. América, tel. 771378)

Sala 1 «Há Lodo no Cais» (M/13)
Sessões 15, 17, 19, 21 e 23 h
Sala 2 «Quem Tem Medo de Virginia Woolf» (M/18)
Sessões: 14.45, 17.30, 20.30 e 23 h

Sala 3 «MASH» (M/13)



Sessões: 14.45, 17, 19.15 h
Sala 4 «Outono escaldante» (M/18)
Sessões: 14.45, 17, 19.30 e 21.45 h

Rocio

Sábado «Punhos Mortais de Kung-Fu» (M/18)
Domingo «O Homem Chamado Noon» (M/14)
Segunda «Punhos Violentos» (M/18)
Terça «Profissão Aventureiro» (M/18)
Quarta «Trama» (M/18)
Quinta «O Conformista» (M/18)
Sexta «Você Conhece o Sexo?» (M/13)
Sessões permanentes a partir das 14.30 h

Roma

«História d'O» (M/18)
Com Corine Clery, Ugo Fier e Anthony Stell
Sessões 15.30, 18.30 e 21.15 h

Roxy
(Av. Almirante Reis, 20, tel. 48560)

«A Esposa Virgem» (M/18)
Com Edwige Fenech, Carrol Baker e Fay Lovelock
Sessões: 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h



S. Jorge

«E Tudo o Banco Levou» (M/13)
Com George C. Scott, Joanna Cassidy e Sorrell Bookin
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15 h



Salão Ideal

Sábado «Rapazes de Táxi» (M/10)
Domingo «Sol Vermelho» (M/18)
Segunda «Croc-Blanc o Cão Lobo» (M/13)
Terça «A Loja do Sexo» (M/18)
Quarta «Como Chegar a Rico sem Esforço» (M/13)
Quinta «Mulher de Gelo» (M/13)
Sexta «A Lenda da Casa Assombrada» (M/18)
Sessões: 15.30 e 21 h

Satélite
(Av. Fontes Pereira de Melo, 51, tel. 562632)

«Eram os Deuses Astronautas?» (M/13)
(comentado em português)
Sessões: 15, 17 e 21.15 h

Star
(Av. Guerra Junqueiro, 14-C, tel. 804210)

«O Que Faz Mudar Um Homem» (M/6)
Com Hayley Mills e Doug McClure
Sessões: 15.15, 18.30 e 21.15 h

Tivoli

«História d'O» (M/18)
Com Corine Clery, Ugo Kier e Anthony Stell
Sessões: 15.15, 18.30 e 21.15

Vox
(Av. Fr. Miguel Contreiras, lote 879, tel. 720808)

«Marilyn e o Senador» (M/18)
Um filme de C. Tobacina, com Bill Margold
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15 h

Sessões da meia-noite

Apolo 70

Sábado «Os Maridos de Elizabeth»
Domingo «Ulzana, o perseguido»
Segunda «A Mão armada»
Terça «Fogo Cruzado»
Quarta «Os Homens de amanhã»
Quinta «Direito por linhas tortas»
Todos para m/18

Castil

Sábado «Chamada para a morte» (M/18)
um filme de Alfred Hitchcock

Cinearte

Sábado «O Túmulo do sangue» (M/13)

Cinebolso

Sábado «As 14 Amazonas» (M/18)

Europa

«Bandolero» (M/14)
com James Stewart, Raquel Welch e Dean Martin

Lumiar

Sábado «O Cobra» (M/18)

Paris

Sábado «A Espreita de sarilho» (M/18)

Pathé

Sábado «História d'O» (M/18)

Star

Sábado «Os Três Mosqueteiros» (M/18)

Vox

Sábado «A Prima» (M/18)

cafés-teatros de madrid



O desenvolvimento económico transformou a noite madrilenha e pôs fim aos cabarets espanhóis. Estes, porém, não se resignaram à morte e, ao fim de se adaptarem aos novos tempos, lançaram a fórmula do café-teatro à espanhola. No seu livro **Pecar en Madrid** (Ed. 89, Madrid), que surgiu há pouco nas livrarias, e que é um dos guias mais completos das distrações que a capital de Espanha oferece, António D. Olano acha que habitualmente não se trata de cafés nem de teatros, mas que eles estão na moda. Esses cafés-teatros começam a funcionar à 1 hora da manhã: o madrilenho é essencialmente noctâmbulo. Mas a noite já aqui não é o que era dantes e a Gran Via não é aquela avenida por onde as pessoas passeavam às 2 da manhã cumprimentando este e aquele porque todos se conheciam. O crescimento da capital roubou à Gran Via a sua antiga exclusividade

e os noctâmbulos repartem-se hoje pelos vários bairros da cidade. O humor madrilenho, que ajuda a suportar os calores do verão na capital, deu nomes de praias aos bairros, e as pessoas dizem que foram à **Costa Flemming**, ou à **Costa de Palestra**. O desenvolvimento pôs fim aos longos passeios e às tertúlias nos cafés, e as costas de Madrid substituíram-nos com as suas boîtes, as suas discotecas e bares americanos onde o cliente pode tomar um whisky escocês por 150 pesetas. Mas, há alguns anos, o que stá à moda é frequentar os cafés-teatros. Em Madrid há uns dez. Por 350 pesetas, em média, tem-se direito a uma bebida e a um espectáculo. Este último é geralmente medíocre quanto ao texto, e caracterizado por um humor bastante pesado. Os actores não são actores de teatro e os autores também não escrevem habitualmente para esses mesmo teatro. Desde a morte de

Franco que os espectáculos se liberalizaram um pouco. O que faz o êxito dos cafés-teatros é o facto de as figurantes se exibirem tão despidas, quanto possível e o actor principal juntar ao texto inicial alusões à actualidades e críticas ao governo no género dos «chansonniques» de Paris, embora com maior prudência. Com efeito a lei continuava a proibir todo o texto que não seja previamente autorizado pela censura. Assim, o proprietário do estabelecimento arrisca-se a fortes multas e às vezes ao encerramento da sala. Quanto ao actor, esse pode ser julgado. Por isso, os quatro actores que participaram no espectáculo do face-teatro **Stéfanis**, com-pareceram a 30 de Julho perante o tribunal da ordem pública, depois da sala ter estado encerrada durante um mês. O **Stéfanis** apresentava uma peça intitulada **La Madja desnuda de Caceres**, da autoria do escritor e jornalista António Olano.

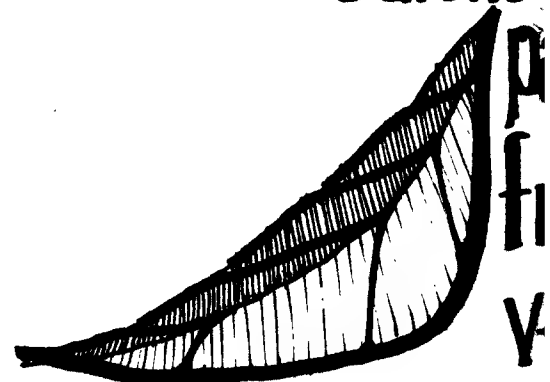
Ao que parece, o incidente teve por origem a frase **«quando espero o homem que amo»**, título de uma canção do princípio do século, mas que a actriz encheu de alusões ao professor Tierno Galvan (presidente do partido socialista popular), a François Mitterrand e a Mário Soares.

Um actor de café-teatro assegura: **«Há mais de um ano que represento a mesma peça. Ela dura uma hora, mas, se eu suprimisse tudo que lhe acrescentei, a representação não durava sequer vinte minutos. Creio que os actores é que deviam receber direitos de autor».**

No entanto esse autor não é muito bem pago. Não recebe mais do que 500 a 1000 pesetas por representação. O proprietário do estabelecimento diz que corre grandes riscos e que as salas são pequenas — em geral comportam uns 100 espectadores —, mas no fim da semana, a receita pode atingir as 200 000 pesetas.

Algumas das obras representadas têm uma parte musical. Outras indicam em subtítulo: **«Sexy show»** (de resto, um «sexy» dos mais anódinos). Em certos casos, o título da peça é equívoco, como por exemplo o **Ultimo Tango, de Marilyn Monroe e Rudolfo Valentino**, que atrai ali muitas pessoas que não puderam fazer uma viagem a França ou a Portugal e ver **O Ultimo Tango em Paris**, filme que continua a ser proibido em Espanha. Com efeito, o Governo é mais rigoroso em matéria de moral do que em política. Por exemplo, há já um mês que está a ser projectado **O Ditador**, de Charles Chaplin, filme que o general Franco tinha pessoalmente proibido.

festival de Outono



Exposições, música, teatro musical, dança, teatro — de tudo um pouco e sobretudo para aqueles que aceitam a vanguarda como a necessariamente autêntica expressão estética do nosso tempo. Primeiras observações a fazer em relação ao Festival de Outono-76 (em Paris, claro...) uma maior descentralização já que as manifestações se estendem até à periferia, uma maior integração dessas manifestações no tecido urbano da cidade, na criatividade dos seus habitantes. Vale a pena percorrer o percurso deste Festival mesmo com a certeza de se ficar a chuchar no dedo...

EXPOSIÇÕES

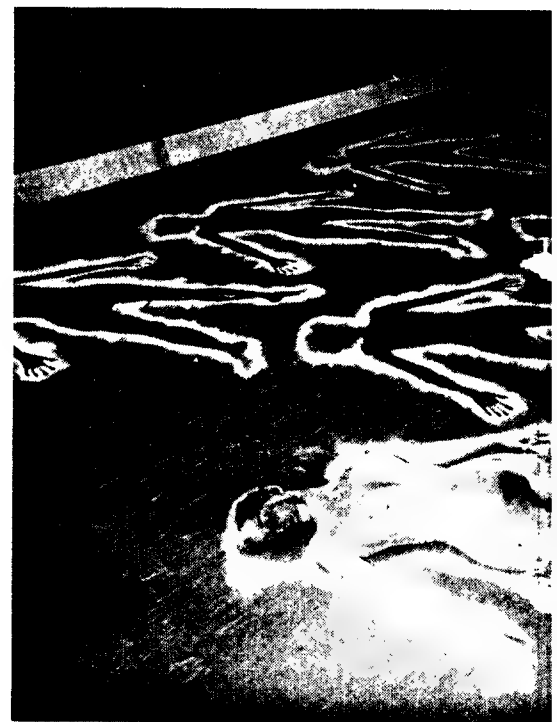
Papagaios de Papel — Imagens para o Céu.

Não sabemos se o leitor sabe que o papagaio de papel é um objecto mais importante do que parece à primeira vista: inventado na China, foi sucessivamente utilizado como engenho militar, bandeira, sinal, meio de transporte... Benjamin Franklin inspirou-se nele para inventar o para-raios. No Oriente, o papagaio de papel é usado como símbolo religioso, sobretudo no Japão e na Coreia. Nesta exposição estão representados vários países: Brasil, China, Japão, Filipinas, Tailândia; haverá ainda exibição de filmes e de iconografia. Artistas contemporâneos mostrarão os seus trabalhos inspirados nos papagaios de papel, entre eles, Jacqueline Monnier e Tom Van Sant. Paralelamente, haverá uma oficina para a criação pelas crianças de papagaios de papel. Enfim, uma «papagaio-papelândia» completa...

Leslie Krims, Duane Michals e Burk Uzzle

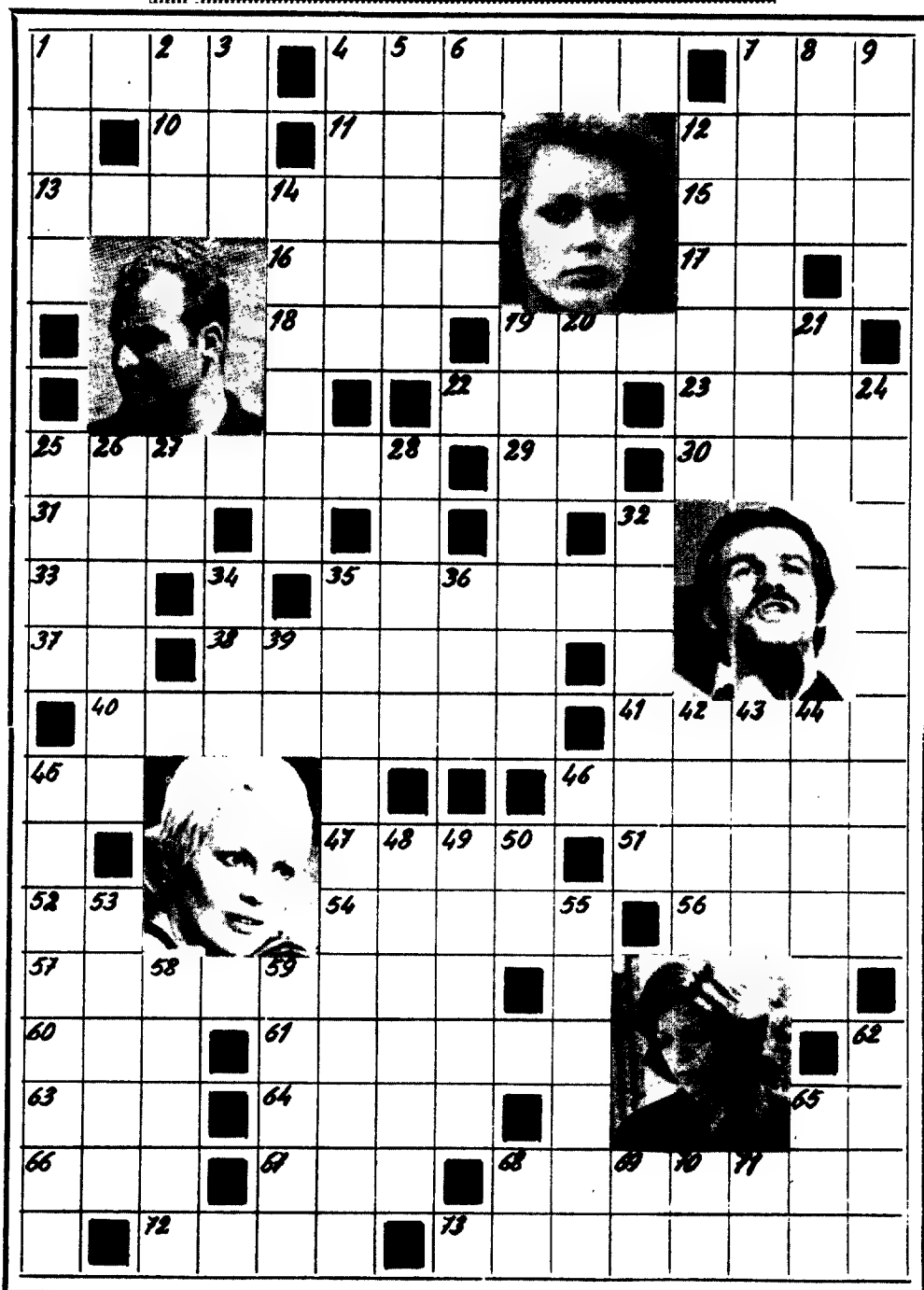
três fotógrafos americanos fazem uma exposição retrospectiva da sua obra que tem como finalidade, diz-se, criar uma nova escritura visual. Haverá três estágios de fotografia animados por estes fotógrafos.

nova subjectividade — Artistas da Bélgica, Espanha, França, Irlanda, Itália, R.D.A., R.F.A., Suécia, Suíça, U.S.A., expõem obras que pertencem a esta nova corrente artística.



Leslie Krims

palavras cruzadas



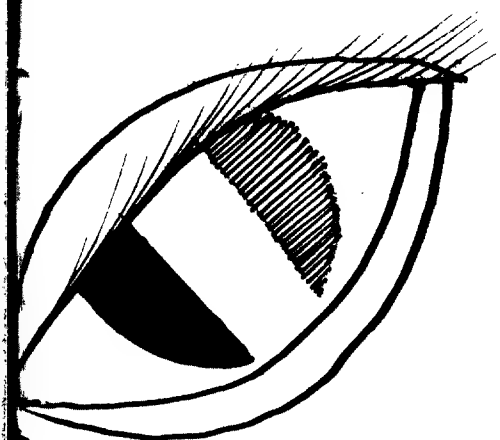
HORIZONTAIS:

1/4 Actriz cinematográfica ex-mulher do escritor e vencedor de um Goncourt, Romain Gary; 7 Igual; 10 Satélite de Júpiter; 11 Enguias; 12 Dependência onde se guardam louças; 13 Desviara de um lugar; 15 Agarrar; 16 Rio da Rússia; 17 Tálio (S.q. e inv); 18 Duna na Suécia; 19/25 Protagonista do filme «Emmanuelle»; 22 Filtre; 23 Comilão (fig); 29 Estrépito de desmoronamento; 30 Ecoam; 31 Escudeiro; 33 Nosso Senhor; 35 Arbusto espinhoso (Bras); 37 Língua antigamente falada ao sul do rio Loire; 38 Peças metálicas que se colocam nas extremidades das penas para escrever; 40 Alindado; 41 Rol; 45 Antiga unidade monetária da Alemanha; 46 Costurava; 47 Rio da China; 51 Crosta que se forma sobre os dentes que não são limpos; 52 Vareja; 54 Armadilhas para pássaros; 56 Destróis; 57/68 Herdeira de duas grandes fortunas, a de sua mãe Tina Livanos e a de seu pai Aristóteles Onassis; 60 Prefixo que designa ar; 61 Refulgir; 63 Primeira parte do nome de uma cidade de Tonquim; 64 Peça que liga o pirtigo ao mangual; 65 Abreviatura de verso; 66 Doutores; 67 Pronome pessoal; 72 Ovários dos peixes; 73 Agitações.

VERTICAIS:

1/32 Marido da princesa Sofia e actualmente rei de Espanha; 2 Oásis; 3 Bêbado (Gir Bras); 4 Fechara as asas para descer mais depressa; 5 Vagueias; 6 Designação extensiva a preciosas castas de videiras, muito cultivadas em Portugal; 7 Pequena porta, ou abertura em porta grande; 8 Uma das Novas Hébridas, na Melanésia; 9 Invulgar; 12 Carecas; 14/48 Vencedor do Concurso Canção R.T.P. — 75; 19 Riso leve, irónico; 20 Ilha da costa francesa do Atlântico; 21 Pedra de altar; 24 Olvidámos; 25 Director da Escola Normal Superior de Tóquio, criador do método de educação física e moral chamado judo, que substituiu o jiu-jitsu no Japão; 26 Suprimem; 27 Flauta chinesa de três buracos; 28 Ligara; 34 Um dos estados da Federação da Malásia; 35 Governariamos; 36 Medida agrária inglesa; 39 Pseudónimo (s.q); 42 Rio da Alemanha que nasce no Tirol; 43 Sírio, da Síria; 44 Moeda de prata espanhola; 45 Cinza ou lava de vulcão; 49 Freguesia do concelho de Torres Novas; 50 Batráquio; 53 Limpar metais; 55 Cidade do Chile; 58 Furioso; 59 Peia; 62 Atitude de orgulho; 65 Reles; 68 Rio da Rússia; 69 Prefixo de privação 70 Apelido da mãe de Luís de Camões; 71 Santíssimo Sacramento.

Solução na pág. 11



ra
ancês
er

Criação/animação no XV bairro — trata-se aqui de inventar novas formas de animação. Trata-se de pôr em contacto os artistas que vivem num determinado lugar — neste caso o XV bairro — com a população local, e ao mesmo tempo fazer um inquérito que permitirá descobrir os artistas profissionais ou amadores que, desconhecidos, aí vivem. Trata-se de um bairro onde vivem mais de 300 000 pessoas (uma cidade importante) e trata-se, pois, de descobrir as ligações que será possível estabelecer entre essas pessoas e a criação artística, e também de descobrir e impulsionar a própria criatividade delas.

MÚSICA

Karlheinz Stockhausen — Este músico alemão apresenta a sua última composição: «Sirius», criada em Washington em Julho e a apresentar brevemente em Tóquio, Osaka, Berlim e Geneza. Trata-se de uma obra electrónica para compete, soprano, clarinete baixo, e baixo. «Sirius» começa pela «Apresentação» dos quatro solistas que são a encarnação musical dos quatro pontos cardiais, dos elementos, dos momentos do dia, das estações. Stockhausen dirigirá o Som. Bill Dixon — Pergunta-se: Um grande músico desconhecido aos 50 anos? Um dos inventores do «free jazz», Bill Dixon não tocou nunca em França e há anos que não grava. Para Pierre Lattès: «Um dos poucos músicos originais aparecidos nos últimos anos».

«Music With Ross In The Aether» — fitas em video-cor de Robert Ashley. Documentação da parte-video — produzida pelo compositor Robert Ashley e incluindo obras de nove compositores americanos. Além de uma hora de música, haverá entrevistas com cada um dos compositores.

Música electrónica — «Composers Inside electronics», programa concebido por David Tudor, com obras de 11 compositores, entre eles John Cage. E «Steve Reich and Musicians», oito obras do compositor norte-americano Steve Reich, um dos principais representantes da «nova música».



Três músicos curdos da família Rancho

Um homem orquestra: Wilhelnn Bruck

David Tudor



música étnica — dois conjuntos: um de música curda apresentada ao vivo por cinco músicos que vivem numa aldeia do norte da Síria outro, vindo de Damasco (capital da Síria) que apresenta um ritual islâmico.

TEATRO MUSICAL

Robert Wilson: Einstein on the Beach — Um dos mais discutidos homens do teatro contemporâneo que um único espectáculo tornou célebre volta a Paris com a sua última criação. Com música de Philip Glass, «Einstein on the Beach» é mais uma experiência — esta dura só quatro horas e meia — da utilização cénica do tempo e do espaço. Três temas principais nesta nova ópera de Wilson: um comboio, um tribunal, um engenho espacial.

La Bouteille à la mer», de Georges Aperghis. O compositor Georges Aperghis trabalhou durante cinco meses junto da população de um lugar de 3 000 pessoas, das quais 30 por cento são emigrados e uma sobre três tem menos de 20 anos. Fazem parte do grupo seis actores, um cenógrafo e um autor que participaram na elaboração deste espectáculo musical produzido pela própria Vila onde Aperghis trabalhou.

Rorschach 2. Duas jovens — Françoise Achard e Tamia — apresentam o seu segundo espectáculo de teatro musical com marionetas. Não sabemos do que se trata.

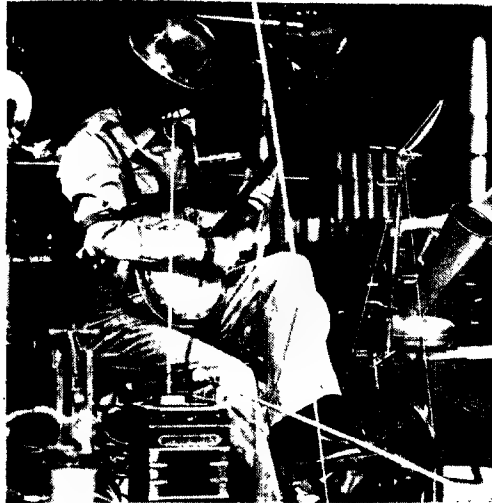
Uma obra de Maricio Kagel — Este compositor alemão leva ao Festival de Paris uma obra escrita entre 1971 e 1973 e intitulada «Zwei-Mann-Orchester», direcção musical e encenação do autor. Eis o que diz o autor: «no meu espírito, perante a crise da orquestra de hoje, seria necessário encontrar soluções ao mesmo tempo artísticas e sociais... Foi a criação de uma verdadeira máquina-orquestra, concebida como um automatofono não automático que finalmente se impôs...»

TEATRO

Richard Foreman apresenta «O Livro dos Esplendores» — Um norte-americano que já esteve em Paris em 1973, apresenta um espectáculo concebido especialmente para o Festival de Outono sendo os actores franceses. O escritor Georges Pérec escreveu sobre o teatro de Foreman: «Antes de qualquer outra coisa (emoção, sensibilidade, inteligência, etc.) é a memória que Richard Foreman e os seus actores desafiam... memória de um tempo... do qual o êxtase nasce, não da durée mas da fractura: descontinuidade, passagem...»

Teatro de Robert Anton — Outro criador norte-americano, um marionetista de 27 anos, grande revelação do Festival de Nancy de 1975. Este novo espectáculo é o resultado de um trabalho solitário que durou um ano e pode ser visto apenas por 18 espectadores de cada vez (o espectáculo estará em cena durante três meses). O dispositivo que Anton concebeu para o público leva apenas aquele número de pessoas, nem mais uma. E que a cabeça das marionetes de Anton são mais pequenas que um polegar. Teatro para elites, diz-se, o Teatro de Robert Anton reivindica o direito à diferença.

Peter Stein e Klaus Michael Gruber — Uma das maiores companhias do teatro mundial é, sem dúvida, a do «Schaubühne am Halleschen-ufer-Berlin» (R.F.A.). Dois espectáculos encenados pelos principais encenadores desta companhia (Stein e Gruber) constituirão o grande acontecimento do Festival de Outono. Stein apresenta uma peça de Gorki:



«Veraneantes» (o título português, aliás, não corresponde exactamente à ideia da peça), depois de ter há anos encenado «A Mãe», de Gorki-Brecht. Gruber apresenta a sua versão de «Empedokles Holderlin Lesen» ou «Ler Holderlin» espectáculo feito sobre o texto daquele poeta alemão e sobre a sua vida.

Pesença de Portugal: Richard Démarcy e Teresa Mota — O único espectáculo português, o único espectáculo de um pequeno país presente no Festival de Paris. A evocação do 11 de Março em forma de ritual. As imagens sonoras e visuais (comoventes) de uma revolução e de uma contra-revolução. Espectáculo interpretado pelos actores portugueses com legendas em francês projectadas simultaneamente.

Um novo encenador francês: Bruno Boeglin — da cidade de Lyon, um encenador de 24 anos cujo trabalho é considerado ao nível de qualidade das investigações teatrais contemporâneas mais importantes. Espectáculo a apresentar: «La Novia», construído a partir da peça de Alberti «Noite de Guerra no Museu do Prado» (que Os Bonecreiros já fizeram) e que narra o itinerário da Espanha da guerra civil à morte de Franco, desde a destruição do sonho republicano até à colonização turística de agora.

Haverá simultaneamente uma oficina teatral dirigida pelo artista japonês Shuji Trayama, com técnicas vocais e gestuais. Também Geroges Aperghis dirigirá um atelier de animação de teatro musical.

DANÇA

New York City Ballet de Georges Balanchine — Martha Graham Dance Company — Basta citar os nomes das companhias para garantir a qualidade deste sector do Festival de Outono.



Françoise Achard

Um homem, uma vaca e um jumento — Um francês, Olivier Perrier, leva a Paris um espectáculo que é a memória de um mundo que morre: o mundo rural. O espectáculo intitula-se «Les Mémoires d'un Bonhomme» e nele vemos como depois de séculos de uma determinada forma de vida o mundo camponês é perturbado pela chegada dos processos mecânicos. Os animais em palco fazem parte desse mundo e são para o espectador um seu signo inquietante.

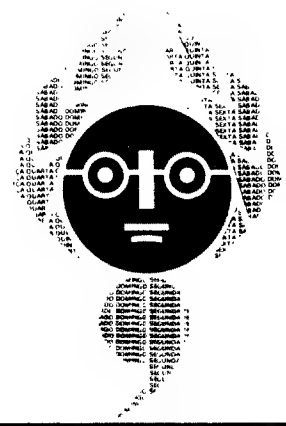


Martha Graham Dance Company

Duas observações breves: é evidente a excessiva supermacia dos artistas, das companhias, das manifestações norte-americanas. Os franceses não estarão a ser colonizados pelos americanos, por mais contestatários que estes sejam? Essa



supremacia americana dever-se-á a quaisquer facilidades concedidas pelas respectivas autoridades? É mais do que evidente a ausência de artistas e companhias de países socialistas. Porquê? Uma razão não é de certeza — a falta de qualidade. Valha-nos que há lá a representação, mesmo parcelar, de um país a caminho do socialismo! (Elementos recolhidos do Jornal do Festival de Outono).



aPONTO e virgula

THIAGO: POESIA COMPROMETIDA COM A MINHA E A TUA VIDA

«Escrevo esta canção porque é preciso./Se não a escrevo, falho com o pacto/que tenho abertamente com a vida./ É preciso fazer alguma coisa/ para ajudar o homem. Mas agora,/cada vez mais sózinho e mais teroz,/a ternura extraviada de si mesma,/o homem está perdido em seu caminho./É preciso fazer alguma coisa/para ajudá-lo. Ainda é tempo./É tempo./Apesar do próprio homem ainda é tempo./...». Começa assim o primeiro poema, «É preciso fazer alguma coisa», do último livro do poeta brasileiro Thiago de Mello, «Poesia comprometida com a minha e a tua vida». Do subtítulo: «Pequena história natural do homem no fim que vem vindo do século vinte» («contada» a história por Thiago de Mello, precisa-se melhor). Thiago de Mello: «poeta, cantor e companheiro da manhã, caboclo do Amazonas, natural de Barreirinha, sentado na margem esquerda do Reno, o rio poluído onde os peixes se afoam no inverno do reinado de Magúncia, aonde teve de chegar, tangido pelo pavoroso incêndio que lavrou, em Setembro de 73, na cordilheira dos Andes».

É o segundo livro de Thiago de Mello que sai entre nós. O primeiro saiu no ano passado: «Canto do Amor Armado» (uma antologia feita de materiais dispersos pelos livros até então publicados). Thiago de Mello: antes disso já era certamente um nome conhecido: muitos de nós temos em casa dependurados na parede os «Estatutos do Homem», em poster editado pelo Itau. Aqueles que não estão de todo desfasados da actual literatura — e sobretudo a poesia — brasileira conhecem o nome e pelo menos alguma obra do poeta antes de tudo isto: uma obra que começa a publicar-se em 51, conta com mais de uma dezena de títulos e faz merecer que se fale, a propósito de uma das mais «fortes» (pelo menos «impressivas») vozes da poesia brasileira das últimas duas ou três décadas.

O que dá «força» a esta voz, o que a torna «impressiva»? Talvez isto: a tonalidade, a inflexão. E isto: o privilégio com que o poeta desenvolve a função tanto poética quanto exortativa da linguagem no trato a que a submete para a confecção dos seus poemas. Há ainda a registar uma grande consistência



textual que não reprime de modo algum uma grande fluência discursiva (na aparência, talvez, e por assim dizer, um excesso de discurso). Nenhuma destas notas nos impede de assinalar, em reforço da voz «impressiva» que a leitura desta poesia sempre nos deixa, a sua estrutural comunicabilidade, o optimismo humanista e social da sua intenção explícita e da sua mensagem.

No livro vem um texto muito breve, uma mensagem, de Paulo Freire ao autor. Transcrevemo-lo, e na íntegra, porque diz concisa e lapidarmente aquilo que nós poderíamos dizer sem tanta sugestividade para o leitor: «Eita, Thiago velho de guerra, amigo-sempre, companheiro imenso, Poeta «de mesmo, sorriso constante para o mundo e para os seres humanos, capaz de conversar com uma flor, de entender os passarinhos e doar a vida bonita aos estarapados do mundo, agente o barco, irmão

Precisamos de você, da sua coragem, do seu desprendimento, da sua poesia — um grito de amor e de esperança, esperança na manhã de um amanhã de liberdade que homens e mulheres, oprimidos hoje, teremos de criar. Poeta que propõe aos oprimidos um discurso diferente — sua **palavração**. Um discurso permanente, que abalará vales e montanhas, rios e mares e deixará atônitos e medrosos os actuais donos do mundo. Precisamos do menino que você guarda em você e que ajuda a ser mais homem o homem que você é. Agente o barco, querido amigo! Muitas madrugadas, cheias de orvalho macio, esperam por você. Andarilho da liberdade, você tem ainda muitos trilhos a percorrer; seus braços longos, muitas crianças a abraçar; suas mãos, muitos poemas a escrever.»

Thiago de Mello: «Ainda não é o fim»: «Escondo o medo e avanço. Devagar./Ainda não é o fim. É bom andar,/mesmo de pernas bambas. Entre os alamos,/ no vento anoitecido, ouço de novo/(com os mesmos ouvidos que escutaram: «Mata aqui mesmo!)/um riso de menino./Estou quase canção, não vou morrer/agora, de mim mesmo, mal lavado/de recente e total morte de fogo./A vida me reclama: a moça nua/me chama da janela, e nunca mais/me lembrarei sequer dos olhos dela./Posso seguir andando como um homem/entre rosas e pombos e cabelos/ que em prazo certo me devolverão/ao sonho que me queima o coração./Muito perdi mas amo o que sobrou./Alguns dor, pungindo cristalina/alguma estrela, um resto de campina./Com o que sobrou, avanço, devagar./Se avançar é saber, lâmina ardendo/na flor do cerebelo, porque foi/que a alegria, a alegria começando/a se abrir, de repente teve fim./ Mas que avançar no chão ferido seja/também saber o que fazer de mim».

Já agora, outro poema: «Amor, além do Ofício»: «Trabalho de homem para homem/palavra que me faz ser/escrever não seja ofício/alheio ao chão de viver./Tenha sempre a tessitura/alada da claridade/mas principalmente seja/de serventia a quem vive/ferido na escuridão/tiço varando as funduras/escuras do coração./Ofereço arte poética?/Inauguro nova flor?/Não./Entrego um rumo de amor.»

PARA CRIANÇAS

Escapam-nos o alcance didáctico e o valor pedagógico que pode ter um livro como este: «Vamos Adivinhar-Profissões», de Soledade

VAMOS ADIVINHAR

Profissões



SOLEDADE MARTINHO COSTA

Martinho Costa. É um conjunto de dez textos e dez desenhos: os textos são, cada um, três quadras e intitulam-se «advinha», trata-se de profissões; os desenhos representam as profissões, solução na página seguinte. Escapam-nos o didactismo e a pedagogia deste trabalho, mas não se fica aqui sem uma referência às profissões: alfaiate, jardineiro, professor, dentista, pescador, cozinheiro, barbeiro, pintor, sinaleiro e sapateiro. Já se vê que, para criança a quem o livrinho vá ter às mãos nem todas estas Profissões são muito familiares: dentista e barbeiro, por exemplo...

É o segundo livro assim que a autora publica. O primeiro referia-se a animais. Sobre o segundo, diz Sidónio Muralha, numa breve nota de introdução (não se percebe como é que um livro destinado às crianças há-de ter uma introdução assim): «S. M. C. apresenta-nos o segundo volume da série «Vamos Adivinhar» e atrás dos seus versos estão as profissões, o braço e a ferramenta, o trabalho que enaltece e dignifica, toda a dinâmica daqueles que sabem que um país se faz com luta, perseverança, esforços comuns, e querem ensinar às crianças a suprema arte de construir um futuro, límpido, generoso». Hesitaríamos em recomendar, se fosse caso para isso. (Col. Ver e Pensar, Ed. da Autora)

SOBRE TEIXEIRA GOMES

Joaquim António Nunes: «Da Vida e da Obra de Teixeira Gomes». Generalidades sobre um autor cuja obra está a cair no esquecimento e sobretudo no desinteresse das gerações mais recentes. Não vamos dizer que a obra de Teixeira Gomes é um lugar a revisitar (uma obra a reler) ou a ler, para aqueles que já ou ainda não a leram, respectivamente; pelo menos haverá outras para reler e principalmente para ler com maior urgência (para não falarmos de coisas que há a fazer com urgência maior do que ler, ou reler ainda). Curiosamente, anotamos, são do nosso tempo os únicos meritosos contributos que se deram para o conhecimento estudado desta obra: da dos, um por Urbano Tavares Rodrigues com

«M. T. G. — Introdução ao Estudo da Obra», e David Mourão Ferreira, «Aspectos da Obra de M. T. G.». Estes estudos (em livro) datam dos anos cinquenta e são, que saibamos, da

JOAQUIM ANTÓNIO NUNES



Da vida e da obra de TEIXEIRA GOMES

pouca biobibliografia que há sobre o autor. Ora o presente livro de Joaquim António Nunes, mais do admirador das belas-letas e comprovadamente o admirador do autor de «Sabina Freire», embora, é um trabalho valioso, e pode-se dizer um livro que oferece ao leitor interessado um certo número de **chaves** para abrir a obra de Teixeira Gomes. Isto, além das inúmeras «curiosidades» de carácter biográfico que no livro se revelam e dizem respeito não só ao autor mas à sua vida pública e, por extensão, à vida pública portuguesa no tempo em que Teixeira Gomes viveu. Deve lembrar-se (talvez não se recorde) que Teixeira Gomes foi presidente da República entre 1923 e 1926. (Ed. do Autor, distribuída a Bertrand).

KOESTLER: QUIMERAS

«Tempo de Quimeras», de Arthur Koestler. Êxito em Inglaterra (três edições no ano do lançamento, 73, informação do editor em Portugal), os sociólogos da literatura, melhor do que nós sabemos, dirão porquê. De que se fala neste romance? Da perplexidade em que certos intelectuais se encontram perante as perspectivas que se abrem hoje para a Humanidade quanto ao mundo de amanhã. Koestler: não é raro nós ouvirmos classificá-lo de «reacionário» e não só porque se trata de um inconformado: também porque a sua visão da humanidade e do mundo se estrutura à margem (ou contra) aquilo que parece ser a nossa esperança ou o nosso sonho e a que se chama socialismo. Seria essa uma questão secundária se se tratasse de um escritor cujos méritos como tal relegassem um segundo plano as suas posições políticas. «Tempo de Quimeras», em português e em Portugal, para quê? Eis uma edição sem visível oportunidade. O Koestler preferível será ainda o de «O Zero e o Infinito». «Tempo de Quimeras»; na Europa-América)

URSS (1)

«A História da URSS», de Jean Ellenstein: obra planificada, pelo menos na edição portuguesa, para publicação em quatro volumes saiu o primeiro. Divide-se em três partes: o Império Russo (antecedentes, em relação a 17, remotos e mais próximos, especial incidência na Revolução de 1905); a Revolução de 17; e a guerra civil, até à nomeação de Estaline em 1923. Os três volumes que se seguem deverão sair à média de um por mês. Está na Europa-América, colecção Saber Preço? Não vai longe o tempo em que os livros desta colecção, em proporções normais, custava só 25\$00. Pois, agora, o leitor paga, por, por exemplo, este número 100 nada menos do que 95 paus. Passa-se com os livros afinal o que se passa com tudo.

URSS (2)

A propósito. Líamos o primeiro volume da obra de Ellenstein e lembrámo-nos do livro de John Read, «Os Dez Dias que Abalaram o Mundo». Num confronto inevitável, embora um pouco despropósito: ainda é, para nós, o texto pelo menos mais interessante (um adjectivo basta) sobre os trabalhos e os dias à volta deste assunto que é a revolução Russa de 1917.

Deve lembrar-se: ainda não há muito a mesma Europa-América publicou o texto na sua colecção Livros de Bolso. Se não conhece a obra, e está disponível para o livro, trate de procurá-lo para o ler.

U.R.S.S. (3)

Vem ainda a propósito: a edição de bolso, pela Europa-América e vai para três ou quatro meses de «Os Dez Dias que Abalaram o Mundo» não foi a primeira que se fez em Portugal. Há longos anos que havia uma edição, hoje encontrável somente como raridade nos anti-

quários ou nos vendedores de livros em décima oitava mão. Há dois anos, sensivelmente, que o mesmo texto fora publicado pela editora do «Jornal do Fundão». Lembra-se isto porque o «Jornal do Fundão» ainda tem em armazém muitos exemplares que não vendeu na altura. Tem estado a vendê-los juntamente com seis ou sete ao mesmo tempo para cobrir tardia-mente despesas feitas com as edições. Houve dificuldades, parece, e até foi preciso pôr anúncios nos jornais para chamar o público a desocupar depósitos. Tema para considerações a fazer oportunamente.

PELA LEI NATURAL

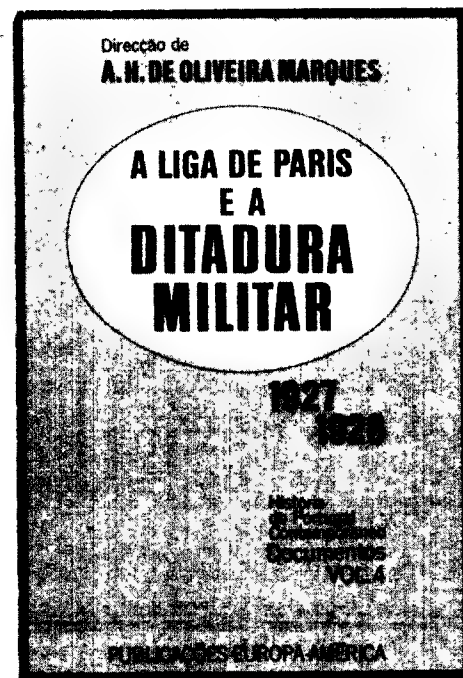
«As Leis Naturais do Casamento», de Wolfgang Wickler: «Em certa medida, foi a enciclopédia **Humanae Vitae** a razão que me levou a escrever este livro» — diz o autor, para começar.

«Dela (da enciclopédia) transparece com clareza a falta de conhecimento das leis da natureza, de que a teologia carece, e a razão por que as directivas nela preconizadas nos parecem inversíveis.» (...) «**Humanae Vitae**» exige a subordinação do comportamento humano aos designios da natureza, declara pecaminosas as relações pessoais quando não se sujeitam às regras corporais permitidas e, assim, transforma uma lei biológica em ética. Isso só é possível mediante uma fundamentação metafísica. Enquanto iludirmos esta fundamentação, esta exigência, não será compreensível e, por isso mesmo, não será considerada como uma exigência ética — será como se se trata de uma ética mística». De que se fala neste livro? Da sexualidade animal como argumento para legitimação da sexualidade humana e do direito (natural) que lhe assiste em função das leis (naturais) que a acompanham — contra as «leis» por vezes desnaturadas que a vigiam e reprimem. Neste sentido (se bem lho atribuímos), o livro ensina alguma coisa. E não pouco. Os casos inumeráveis que aqui se descrevem são — diz o autor — «fruto de dez anos de trabalho de investigação no Instituto Max Planck sobre fisiologia do comportamento e com base na observação de animais tropicais, em liberdade, nas regiões selvagens».

Wolfgang Wickler é discípulo de Konrad Lorenz: pelo menos chama-lhe «mestre». Konrad Lorenz, aliás, escreve um prefácio para o livro. A quem interessam estas matérias? Aos especialistas, sobretudo. Mas também aos curiosos. Numa notícia que o editor entretanto faz chegar até nós sugere-se que o livro deverá recomendar-se a católicos «evoluídos» (dizemos nós), de perspectivas mais abertas mercê de uma mais ampla informação e uma mais fundada formação cultural. Não temos dúvidas de que se houvesse inquisição, o livro iria para a fogueira. E se houvesse exame prévio às obras a publicar, este livro não sairia dos prelos (ou nem aí entraria, por precaução do editor). O que não quer dizer mais do que isso. Ou mais nós, por nós, não sabemos dizer. (Europa-América).

PORTUGAL, 1927, 1928

O volume 4 da «História do Portugal Contemporâneo», que a Europa-América está a publicar sob direcção de A. H. de Oliveira Marques: «A Liga de Paris e a Ditadura Militar». A «Liga de Prais foi a Liga da Defesa da República, que se constituiu na Galiza a seguir à falhada tentativa para derrubar a dita-



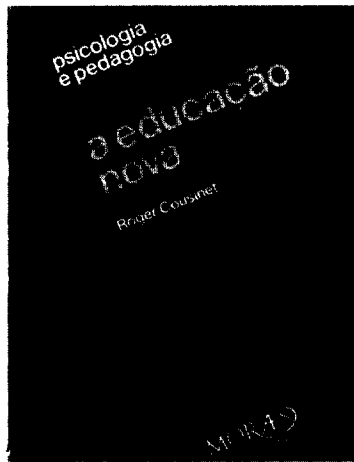
dura de 28 de Maio de 1926, em Fevereiro do ano seguinte. Na Liga entraram, entre os nomes mais conhecidos, Afonso Costa, António Sérgio e Jaime Cortesão. Episódios pouco conhecidos ou mesmo desconhecidos do público português. No livro reúnem-se as actas da Liga, além de documentação vastíssima relativa sobretudo aos anos de 27 e 28, quando o Estado Novo preparava a vida que havia, que haveriam de viver durante quase meio século. Um Portugal historicamente desconhecido da maior parte dos portugueses.



A EDUCAÇÃO NOVA

«Na escola da educação nova (e na família) a educação não é uma missão do professor; não é uma actividade do ensino por parte do professor (ou dos pais). A educação é intrinsecamente uma actividade que parte da criança, ou seja, a tarefa, obra e realização da criança (...). A educação é uma obra que pertence à criança que não tem de ser educada nem de se educar, mas que apenas tem de viver (...). É preciso que se deixe viver a criança em lugar de a impedir de viver e de fazer que em si exista um futuro adulto. É preciso conceder-lhe os meios de viver» (pág. 91). O excerto é da obra «Educação Nova» de Roger Cousinet, cuja terceira edição em português, acaba de vir a lume sob a chancela da Moraes Editores.

Além de definir a prática pedagógica que assenta as suas raízes no «Emílio» de Rousseau, «Educação Nova» abre ao público português uma resenha histórica dos precursores de novos métodos assentes essencialmente na psicologia da criança. A educação nova tem sido atacada, por alguns, e criado «amigos» que pela sua prática a acabam por atacar. Roger Cousinet afirma, com uma argumentação que ultrapassa o âmbito da educação nova: «Quando se quer na verdade convencer simplesmente o adversário demonstrando o que se defende, basta utilizar os vulgares métodos de demonstração e apresentar provas. No caso da educação, que pertence mais ao domínio da acção do que ao pensamento puro e que é uma teoria com vista a uma aplicação, não basta contentar-se em convencer, nem tão pouco se pode fazê-lo; a finalidade é converter. Se o adversário teima, há a possibilidade de se cair na tentação de ceder como prova de boa vontade. Se o tradicionalista faz menção de se aproximar do inovador, este último também avança na sua direcção, faz várias concessões e, se qualquer



deles deu assim alguns passos para fora do seu campo, podem esperar encontrar-se no ponto médio onde reside a virtude. Quando se verifica o encontro, o inovador tem razão para acreditar que a educação nova conta com um adepto mais. Na minha opinião, conta com um adepto a menos».

Uma proposta de pedagogia não directiva é avançada por Roger Cousinet que se pretende na linha de Rousseau, inventor da educação nova. Com efeito, o «Emílio» contém já em si os pontos essenciais que se desenvolveram e foram enriquecendo ao longo dos anos. A psicologia da criança tem sido desde então o tema privilegiado da pedagogia da educação nova. Tolstói, discípulo ardente de Rousseau e verdadeiro continuador da sua mística, é outro dos precursores da educação nova. Ambos seriam classificados por Romain Rolland como «esses dois representantes de uma civilização super-requintada, esses dois apóstolos intransigentes do retorno à natureza». Esta base mística da educação nova seria alargada no seu duplo aspecto filosófico e psicológico. A ciência viria completar o percurso. A filosofia é representada por Stanley Hall e Dewey que se declaram não partidários de Rousseau. A esta corrente filosófica segue-se o contributo das ciências exactas. Binet estrutura a pedagogia experimental. Para as suas investigações pedagógicas funda a

Sociedade para o Estudo psicológico da Criança (hoje Sociedade Binet). É aí que prepara, de 1905 a 1911, a famosa escala métrica da inteligência. A partir de Binet desenvolvem-se então dois tipos de investigação: sobre psicologia infantil e psicologia experimental. Piaget e Walton iniciam estudos acerca das origens do pensamento conceptual na criança. Desenvolvem-se três linhas de abordagem à educação nova, a partir dos dois métodos pedagógicos, sobejamente conhecidos, de Decroly e Maria Montessori. A confluência destas três linhas começa a operar-se um pouco antes do início da Primeira Guerra Mundial.

Após a guerra, regressados a um clima de desencanto, as pessoas começam a preocupar-se e a revelar interesse pela pedagogia. Entretanto, vários métodos se desenvolveram. Útil é o livro para o público português, face às transformações que têm pautado a educação no nosso País e às transformações (sejam elas regresso, sejam elas processo, sejam elas progresso) a que o ensino e educação em Portugal têm assistido e vão a assistir. Métodos são analisados: entre outros, o método de Cousinet (autor do livro a que nos estamos a referir) e o método de trabalho individualizado de Dottrens que entre nós (pelo menos em livro) teve uma significativa divulgação.

A EDUCAÇÃO NO MEIO RURAL

Pertinente e oportuno é o livro «A Educação no Meio Rural», escrito por Pierre Rakotomalala e revisto por Le Thanh Khol. O volume é da colecção «Psicologia e Pedagogia» da Moraes Editores e o seu autor é membro do secretariado da Unesco.

A obra é um somatório das experiências de projectos-piloto de educação «integrada no desenvolvimento rural» tentada pela Unesco num país de África (Uganda) e num país da América Latina (Peru) de 1970 a 1973. «A Educação no Meio Rural» aborda prioritariamente a temática da educação nos países em vias de desenvolvimento. Registe-se que actualmente 60 por cento da população mundial vive no meio rural.

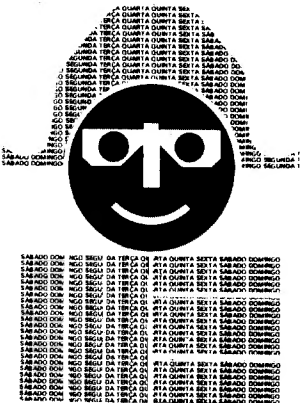
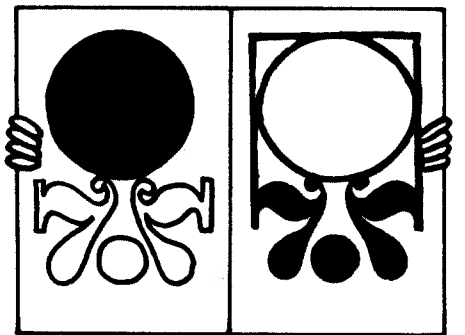
Sendo Portugal um país onde se lançaram no

Verão de 74 as primeiras campanhas de alfabetização inspiradas no método de Paulo Freire, o livro é-nos sem dúvida útil na procura da forma, estrutura e método de uma educação rural, específica, diferente da educação destinada ao educando urbano.

Sobre a educação dos adultos (há 783 milhões de analfabetos no Mundo) as propostas de reflexão avançadas pelo livro são importantes para nós por vários motivos. Se por um lado o Plano de Alfabetização (que urge) ainda não passou do papel à prática, mau grado as débeis tentativas das campanhas de alfabetização, do serviço cívico estudantil e o movimento alfa, que mais funciona como denúncia pública que como alfabetização efectiva, o analfabetismo em Portugal roça pelos 35 por cento. As grandes percentagens encontram-se no mundo rural.

A propósito da alfabetização dos adultos, escreve Pierre Rakotomalala: «A educação dos adultos tem a maior importância para o desenvolvimento rural, porque os adultos são produtores, responsáveis políticos, pois, cuja educação influencia favoravelmente a dos seus filhos; devem, pois, ser educados para não se oporem aos novos valores e técnicas inculcadas aos filhos».

Para lá da visão parcial da educação dos adultos, transmitida pelo autor, releve-se o caso de regimes e sistemas que deram prioridade à alfabetização das massas (estamos a lembrar-nos de Cuba) em que encontraram, e com razão, um potente instrumento mobilizador para a transformação radical de uma sociedade.



caixa do PONTO

Cinema Monumental
(Pr. Saldanha)

AS COISAS QUE O PADRE FAZ...
De Luiz Tegedor (?) e José Alfayate (?)

Tradução: José Andrade e Vasco Morgado Jr.
Encenação: Paulo Renato (?)
Cenário: Octávio Clérigo
Interpretação: Camilo de Oliveira, Carlos Coelho, Maria José, Rita Ribeiro, Clarisse Belo, Paula Delgado, Simone de Oliveira, Jorge Neves, Carlos Cunha e Linda Silva.
Produção: Vasco Morgado.

Um espectáculo para os que gostam de Camilo de Oliveira. Os que gostem de teatro devem abster-se.

Laura Alves
(Rua da Palma, 253 tel. 864756)

VAMOS TROCAR DE MULHERES?
de Luis Rego e Didi Kaminka

Um espectáculo de Badaró... será preciso dizer mais? De fugir?

Adóque
(Teatro Desmontável de Martim Moniz)

A GRANDE CEGADA
de Ary dos Santos, Braga Santos, César de Oliveira, Correia Martins, Ferro Rodrigues, Francisco Nicholson, Gonçalves Preto, J. Luís Gomes

Para os lisboetas que não foram a banhos, para os turistas que procuram os calores

alfacinhas, para quem viu e para quem não viu — aqui está uma revista fresquinha que vale a pena frequentar.

Teatro Aberto
(Pr. de Espanha tel. 770969)

O CÍRCULO DE GIZ CAUXASIANO
de Bertolt Brecht
pelo Grupo 4

Estivemos lá no domingo à tarde — a sala estava cheia! Eis, pois, um exemplo de como o bom teatro pode ter público mesmo em Portugal! Ou de como o Teatro Aberto começou bem com o pé... esquerdo (ou devemos dizer direito?).

Vasco Santana
(Entrecampos tel. 768609)

FASHEN
de David Haren

Esperávamos mais e melhor deste espectáculo. O leitor que pensa?

Grupo de Teatro Proposta
(Rua Vale Formoso, 18)

HISTÓRIAS...
de Osvaldo Dragún, José Ruibal, Teatro Campesino, Enrique Buenaventura e Brecht

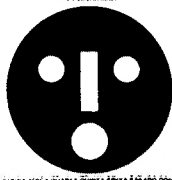
Um espectáculo pensado para um público que talvez não exista.

Casa da Comédia
(Rua de S. Francisco Borja, 24 tel. 607299)

Últimas de um espectáculo que tenta (e falha) pôr Guerra Junqueiro em teatro. O poeta foi mais combativo do que os que agora o recriam.

Momento alto do espectáculo no Adóque: «Mãe Coragem», com a bailarina Magda Cardoso. Em baixo: O jovem que «ri como um índio», é filho do casal Costa Gomes, que não quis perder a «Grande Cegada»





PONTO, contra PONTO

Barreiro
Associação 22 de Novembro
Dia 28, às 21 e 30

MÚSICAS TRADICIONAIS

Música da Bretanha, Escócia e Irlanda.

Conjunto Dovar-Gwen
Voz e instrumentos tradicionais

Trata-se do último concerto da série que este conjunto veio realizar ao nosso País, numa iniciativa da Direcção-Geral da Acção Cultural. O conjunto Dovar-Gwen procura restituir o perfil sonoro das músicas tradicionais da Bretanha, Escócia e Irlanda, utilizando a voz e os instrumentos característicos dessas diferentes regiões.

Silves
Castelo
Dia 3, às 21 e 30

MÚSICA PARA METAIS

Obras de Stanley,
Pestana, Snosko-Borovsky,
Lopes Graça, Lottman
Grupo de Metais de Lisboa

Começam a proliferar, entre nós, formações musicais diferenciadas, baseadas em diferentes combinações instrumentais. Isso reflecte uma saudável tendência dos nossos artistas para, como intérpretes, assumirem um papel criador, transcendendo os limites das orquestras em que se encontram integrados. Está provado que a Orquestra Sinfónica, se ainda constitui hoje o mais poderoso veículo de difusão da cultura musical junto das amplas massas populares, não pode ser considerada o único veículo de descentralização e democratização da música.

Pelo contrário: a difícil mobilidade dos grandes conjuntos sinfónicos torna absolutamente indispensável, com vista a uma acção cultural planeada e persistente, a existência de pequenos agrupamentos, que percorram constantemente o País e mantenham os diversos centros populacionais em contacto com a música.

É, sem dúvida, muito mais rendível, do ponto de vista da democratização da música, fazer uma distribuição regular de pequenos concertos pela chamada província do que promover a deslocação, uma vez por ano, de uma Orquestra Sinfónica a tal ou tal cidade da periferia.

A existência regular de uma actividade musical — assente em conjuntos de câmara de diferente composição, para além do incentivo local aos grupos corais e bandas — é que há permitir o aparecimento de um sólido interesse pela música e do efectivo exercício da função social que lhe é inerente. A música não é só a Orquestra Sinfónica. Nem é num sentido demagógico — accentuando demasiadamente o peso popular das grandes massas corais-instrumentais — que a sua divulgação deve ser pensada. A música é o quarteto de cordas, o trio, diferentes formações só instrumentais, só vocais, ou vocais-instrumentais. É o piano, o violino ou o violoncelo «solos». É também a específica realidade sonora de outras civilizações, de outras culturas, de outras tradições: a «shittan» e a «tabla», por exemplo, que ainda há bem pouco tempo tivemos entre nós; os documentos que nos chegam da Bretanha, da Escócia ou da Irlanda através do Dovar-Gwen.

Congratulemo-nos portanto, com a existência de um conjunto como o Grupo de Metais de Lisboa, constituído, aliás, por alguns dos melhores instrumentistas das nossas orquestras. Congratulemo-nos com a sua presença em Silves e com a regularidade das suas apresentações em várias localidades do País. Música para metais, num castelo medieval, ao ar livre: um bom programa para transformar uma vulgar noite de Verão em tempo de cultura viva.

Silves
Castelo
Dia 4, às 21 e 30

MÚSICA CORAL

Obras de Lopes-Graça



Cosina a Wagner:
«Venho para junto de ti, decidida a encontrar a suprema, a mais sagrada felicidade, ajudando-te a transportar o fardo da vida.»

Cancioneiro de Elvas
Canções Tradicionais

Coral Vértice
Direcção: Manuel Aires

Os fundamentos da nossa tradição musical, na sua manifestação porventura mais abundante: as canções. No caso das obras de Lopes-Graça há que distinguir: ou se trata de canções corais baseadas em documentos do folclore autêntico, que o compositor traz para outro plano, recriando-os e devolvendo-os ao povo, depois de ter explicitado e levado às últimas consequências as respectivas potencialidades estéticas; ou se trata de obras de invenção inteiramente original, de onde, em todo o caso, nunca está ausente um elemento étnico — não apenas português, mas «ibérico» — que é substancial à própria e inconfundível linguagem do compositor. Dirigido por Manuel Aires, o Coral Vértice representa uma iniciativa autónoma de alguns membros do Coro Gulbenkian interessados em cooperar de forma mais activa na divulgação da melhor tradição coral portuguesa.

Tavira
Castelo
Dia 4, às 21 e 30

MÚSICA PARA METAIS

Grupo de Metais de Lisboa
(mesmo programa do dia 3)

Com estes concertos, no Barreiro, em Silves e em Tavira, está preenchida a semana musical. Se outros concertos ou iniciativas musicais se prevêem nestas datas, não temos deles conhecimentos. De qualquer modo, é justo assinalar que a presença da música esta semana, aqui no 7.7, se fica a dever inteiramente à existência de um plano de descentralização promovido pela Direcção Geral da Acção Cultural.



Um inédito de Paul Tortelier

A PROPOS DU SUFFRAGE UNIVERSEL
DANS L'EUROPE OCCIDENTALE ACTUELLE

A la condition première d'être égoïste ou tout au moins insensible aux injustices sociales, il est possible de se sentir heureux en pays capitaliste si, de plus, on est suffisamment pauvre matériellement et c'est pour la bourgeoisie qu'intervient, en régime collectiviste pur, on ne peut connaître la joie qu'à la condition d'être altruiste.

En partant de cette constatation, on s'explique que dans les pays d'Europe occidentale, se soit toujours la démocratie bourgeoise qui l'emporte aux élections car elle a partie liée avec l'égoïsme toujours majoritaire de tous les grands, moyens, petits et aspirants propriétaires qui ont pour critère la «liberté de penser» mais dont la première est de posséder.

Si l'on ajoute encore à ceci que la médiocrité, elle aussi est majoritaire, et que le bon sens paysan qui autrefois pesait dans la balance est en voie de disparition depuis l'avènement de la civilisation industrielle («rush» vers les villes) on admettra que le bien-fondé du suffrage universel en tant qu'éthique pure est devenu contestable de nos jours.

Quoi qu'il en soit, une fois au pouvoir, afin d'accomplir valablement son tâche, il incombe aux chefs politiques — tout comme aux artistes — d'avoir la ferveur d'un grand talent de professionnel et une âme d'amateur.

Paul Tortelier
Estoril, 29 Août 1975

Ainsi que l'a dit un humoriste français: «Il vaut mieux être riche et en bonne santé que pauvre et malade.» Mais, en ce monde, les riches ont le monopole des misères physiques.

Ainda a questão do direito ao B

Disse-me João de Freitas Branco (com B) que foi o célebre chefe de orquestra Hans von Bülow (também com B) o responsável pela tradição dos três BB, entre nós continuada ou ressuscitada por certo maestro sem B. Isto a propósito da nota mais ou menos humorística aqui publicada na semana passada e na qual se reivindicava o direito ao B para muitos outros compositores, anteriores, contemporâneos ou posteriores a Bach, Beethoven e Brahms, ou ao próprio Bülow, que teria inventado a trilogia essencialmente com o fito de esmagar Wagner (com V reforçado: atenção, senhores melómanos do Porto, não torneis ainda mais complicada esta questão de lana-caprina). Entretanto, não consta que a fonética tenha sido propriamente a causa que levou Cosina, filha de Liszt, a trocar o B pelo V (perdão, pelo W), isto é a deixar o seu marido, Bülow, por Wagner.



Hans von Bülow a Cosina:
«A tua presença, o teu olhar, a tua voz, tudo isso era a própria base da minha vida. A perda desse supremo tesouro, cujo valor só reconheço agora, que o perdi, significa a minha ruína moral e artística...»

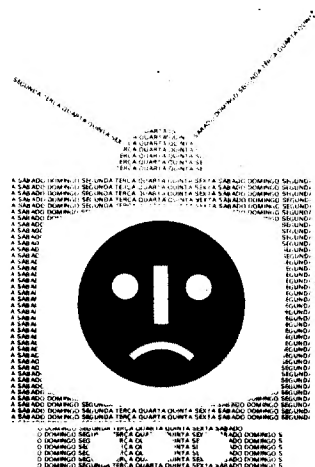
Na condição primeira de ser egoísta ou, pelo menos, insensível às injustiças sociais, haverá possivelmente quem se sinta feliz nos países capitalistas se, ainda por cima, por suficientemente provido de bens materiais e bafado pela sorte (1), enquanto inversamente, em regime colectivista puro, não se pode conhecer a alegria senão na condição de ser altruísta.

Partindo desta certificação, explica-se que, nos países da Europa Ocidental, seja sempre a democracia burguesa a ganhar as eleições, pois ela está originariamente ligada ao egoísmo sempre maioritário de todos os grandes, médios, pequenos e aspirantes a proprietários, que têm por critério a «liberdade de pensar» mas cujo pensamento primeiro é possuir. Se a isto acrescentarmos ainda que a própria mediocridade é maioritária e que o bom-senso camponês, que outrora pesava na balança, se encontra em vias de desaparecimento desde o advento da civilização industrial («corrida» (2) para as cidades), terá de admitir-se que o fundamento do sufrágio universal, enquanto ética pura, se tornou contestável nos nossos dias.

Seja como for, a fim de cumprir validamente as suas tarefas, incumbe aos chefes políticos, uma vez no poder, — tal como aos artistas —, demonstrar ao mesmo tempo grande talento de profissional e alma de amator.

Paul Tortelier
Estoril, 29 Agosto de 1975

(1) Tal como disse um humorista francês: «Mais vale ser rico e saudável do que pobre e doente». Se lhes dêssemos crédito, aos ricos, eles teriam o monopólio das misérias físicas.
(2) Em inglês no texto.



TV/PONTO

Sábado, 28

I PROGRAMA

- 14.00 Telejornal — 1.ª edição
(primeira selecção de notícias)
- 14.15 Hoje Pode Ver
(cartaz dos programas da RTP)
- 14.25 Retrospectiva
- 14.40 Culinária
(na cozinha é um descanso)
- 15.05 Aconteceu, Acontece...
- 15.35 «Jovens Rebeldes»
(série filmada)



- 16.30 Fungagá da Bicharada
(um programa para crianças, inserido na grande escalada da mediocridade)
- 17.00 «Casa Georgiana»
(série filmada)
- 17.30 Campismo
(transmissão dos Estúdios da RTP no Porto)
- 17.55 Da Saúde e da Vida
- 18.10 Brahms
(Sinfonia n.º 1, em dó menor)
- 19.00 Stop
(sobre prevenção rodoviária. Filipe Nogueira numa constante reverência ao agente da autoridade)
- 19.15 Cinema de Animação
(Vasco Granja apresenta)
- 19.50 «Gente do Amanhã»
(pretensa ficção científica, p'ra entreter a gente de hoje. Série filmada)
- 20.10 Cartaz TV
(os programas da RTP para a próxima semana, apresentados por Jorge Alves. A fechar, uma historinha de desenhos animados para os mais pequeninhos)
- 20.30 Telejornal — 2.ª edição
(as notícias)
- 21.05 Coisas e Loisas
(o bom o mau e o feio numa série da Radiotevisão Italiana)



- 22.15 Em Debate
(?)
- 23.10 Telejornal — 3.ª edição

II PROGRAMA

- 20.00 Concerto Popular
(pela Banda da G.N.R. No programa: Abertura do «Freischütz», de Weber; «Suite Anticiana», de Keesvelar; música do filme «A Severa», de Frederico de

Freitas; «O Voo do Moscardo», de Rimsky Korsakov)

- 20.45 Azulejaria Portuguesa
- 21.10 Clássicos do Cinema
(«Barba Negra», Realização de George Pallu. Depois, no final, Felix Ribeiro e Lauro António fazem um pequeno resumo histórico da Invicta Filmes, produtora da película. Colaboração musical de Melo Pereira)
- 22.10 Telejornal

Domingo, 29

I PROGRAMA

- 12.00 Missa de Domingo
(amen!)
- 12.40 A Terra, o Mar e a Gente
(folclore de Miranda)
- 13.10 No Jardim Zoológico
- 13.35 Desenhos Animados
- 13.50 Hoje Pode Ver
(cartaz dos programas da RTP)
- 14.00 Automobilismo
(via Eurovisão: transmissão directa de Andveert do início do Grande Prémio da Holanda — Fórmula 1)
- 14.15 Telejornal — 1.ª edição
(primeira selecção de notícias nacionais e estrangeiras)
- 14.30 Automobilismo
(Grande Prémio da Holanda — Fórmula 1)
- 16.00 «O Professor Azarento»
(um filme realizado por John Boulting em 1958, com Terry Thomas e Ian Carmichael. Não pega)
- 17.35 Presença do Brasil
(um programa bem educado)
- 18.05 Hoje há Palhaços
(hoje!?)
- 19.00 «Heidi»
(desenhos animados)
- 19.30 TV Rural
(questões agrárias apresentadas por Sousa Veloso)



- 20.00 «Os Goodies»
(quero!)
- 20.30 Telejornal — 2.ª edição
- 21.05 Civilização
(no programa: grandeza e obediência)
- 22.00 «Clayhanger — Vidas Perdidas»
(série filmada inspirada na obra homónima de Arnold Bennett)
- 23.00 Telejornal — 3.ª edição

II PROGRAMA

- 20.00 «O Capitão Kloss»
(a pedido de muitas famílias e a pretexto de ter sido «Éxito na TV»)



- 21.00 Jogos Sem Fronteiras
(os burgueses divertem-se)
- 23.00 Cinema de Animação
(Vasco Granja explica como é)

Segunda, 30

I PROGRAMA

- 19.00 «A Pedra Branca»
(série filmada)
- 19.25 Programa Musical
(Manuel Freire. Transmissão do Porto)
- 19.55 Futebol
(em directo de Bruxelas, o jogo da 2.ª mão da Super Taça entre o Anderlecht e o Bayern de Munique)
- 21.45 Campo e contracampo
(Belém, as torres dos Jerónimos, a Praça da República, todos os patrimónios nacionais e culturais. Falava um elemento importante: os patéis de Belém, os seus segredos e outras coisas. Jorge Listopad conta)
- 22.15 Telejornal
(noticiário do País e do estrangeiro)

II PROGRAMA

- 20.00 «O Sobrinho da América»
(série-filmada-série)

- 20.25 A Arte Magaxe
(da série «O Homem e a Arte», na rubrica «Encontro com o Passado»)
- 20.55 «S.O.S.»
(série policial)
- 21.45 TV Jazz
(às voltas com o I Internacional de Jazz da Figueira da Foz)

Terça, 31

I PROGRAMA

- 19.00 «A Pedra Branca»
- 19.25 Corpo Musical
(?)
- 20.00 Ver
(Equipa Crónica: criar e falar em conjunto)
- 20.30 Telejornal — 1.ª edição
(notícias)
- 21.05 «O Grande Amor de Balzac»
(de como se transforma Balzac num pinga-amor)
- 22.10 Terça à Noite
(há Joaquim Letria)
- 23.00 Telejornal — 2.ª edição
(depois, o fecho)

II PROGRAMA

- 20.00 «Wickie, o Viking»
(ó Elisa chama os miúdos)
- 20.25 «Os Goodies»
(ó João acorda o pai)
- 20.55 Passatempo
(todos p'ra cama!)
- 21.50 Telejornal
(em repetição da edição transmitida às 20 e 30 no I)
- 22.25 Concerto
(pelo Coro de Santo Amaro de Oeiras, sob a direcção de César Batalha)

Quarta, 1

I PROGRAMA

- 19.00 «A Volta ao Mundo em 80 Dias»
(Carlos Lopes não fazia melhor)
- 19.25 Arte do Ex-Libris
(a história do ex-libris. Os artistas modernos e o ex-libris. A exposição na Gulbenkian)
- 20.05 Educação Permanente
(precisa-se!)
- 20.15 Vamos Jogar no Totobola
(Filho Gouveia no papel de Totobolinhas)
- 20.30 Telejornal — 1.ª edição
(noticiário ao ritmo pluralista)
- 21.00 Momento Político
(política do momento, suponho)
- 21.20 «Tempos Melhores»
(aqui vai mais um filme americano: realizado em 1944 por Edwin Marin, com interpretações de Eddie Cantor, Constance Moore e George Murphy)



- 23.10 Telejornal — 2.ª edição
(velhas novidades)

II PROGRAMA

- 20.00 «Roman Holidays»
(desenhos animados)
- 20.30 Fronteiras do Amanhã
(a ciência e a técnica a trabalhar para o futuro)
- 20.45 Da Saúde e da Vida
(quero as duas)
- 21.00 «Sweeney»
(a prestigiosa Polícia inglesa a resolver à tapona os problemas da criminalidade)



- 21.55 Telejornal
(muito bem repetido)
- 22.25 Sabe o que é um Hobby?
(ó Jaiminho traz-me o black and decher)

Quinta, 2

I PROGRAMA

- 19.00 «Aninhas e o Tio das pernas Altas»
e «Bapapapa»
- 19.30 «Segredos do Mar Vermelho»
(inconfidências em série filmada)
- 20.00 TV Palco
(Igrejas Caeiro leu o Sete-Ponto-Sete e trouxe a «Grande Cegada» para o TV Palco. Aquele abraço)
- 20.30 Telejornal — 1.ª edição
(as primeiras do dia às oito e meia da noite)
- 21.00 Momento Político
(Diga à gente / Diga à gente / Como vai este País...)
- 21.30 «Padre Brown»
(depois do Columbo, com a sua gabardine, só o padre Brown com a sua batina. Uma série policial gostosa)



- 22.30 Memórias do Nosso Tempo
(obrigatório!, para que o Mundo não esqueça)
- 23.00 Telejornal — 2.ª edição
(então muito boa noite)

II PROGRAMA

- 20.00 «A Mulher Vestida de Branco»
(nem assim)
- 20.30 «Os Encantos de Madeira»
(se tem o segundo canal, veja outra vez)
- 22.35 Telejornal
(impecavelmente repetido)

Sexta, 3

I PROGRAMA

- 19.00 «Volta ao Mundo em 80 Dias»
- 19.25 Encontro
(?)
- 20.00 Momento Desportivo
(O desporto em debate. Programa ambicioso, tá visto)
- 20.30 Telejornal — 1.ª edição
(notícias frescas e em salmoura)
- 21.05 Terra a Terra Minha Gente
(verdadeira agressão ao telespectador. Não consinta. Desligue)
- 22.35 Há Só uma Terra
(pronto, já passou. Pode ligar, que «Há Só uma Terra»...)
- 23.00 Telejornal — 2.ª edição
(depois, óó)

II PROGRAMA

- 20.00 «Pippi das Meias Altas»
(tá mais crescida, a Pippi)
- 20.30 Cantigamente
(de volta? Quê que lhe deu? Vamos já ver isso, homem!)
- 22.00 Telejornal
(já vi, obrigadinho)
- 22.30 Civilização

SOLUÇÕES

HORIZONTAIS:

1/4 Jean Seberg; 7 Par; 10 Io; 11 Iró; 12 Copa; 13 Arredara; 15 Asir; 16 Ural; 17 T1; 18 Aas; 19/25 SILVIA KRISTEL; 22 Coe; 23 Ogro; 29 Ru; 30 Soam; 31 Aio; 33 N. S.; 35 Maricá; 37 Oc; 38 Aparos; 40 Adornado; 41 Lista; 45 Rm; 46 Cosia; 47 Amor; 51 Sarro; 52 Sã; 54 Relas; 56 Rois; 57/68 CRISTINA ONASSIS; 60 Aer; 61 Radiar; 63 Lao; 64 Ameã; 65 Vo; 66 Drs; 67 Vós; 72 Ovas; 73 Abanasse.

VERTICAIS:

1/32 JUAN CARLOS; 2 Air; 3 Noe; 4 Siara; 5 Erras; 6 Boal; 7 Postigo; 8 Api; 9 Rara; 12 Calvos; 14/48 DUARTE MENDES; 19 Sorriso; 20 Yeu; 21 Ara; 24 Omitamos; 25 Kano; 26 Riscam; 27 Io; 28 Liara; 34 Pão; 35 Mandarimos; 36 Rod; 39 Pr; 42 Isar; 43 Siro; 44 Tarim; 45 Rescaldo; 49 Olaio; 50 Rã; 53 Aerar; 55 Serena; 58 Iroso; 59 Trava; 62 Pose; 65 Vis; 68 Ob; 69 An; 70 Sa; 71 SS.



UMA LAGRIMA A UM DIA DE VIAGEM e um verso variante

Volta ao covil a velha ratazana
 Cheia de gelhas e cintilações de vidro óptico
 Cheia de chios de advertência dos gârrulos compadres
 Cheia de cheiros pestilenciais e devotos
 Cheia de cio & cia em pilulas peganhentas
 Cheia de enxertos e próteses glandulares
 Cheia de banha branca decantada de miles mortos negros
 Cheia de baba discursiva nas corrilhas da papada
 Cheia de queixos e queixinhas articulares sanguntadas
 de compota de metafísica
 Cheia de perímetros com raio nulo
 Cheia de si.

Está à boca da tóca a rata macaca
 Mendigando duas linhas mais na história da toca
 Maquilhando a córnea opaca com fundos de garrafa
 Benquilhando o corno alheio com a profunda presença
 Sulquilhando de novo o mar antigo nunca dantes dantes dentes
 Colando escalpes de carapinha no púbis e sovâcos
 Trauteando senilidades com os foles do bócio
 Vestindo a pelagra como um camuflado de ir às compras
 Praticando o tiro ao alvo com perdigotos cuspilheiros
 Coçando a pulga para justificar o movimento
 Crendo, científica e fatimamente,
 que estar vivo é mexer.

Chegou a filhoca prática.
 Mate-se o vital mais gordo.
 Chegou a rata prodígia.
 Mate-se a filhó mais gorda.
 Chegou o Passado Porco.
 Mate-se o Futuro Mais Decente. (+)

(+) variante: Sirva-se bem passado.

João Pedro Grabato Dias
 (para que conste)